

PPGPSI

UMA DÉCADA DE CONTRIBUIÇÃO À PESQUISA
EM PSICOLOGIA NA BAIXADA FLUMINENSE

Organizadores

Emmy Uehara Pires - Ronald Ericeira - Valéria Marques de Oliveira



São José dos Pinhais

BRAZILIAN JOURNALS PUBLICAÇÕES DE PERIÓDICOS E EDITORIA



2024

Emmy Uehara Pires
Ronald Clay Ericeira
Valéria Marques de Oliveira
Organizadores

**PPGPSI – Uma década de
contribuição à pesquisa em
psicologia na baixada fluminense**

1ª Edição

Brazilian Journals Editora
2024

2024 by Brazilian Journals Editora
Copyright © Brazilian Journals Editora
Copyright do Texto © 2024 Os Autores
Copyright da Edição © 2024 Brazilian Journals Editora
Editora Executiva: Barbara Luzia Sartor Bonfim Catapan
Diagramação: Aline Barboza Coelli
Edição de Arte: Rafael Mathias
Revisão: Os Autores

Todas as informações incluídas nesta obra, como texto, gráficos, tabelas e imagens são de responsabilidade de seus respectivos autores. Dessa forma, está permitido o download do livro e uso das informações, desde que sejam mencionados os autores dos capítulos. Qualquer outra cópia, distribuição, retransmissão ou modificação das informações contidas neste material, na forma eletrônica ou impressa, sem permissão anterior expressa, é estritamente proibida.

Conselho Editorial:

CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Prof^a. Dr^a. Fátima Cibeles Soares - Universidade Federal do Pampa, Brasil
Prof. Dr. Gilson Silva Filho - Centro Universitário São Camilo, Brasil
Prof. Msc. Júlio Nonato Silva Nascimento - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Brasil
Prof. Caio Henrique Ungarato Fiorese - Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Tonani Tolfo - Centro Universitário de Rio Preto, Brasil
Prof^a. Dr^a. Celeide Pereira - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Rafael de Almeida Schiavon - Universidade Estadual de Maringá, Brasil
Prof. Dr. João Tomaz da Silva Borges - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

CIÊNCIAS DA SAÚDE

Prof^a. Dr^a. Juliana Barbosa de Faria - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof^a. Msc. Marília Emanuela Ferreira de Jesus - Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof^a. Dr^a. Rejane Marie Barbosa Davim - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Prof. Msc. Salvador Viana Gomes Junior - Universidade Potiguar, Brasil
Prof. Dr. Caio Marcio Barros de Oliveira - Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof. Msc. Alceu de Oliveira Toledo Júnior - Universidade estadual de Ponta Grossa, Brasil
Prof^a. Msc. Michelle Freitas de Souza - Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Esp. Haroldo Wilson da Silva - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Prof^a. Msc. Eulália Cristina Costa de Carvalho - Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof^a. Dr^a. Gabrielle de Souza Rocha - Universidade Federal Fluminense, Brasil

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS



Ano 2024

Prof. Dr. Orlando Ramos do Nascimento Júnior - Universidade Estadual de Alagoas, Brasil

Prof. Dr. José Arilson de Souza - Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Profª. Drª Silvana Saionara Gollo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil

Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Brasil

Prof. Msc Fabiano Roberto Santos de Lima - Centro Universitário Geraldo di Biase, Brasil

Prof. Dr. Helder Antônio da Silva - Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas Gerais, Brasil

Profª. Drª. Adriana Estela Sanjuan Montebello - Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Profª. Msc. Juliane de Almeida Lira - Faculdade de Itaituba, Brasil

Prof. Dr. Artur José Pires Veiga - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

CIÊNCIAS HUMANAS

Profª. Drª. Angela Maria Pires Caniato - Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Profª. Msc. Maria Elena Nascimento de Lima - Universidade do Estado do Pará, Brasil

Profª. Drª. Mariza Ferreira da Silva - Universidade Federal do Paraná, Brasil

Prof. Msc. Daniel Molina Botache - Universidad del Tolima, Colômbia

Prof. Dr. Jadson Justi - Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Profª. Drª. Alexandra Ferronato Beatrice - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil

Profª. Drª. Carolina de Castro Nadaf Leal - Universidade Estácio de Sá, Brasil

Prof. Dr. André Luís Ribeiro Lacerda - Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Profª. Drª. Rita de Cássia da Silva Oliveira - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Prof. Dr. Luiz Antonio Souza de Araujo - Universidade Federal Fluminense, Brasil

Prof. Dr. Adelcio Machado - Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Brasil

Prof. Dr. Alecson Milton Almeida dos Santos - Instituto Federal Farroupilha, Brasil

Profª. Msc. Sandra Canal - Faculdade da Região Serrana, Brasil

ENGENHARIAS

Profª. Drª. Genira Carneiro de Araujo - Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Prof. Dr. Armando Carlos de Pina Filho - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Prof. Dr. Edmilson Cesar Bortoletto - Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Prof. Dr. Richard Silva Martins - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense, Brasil

Profª. Msc. Scheila Daiana Severo Hollveg - Universidade Franciscana, Brasil

Prof. Dr. José Alberto Yemal - Universidade Paulista, Brasil

Profª. Msc. Onofre Vargas Júnior - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

Prof. Dr. Paulo Henrique de Miranda Montenegro - Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Prof. Dr. Claudinei de Souza Guimarães - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Profª. Drª. Christiane Saraiva Ogradowski - Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Prof. Dr. Eduardo Dória Silva - Universidade Federal de Pernambuco, Brasil



Ano 2024

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Brasil

Prof^a. Dr^a. Ercilia de Stefano - Universidade Federal Fluminense, Brasil

Prof^a Dr^a Consuelo Salvaterra Magalhães - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof^a. Dr^a. Djanavia Azevêdo da Luz - Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Prof. Dr. Carlos Alberto Mendes Moraes - Universidade do Vale do Rio do Sino, Brasil

Prof^a. Msc. Alicia Ravelo Garcia - Universidad Autónoma de Baja California, México

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Prof^a. Dr^a. Caroline Gomes Mâcedo - Universidade Federal do Pará, Brasil

Prof^a. Dr^a. Jane Marlei Boeira - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Brasil

Prof^a. Msc. Alexandra da Rocha Gomes - Centro Universitário Unifacvest, Brasil

Prof^a Dr^a María Leticia Arena Ortiz - Universidad Nacional Autónoma de México, México

CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

Prof. Dr. Dilson Henrique Ramos Evangelista - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil

Prof. Msc. Raphael Magalhães Hoed - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Prof^a. Dr^a. Joseina Moutinho Tavares - Instituto Federal da Bahia, Brasil

Prof. Dr. Márcio Roberto Rocha Ribeiro - Universidade Federal de Catalão, Brasil

Prof. Dr. Marco Aurélio Pereira Buzinaro, Instituto Federal de Sergipe (IFS), Brasil

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

Prof. Dr. Wagner Corsino Enedino - Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

PPGPSI [livro eletrônico]: uma década de contribuição à pesquisa em psicologia na baixada fluminense / organizadores Emmy Uehara Pires, Ronald Clay Ericeira, Valéria de Oliveira Marques. -- 1. ed. -- Curitiba, PR: Brazilian Journals, 2024. PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-6016-051-4

1. Psicologia 2. Psicologia clínica I. Pires, Emmy Uehara. II. Ericeira, Ronald Clay. III. Marques, Valéria de Oliveira.

24-213832

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Brazilian Journals Editora
São José dos Pinhais – Paraná – Brasil
www.brazilianjournals.com.br
editora@brazilianjournals.com.br



Ano 2024

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
----------------	---

APRESENTAÇÃO	12
--------------------	----

LINHA DE PESQUISA 1 - PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E COLETIVOS

CAPÍTULO 01	14
PROJETOS DE VIDA E PROJETOS PROFISIONAIS, TRILHANDO CAMINHOS E ENTRELACANDO HISTÓRIAS	
Luciene Alves Miguez Naiff	

CAPÍTULO 02	20
PROMOÇÃO DA SAÚDE E BEM-ESTAR EM DIFERENTES CONTEXTOS: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA NA SOCIEDADE, NAS ORGANIZAÇÕES E NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO	
Marcos Aguiar de Souza	

CAPÍTULO 03	28
CARL GUSTAV JUNG NO PPGPSI DA UFRRJ: UMA OBRA ABERTA, EM BUSCA DE UMA ESTÉTICA, COM ÉTICA	
Nilton Sousa da Silva	

CAPÍTULO 04	34
CRUZANDO FRONTEIRAS INTERDISCIPLINARES A MEMÓRIA SOCIAL, AS HISTÓRIAS DE VIDA E OS DIREITOS HUMANOS	
Ronald Clay dos Santos Ericeira	

CAPÍTULO 05	41
MINHA TRAJETÓRIA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)	
Silvia Maria Melo Gonçalves	

LINHA DE PESQUISA 2 - CLÍNICA, SAÚDE, EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

CAPÍTULO 06	47
DEZ ANOS DE HISTÓRIA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto	

CAPÍTULO 07	52
CLÍNICA E EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL	
Deborah Uhr	

CAPÍTULO 08	57
NEUROPSICOLOGIA NA UFRRJ: PESQUISAS NO CONTEXTO DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO	
Emmy Uehara Pires	

CAPÍTULO 09	63
UM PEDAÇO DO MEU CORAÇÃO: COALIZÕES EPISTÊMICAS E CLÍNICA PSICANALÍTICA COM AS MARGENS Fernanda Canavêz	
CAPÍTULO 10	69
PSICOFARMACOLOGIA E PSICOLOGIA: SABERES ENTRELAÇADOS EM SAÚDE MENTAL Jaqueline Rocha Borges dos Santos	
CAPÍTULO 11	74
PESQUISAS EM PSICOLOGIA DA SAÚDE: DA ATENÇÃO BÁSICA AO CONTEXTO HOSPITALAR Lilian Maria Borges	
CAPÍTULO 12	82
A LINHA: CARTOGRAFIA DO PERCURSO DE PESQUISA Luciene de Fátima Rocinholi	
CAPÍTULO 13	89
DO RISCO INDIVIDUAL AO CUIDADO AMPLIADO: A SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM QUESTÃO Luna Rodrigues	
CAPÍTULO 14	96
DIÁLOGOS COM A TEORIA DE WILHELM REICH: UM OLHAR CLÍNICO-SOCIAL SOBRE A PRODUÇÃO DE CORPOS EM ALGUMAS PESQUISAS DE PPGPSI Marcus Vinicius Câmara	
CAPÍTULO 15	104
PSICANÁLISE E TEORIA QUEER: INTERLOCUÇÕES EM BORDAS TENSIONADAS Mariana Ferreira Pombo	
CAPÍTULO 16	109
ANÁLISE NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATÓRIA: UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA Valéria Marques de Oliveira	
CAPÍTULO 17	117
ENTRE A PSICOLOGIA CLÍNICA, EPIDEMIOLOGIA E AVALIAÇÃO EM SAÚDE: UM POUCO DE TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO Wanderson Fernandes de Souza	

PREFÁCIO

Caro Leitor,

Inicialmente, gostaria de deixar registrado aqui o meu agradecimento ao convite para realizar esta tarefa tão primordial e essencial que é escrever o Prefácio de um livro. Escrever um pouco sobre o conteúdo e o que se espera do Ebook **PPGPSI - uma década de contribuição à pesquisa em psicologia na baixada fluminense** não é uma tarefa elementar. Organizado pelos Docentes Emmy Uehara Pires, Ronald Ericeira e Valéria de Oliveira Marques, a obra contempla um olhar acurado dos Docentes que contribuíram nesses 10 anos do Programa, com grandes avanços na pesquisa em Psicologia através das linhas “Processos psicossociais e coletivos” e “Clínica, saúde, educação na contemporaneidade”.

Tenho a honra de apresentar ao público acadêmico a trajetória de profissionais altamente qualificados e comprometidos com a formação de recursos humanos de alto nível.

Conheço grande parte dos autores desde a formação inicial do Mestrado e depois no processo de criação de Doutorado quando da minha passagem pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFRRJ (abril 2013 - março 2017). Pude perceber, desde aquela ocasião, que esse grupo trazia algo especial, uma vontade muito grande de crescer.

A Coordenação do PPGPSI esteve sempre atenta ao cumprimento de prazos e metas, evidenciando uma organização ímpar. Lembro-me bem da Prof^a Luciene Naiff, então coordenadora do Programa no início, quando em 2013 me procurou preocupada com o baixo número de docentes (8) e o impacto que poderia ter ao Curso que ora iniciava. Na ocasião, ela apresentava os nomes dos professores Rosane Melo e Ronald Ericeira como professores do quadro permanente do mestrado e da professora Silvia Gonçalves como colaboradora. A entrada de Docentes nos Programas de Pós-graduação era avaliada através de um processo chamado “Credenciamento” que dependia da avaliação da Pró-Reitoria.

A história do PPGPSI é de sucesso e fico muito feliz em saber que pude contribuir um pouquinho para isso, mas o mérito é todo da equipe (Docentes e Discentes). Saber que em 10 anos foram titulados cento e noventa e seis mestres e de 2019 para cá onze doutores em Psicologia é motivo de muito orgulho.

Assim, nas próximas páginas, o leitor encontra relatos das memórias e trajetórias acadêmicas de dezessete docentes que ajudaram a construir e engradecer o PPGPSI entre 2012 e 2023. Os Docentes destacam os fatos mais marcantes e elementos mais pertinentes de suas atuações, orientações e publicações durante o seu percurso como professores do Programa.

Esses relatos demonstram o engajamento dos docentes com o Programa e forte motivação para o seu crescimento. Cada um, à sua maneira, apresenta os temas de suas pesquisas e trazem, em especial, a contribuição dos projetos desenvolvidos com os alunos para uma realidade muito especial e marcante que é a baixada fluminense. Esse olhar de cada um nos faz refletir e conhecer um pouco mais da região através das questões levantadas pelas pesquisas. O leitor vai poder mergulhar na história de cada um dos docentes que compartilharam seus sonhos, tornando-os reais, numa região tão carente de transformações sociais.

Inicialmente, são abordadas as experiências dos docentes da Linha de Pesquisa “**Processos psicossociais e coletivos**”, que desenvolvem suas pesquisas nas áreas de territórios de existência, ambiente, construção de subjetividades,

representações sociais, memória social, identidade social com diferentes objetos de pesquisa, entre os quais, educação, direitos humanos, saúde, raça, juventude, gênero e cultura.

Prof^a. Luciene Alves Miguez Naiff aborda os principais projetos que desenvolve no Programa e suas experiências nos aspectos psicossociais da contemporaneidade, através de pesquisas com Preconceito, Direitos Humanos e Representações Sociais; Racismo, xenofobia, LGBTfobia e machismo.

Prof. Marcos Aguiar de Souza relata seus estudos sobre a importância da promoção da saúde para as organizações e Instituições de Ensino, de modo a garantir a existência delas.

Prof. Nilton Sousa da Silva nos faz refletir sobre a obra de Carl Gustav Jung no contexto da busca da estética, em conexão com pedaços da História da África, Europa, Ásia e América, especialmente, Brasil.

Prof. Ronald Clay dos Santos Ericeira apresenta resultados do seu grupo de estudos de “Psicologia e Direitos Humanos”, focalizando em diversos grupos considerados minoritários ou mais fragilizados socialmente: mulheres, refugiados, população LGBTQIA+ minorias religiosas, crianças e adolescentes, pessoas vivendo com HIV-AIDS.

Prof^a Silvia Maria Melo Gonçalves nos traz o conhecimento de sua experiência em Psicologia Positiva, destacando a sua origem quanto ciência e sua experiência desde a graduação e de como foi prazeroso “estudar felicidade, satisfação com a vida, emoções positivas e qualidade de vida”.

A seguir, o livro traz as experiências dos docentes da Linha de pesquisa “**Clínica, saúde, educação na contemporaneidade**”, pesquisas nas áreas de bem-estar subjetivo, estresse, saúde mental, saúde pública e desenvolvimento pessoal em diferentes contextos, bem como nas áreas da aprendizagem, cognição e comportamento relacionados a temas como educação, saúde, trabalho e desenvolvimento.

Prof^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto aborda a sua experiência de dez anos do laboratório de estudos sobre violência contra crianças e adolescente e de sua importância para os estágios profissionais, oferecendo atendimento gratuito e de qualidade à comunidade e orientando a formação do exercício profissional de psicólogos.

Prof^a Deborah Uhr apresenta a sua trajetória acadêmica e profissional nos campos da Saúde Mental, da Saúde Coletiva e da Psicanálise.

Prof^a Emmy Uehara Pires nos apresenta a sua experiência em Neuropsicologia, que estuda as relações entre o cérebro e o comportamento, com foco na compreensão dos processos cognitivos e emocionais.

Prof^a Fernanda Canavêz nos leva aos caminhos do conceito de “Transferência” através de um doce relato sobre a experiência de alunos no nosso *Campus*.

Profª Jaqueline Rocha Borges dos Santos apresenta sua trajetória com os saberes de Psicofarmacologia e Psicologia convergindo para temáticas em Saúde Mental através de questões que envolvem depressão, ansiedade, estresse e a relação com drogas de abuso.

Profª Lilian Maria Borges nos conduz à Psicologia da Saúde, com suas pesquisas na interface entre saúde e desenvolvimento humano, embasada no aporte teórico-metodológico da Terapia Cognitivo-Comportamental.

Profª Luciene Rocinholi evidencia sua atuação quando de sua chegada à Universidade com foco em trabalhos de avaliação neuropsicológica em crianças e adolescentes e da importância de seu trabalho no colégio técnico da Universidade. Atualmente, dedica-se a pesquisas sobre cartografia e subjetividade.

Profª Luna Rodrigue Freitas Silva nos traz sua experiência em pesquisa no campo das práticas de atenção à infância e adolescência, tematizando as noções de risco, vulnerabilidade e cuidado no campo da saúde mental de crianças e adolescentes.

Prof. Marcus Vinicius Câmara nos oferece uma abordagem sobre estudos da teoria de Wilhelm Reich concernente à produção de corpos, fruto de seu Grupo de Estudos com objetivo de discutir os principais conceitos teóricos, as técnicas fundamentais da Análise Reichiana e estabelecer articulações com outros autores e teorias, visando um conhecimento mais consistente no campo da clínica psicológica.

Profª Mariana Ferreira Pombo aborda a sua pesquisa na área fronteiriça entre Psicanálise e Estudos de Gênero e Queer, buscando indicar pontos de continuidade e de descontinuidade dessa pesquisa tanto com a sua própria trajetória como pesquisadora, como com a conjuntura de pesquisas nesse campo.

Profª Valéria Marques de Oliveira nos traz sua experiência no campo da “Análise Narrativa Dialógica Emancipatória”, através de uma proposição metodológica pela sua vasta experiência no tema.

Finalizando, Prof. Wanderson Fernandes de Souza, traz um relato detalhado de sua experiência nesses 10 anos do Programa, com trabalhos transitando pelas áreas clínica, psicométrica, estudos laboratoriais, psicologia do esporte e saúde no trabalho.

Espero ter ilustrado para o leitor o vasto campo de atuação dos docentes do PPGPSI, com impacto na formação de recursos humanos de alto nível.

Seropédica, RJ, em março de 2024.

Prof. Roberto Carlos Costa Lelis

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFRRJ, de abril de 2013 a março de 2017

APRESENTAÇÃO

Ronald Clay dos Santos Ericeira

O curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) começou no ano de 2010. Isso aconteceu graças à ampliação do número de docentes vinculados ao Departamento de Psicologia – DEPSI, possibilitada pelo REUNI. É oportuno ressaltar que a expansão do ensino de Psicologia na UFRRJ tem ocorrido com base na missão expressa em seu Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, a saber: gerar, socializar e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, indissociavelmente articulados, de modo a contribuir para o desenvolvimento das áreas de abrangência de nossa instituição.

Outrossim, cabe destacar que a UFRRJ ofereceu as condições administrativas e físicas necessárias não somente à criação do curso de graduação em Psicologia, mas também para implantação de uma pós-graduação *stricto sensu* na área. Assim, em 2012, os docentes do DEPSI criaram o Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGPSI, em nível de Mestrado. À época, percebeu-se que havia uma grande demanda por melhor qualificação acadêmica e profissional em Psicologia. Muitos formados nesse campo de estudo ou em áreas afins e que atuavam na Zona Oeste do Rio de Janeiro ou na Baixada e Sul Fluminenses não conseguiam ingressar ou permanecer em uma pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia, devido à distância de seus locais de moradia e trabalho em relação à localização dos cursos oferecidos. Isso porque até a criação do PPGPSI-UFRRJ, os cursos de pós-graduação em Psicologia eram oferecidos apenas na UERJ, na UFRJ ou na UFF.

Nesses termos, a criação do PPGPSI representou, portanto, a concretização de um projeto institucional que se inseriu no âmbito de um conjunto de perspectivas sobre o papel social da Universidade e sua correspondente preocupação com a oferta e o desenvolvimento do ensino público, gratuito e de qualidade, comprometido com as demandas regionais e com o trinômio ensino-pesquisa-extensão.

Em termos cronológicos, o PPGPSI iniciou suas atividades, como um curso de Mestrado Acadêmico, com uma área de concentração – Psicologia – e duas linhas de pesquisa, a saber: *Linha 1* - Processos Psicossociais e Coletivos, que privilegia o arcabouço teórico e metodológico no campo da psicologia social, englobando pesquisas nas seguintes áreas: territórios de existência, ambiente, construção de subjetividades, representações sociais, memória social, direitos humanos, religião, racismo, acolhimento institucional e identidades sociais; *Linha de Pesquisa 2* - Desenvolvimento Cognitivo, Humano e Social, que reunia pesquisadores que se dedicavam a investigar as teorias e métodos da Psicologia relacionados ao estudo do desenvolvimento humano, com ênfase nas suas dimensões cognitivas e sociais. Incluía pesquisas nas áreas de bem-estar subjetivo, estresse, saúde mental, saúde pública, aprendizagem, educação e trabalho.

Tendo uma dinâmica existêcia, em 2016, o Colegiado do PPGPSI identificou a necessidade de revisar o escopo da sua *Linha 2*, por ela não mais expressar adequadamente o perfil dos docentes e discentes que a integravam, tampouco açambarcava as temáticas dos trabalhos de investigação por eles desenvolvidos. Dessa forma, a *Linha 2* foi reconfigurada, passando a ser chamada de “Clínica, Saúde e Educação na Contemporaneidade”. Nesse bojo, essa *Linha de Pesquisa* passou a

abranger estudos que articulam diversas teorias e metodologias no campo da Clínica, Saúde, Educação e Trabalho.

O ano de 2017 merecer ser lembrado e celebrado por nós, pois foi o ano que recebemos a avaliação do quadriênio da CAPES (2013-2016) que aumentou nossa nota de 3 para o 4, fato que nos autorizava a propor a criação de um curso de Doutorado. Assim, ensejando continuar numa linha cronológica do PPGPSI, em 2019, após a aprovação do nosso APCN pela CAPES, abrimos o nosso curso de doutorado.

Tendo passado dez anos desde a formação do nosso primeiro mestre em Psicologia, dezembro de 2013, o PPGPSI ampliou seu quadro de docentes. Começamos o nosso Programa com doze professores, atualmente temos vinte, sendo dezesseis permanentes e quatro colaboradores. De lá para cá, também formamos cento e noventa e seis mestres e onze doutores em Psicologia.

Este livro cumpre exatamente o propósito de celebrar a longa permanência de um curso de pós-graduação em Psicologia ao longo do tempo e também deixar registrado por escrito as rememorações e trajetórias acadêmicas de docentes que ajudaram a construir e engradecer o PPGPSI entre 2012 e 2023. Trata-se de dezessete relatos autobiográficos nos quais os próprios autores destacam os elementos mais pertinentes de suas atuações, orientações e publicações durante o seu percurso como professores junto ao nosso Programa.

CAPÍTULO 01

PROJETOS DE VIDA E PROJETOS PROFISSIONAIS, TRILHANDO CAMINHOS E ENTRELACANDO HISTÓRIAS

Luciene Alves Miguez Naiff

1. INTRODUZINDO HISTÓRIAS...

Em 1996, exatamente 27 anos atrás, me formei em Psicologia pela UFRJ. A memória tão distante se justifica por ter sido nessa época de finalização do curso e na produção de uma monografia, em que optei por uma pesquisa empírica, que a área da pesquisa e da docência entra definitivamente em minha vida como um projeto de futuro. A pesquisa me levou a uma temática relacionada a questões de pobreza e situação de risco de crianças e adolescentes. A área da garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes virou também escolha de atuação inicial como psicóloga, e o uso da teoria das representações sociais utilizada na monografia virou escolha de continuidade da formação em pós-graduação *stricto sensu*.

Nos anos subsequentes, os projetos de vida, profissionais e acadêmicos se misturam completamente. Comecei o mestrado em 1997 na UERJ com o professor Celso Pereira de Sá, estudando as representações sociais da chegada da maioridade de adolescentes em situação de rua. Nesse momento, trabalhava com crianças e adolescentes em situação de rua em uma organização não governamental (ONG) chamada Ex-cola. A teoria das representações sociais, fundada por Serge Moscovici (1961) e tendo continuidade e ampliação com Jodelet (1989) e Abric (1994), se refere a uma produção socialmente compartilhada de uma forma de pensamento de senso comum. Esse pensamento social nos favorece a entender de forma mais cotidiana, identitária e utilitária, objetos sociais advindos do universo reificado ou que ainda não foram devidamente incorporados no conhecimento oficial da sociedade. A escolha pela UERJ e pelo professor Celso Sá (1998) foi natural por ser ele um dos principais nomes da TRS no Brasil.

Os projetos de vida se entrelaçam com meus projetos acadêmicos quando, em um congresso em Natal em 1998, apresentando como mestrandia justamente um trabalho de representações sociais, conheço um outro estudante de mestrado de

Brasília que lá estava também apresentando seus trabalhos em representações sociais e que se interessou pelo meu trabalho. E depois pela autora. Casei-me com esse estudante. Tornamo-nos doutorandos juntos na UERJ, tivemos uma filha e depois nos tornamos professores na UFRRJ. Mas, isso já é outra história...

Histórias e caminhos vão se confundindo. Depois do doutorado, entrei em 2005 e compus por cinco anos o programa de pós-graduação em Psicologia *stricto sensu* da Universidade Salgado de Oliveira. Fui convidada pela professora Eveline Assmar para compor o corpo docente. A professora Eveline foi quem orientou minha monografia em 1996 e me convidou por minha formação em Psicologia Social. E, a partir desse convite, virou uma colega de trabalho e uma amiga.

Em 2010, passei no concurso na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A vaga em Psicologia Social surge com o REUNI - Programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais - a partir da adesão da UFRRJ ao programa para abertura de diversos cursos dentre eles o curso de Psicologia. O REUNI foi criado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva e tinha o objetivo de ampliar o acesso as universidades públicas. Essa história nos fala muito da importância da educação, do acesso a ela, da manutenção de quem nela está, e fala muito sobre esse momento da escrita dessas linhas, fevereiro de 2023, em que resgatamos a esperança da educação voltar a ser prioridade. Mas, aí já é outra história.

Já na UFRRJ, com o REUNI, o corpo docente do Departamento de Psicologia crescendo e o curso de Psicologia se consolidando, pensamos coletivamente na criação de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia. Nos animamos e com a nossa máxima “o não já temos” que virou uma frase motivacional entre nós, avançamos no projeto. O APCN¹ foi aprovado pela CAPES² e abrimos nossa primeira turma em 2013. Há 10 anos atrás.

O PPGPSI – Programa de pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia da UFRRJ hoje tem curso de mestrado e doutorado, duas linhas de pesquisa e um impacto importante no território que ocupa, seja na produção de conhecimento, seja na formação e qualificação de profissionais da área psi, seja por acessar de diversas formas a comunidade e se manter como um ponto de resistência na garantia dos

¹APCN – Aplicativo para proposta de cursos novos de pós-graduação stricto-sensu.

²CAPES – Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

direitos humanos, saúde mental e interlocução com dispositivos do entorno. Por esse caminho, desdobram outras histórias.

2. CAMINHOS NO PPGPSI...

Foi preciso o preâmbulo para chegar ao PPGPSI que é hoje minha grande referência e onde realizo pesquisas, extensão, atividades administrativas, formação, orientação e representação mais ampla do programa na CAPES, CNPq³ e ANPEPP⁴. Isso porque foi desde a graduação em minha apresentação a teoria das representações Sociais e tudo o mais decorrente desse encontro, que realizo esse lugar que hoje ocupo, de coordenadora de um Laboratório de Pesquisa – LAPPSO - Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social no PPGPSI.

Todas as atividades de alguma maneira se entrelaçam. A extensão e a pesquisa confluem em uma mesma direção. As atividades de formação e orientação mantêm a coerência temática com extensão e pesquisa. E mesmo as atividades administrativas e de representação, que não serão exploradas no presente texto, apontam para uma defesa sempre audaz do campo da pesquisa em psicologia social.

Mantendo, a partir daqui uma explanação sistematizada, iniciarei pela trajetória temática e teórica, depois caminharei pela formação e orientação e finalizarei na extensão, que é a parte mais recente.

3. TEMAS E TEORIAS

As principais teorias que utilizei e utilizo em todas as minhas pesquisas e orientações são a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978), Abordagem estrutural das representações sociais (Abric, 1994) e Teorias da Memória Social (Halbwachs 1990; Bartlett 1995). Todas levam em consideração a importância das relações interpessoais, envolvimento social e produções sociais na forma de grupos processarem o mundo a sua volta. Pensamos socialmente. Lembramos e esquecemos socialmente. Essas teorias nos levam a pensar sobre a importante dimensão da interação e comunicação social nos estudos em psicologia social.

³CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

⁴ANPEPP- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia

Iniciei minhas pesquisas tendo como temas principais as crianças e adolescentes em situação de rua e pobreza extrema. Foram trabalhos acerca da chegada da maioridade penal, violência, relação com moradores de bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro, histórias de vida e o feminino, inclusão social etc.

Caminhei mantendo como pano de fundo a questão da pobreza e exclusão social, mas direcionei para educação e assim me mantive por muitos anos com temas como “fracasso escolar”, “sucesso escolar”, bullying, prática docente etc.

Nos últimos anos, venho me dedicando a questão dos direitos humanos e temas como racismo, xenofobia, capacitismo, machismo e outras violações de direitos vem compondo minhas iniciativas. Foram vinte e quatro artigos e vinte e nove livros e capítulos produzidos desde que entro na UFRRJ e depois em minha atuação no PPGPSI. As referências podem ser encontradas no link CV: <http://lattes.cnpq.br/8033891142878879>

4. PROJETOS DE PESQUISA

Os principais projetos de pesquisa que coordenei e coordeno com docente da UFRRJ e do PPGPSI são:

2019 – Atual - Preconceito, Direitos Humanos e Representações Sociais: aspectos psicossociais na contemporaneidade

2018 – Atual - Racismo, xenofobia, LGBTfobia e machismo: um estudo de fenômenos sociais a luz das teorias do preconceito, representações sociais e identidade social

2015 – 2018 - Aspectos psicossociais do não fracasso escolar: representações sociais, identidade social e processos atribucionais de experiências exitosas em escolas públicas brasileiras

2014 – 2019 - Preconceito, concepções de justiça e representações sociais de grupos sociais minoritários: um estudo em diferentes contextos educacionais sob a perspectiva da triangulação teórico-metodológica.

2012 – 2018 - Repetência e abandono no ensino público regular: olhar da psicossociologia para a produção do “fracasso escolar” na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

2011 – 2019 Aspectos psicossociais do bullying no contexto educacional e midiático

Todos envolveram alunos de mestrado, iniciação científica, doutorado. E receberam apoio do CNPq, FAPERJ e UFRRJ.

5. ORIENTAÇÕES

Falar das orientações no PPGPSI é falar de uma etapa muito importante dentre os meus projetos acadêmicos, profissionais e de vida. Isso porque tem sido, desde 2013, uma experiência profícua e prazerosa no PPGPSI. Dessa formação, saem alunos de iniciação científica, de extensão, de monitoria, mestres e muitos colegas. São sete orientações de mestrado e sete orientações de doutorado em andamento; dezessete mestres formados; uma supervisão de pós-doutorado concluída e duas em andamento. De alunos de iniciação científica foram dezesseis. E duas alunas de extensão. Ainda esse ano, três doutores estarão formados. Um de nossos doutorandos teve a oportunidade de fazer uma parte de seu doutorado na Espanha com o professor Jose Luis Alvaro na *Universidad Complutense* de Madrid.

6. EXTENSÃO

A extensão é recente e também vinculada ao LAPPSO. Fruto da necessidade de retornar a ponta da atuação que tive que largar para me dedicar a vida acadêmica. O projeto intitulado “Quem conhece e respeita não tem medo” teve duas edições durante a pandemia, com oferta de cursos, criação de dois e-books e um Instagram com ampla participação de discentes. A extensão propiciou também trabalho com prefeituras, outras licenciaturas e consultorias diversas.

7. E O FUTURO...

O futuro do PPGPSI será sempre um projeto coletivo, que envolve docentes, discentes, técnicos, apoio institucional e interesse do território nesse tipo de formação. O LAPPSO pretende crescer e se consolidar com um polo de pesquisa e ação em Psicologia Social na Baixada Fluminense. Ampliar as articulações nacionais através de parecerias e internacionais. E assim vamos escrevendo a história viva de nosso programa e nossa atuação...

REFERENCIAS

Abric, J.C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.

Bartlett, F. C. (1995). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge, MA: Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 1932)

Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (pp. 31-61). Paris: PUF.

Halbwachs, M. (1990). *A Memória coletiva*. (L. L. Schaffter, Trad.). São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais. (Trabalho original publicado em 1925)

Moscovici, S. (1961). *A representação social da psicanálise*. (Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

CAPÍTULO 02

PROMOÇÃO DA SAÚDE E BEM-ESTAR EM DIFERENTES CONTEXTOS: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA NA SOCIEDADE, NAS ORGANIZAÇÕES E NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Marcos Aguiar de Souza

1. INTRODUÇÃO

Desde minha entrada para o mundo acadêmico, ingressando o curso de graduação em Psicologia em 1988, se tornava muito desafiadora a ideia da Saúde Mental e o motivo pelo qual diferentes indivíduos pareciam possuir melhores condições que outros. No final da graduação em Psicologia, ocorrida em 1993 e no final do mestrado em Psicologia, ocorrido em 1995, já havia acessado algumas obras, que pareciam orientar minhas indagações para um tema de pesquisa melhor estruturado. Diversas publicações passaram a ser de interesse, buscando relacionar variáveis de nível pessoal, intergrupal e social a indicadores de saúde e bem-estar em indivíduos e grupos. Assim, a temática da Saúde Mental se tornou mais ampla, dando destaque ao papel exercido pelo contexto social.

Meu primeiro contato com a pós-graduação como professor se deu no Mestrado Profissional em Gestão e Estratégia em Negócios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, passando a compor o corpo docente em 2006. Apesar dos estudos se centrarem no contexto organizacional, de maneira direta ou indireta visavam buscar indicadores de bem-estar vinculados a diferentes processos organizacionais.

Com a criação do Programa de Pós-graduação em Psicologia, a temática de saúde e bem-estar se sedimentou de forma mais evidente. Ainda tendo como foco principal as organizações, a Saúde Mental de maneira geral passou a ter lugar de destaque. Em particular o interesse esteve voltado não exclusivamente, mas principalmente para organizações caracterizadas por atividades dentro de contexto extremos em Psicologia, como as organizações militares e de segurança pública, contexto caracterizado por um elevado adoecimento mental e pouco investigadas no Brasil. O intuito é contribuir para uma maior cientificidade das ações desenvolvidas em tais contextos, capacitando aqueles profissionais que estão “na ponta” a

conduzirem o desenvolvimento de pesquisas para aprimorarem suas ações. Mais do que se centra em autores específicos, as atividades de pesquisa têm se baseado em algumas concepções sobre transformações sociais (Whiteman, 1998) e nos ideais defendidos pela Psicologia Positiva (Seligman, 2002; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

As atividades mantidas desde a criação do PPGPSI são compartilhadas com as desenvolvidas no PPGP, Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Isso tem favorecido a participação conjunta dos alunos em um grupo de pesquisa ampliado. Assim, os trabalhos são orientados para a pesquisa e intervenção

Desde a criação do PPGPSI até os dias atuais, doze dissertações de mestrado foram por mim orientadas. No ano de 2013, estive realizado o pós-doutoramento em Lisboa, motivo pelo qual algumas orientações foram adiadas para o ano de 2014. Seguindo uma ordem cronológica. O primeiro estudo foi de Angel Fujita de Oliveira, intitulado Estudo de Validade Externa do Programa de Avaliação de Atributos da Área Atitudinal (P4A) na Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, em 2014. A AMAN, situada em Resende, tem como missão a formação do oficial combatente do Exército Brasileiro (nas especialidades Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Comunicações, Engenharia, Material Bélico e Intendência). O P4A se refere a um sistema de avaliação das competências *soft*, no qual o aluno (cadete) se autoavalia, avalia os pares e é avaliado pelos superiores nas 19 competências transversais que caracterizam a profissão de oficial combatente do Exército. O estudo permitiu vincular as competências transversais com a satisfação no trabalho e com a síndrome de burnout. Como hipotetizado, aqueles cadetes que apresentavam as competências em maior nível, apresentaram maior satisfação no trabalho e menores índices de burnout.

O segundo estudo foi desenvolvido por Flávio Ferreira da Silva, também no contexto da AMAN. A temática do estudo foi o desenvolvimento moral e a cidadania organizacional de Cadetes da AMAN. O estudo tratou de um importante tema que tem papel de destaque nas publicações na área militar, visto que muitas decisões têm que ser tomadas de forma imediata e por profissionais em diferentes níveis, o desenvolvimento moral se torna uma variável crucial para que ações eticamente orientadas sejam adotadas. Além disso, conforme defendido por Michelson (2013), a complexidade das operações militares faz com que a profissão militar seja naturalmente caracterizada por uma série de desafios, muitos deles apresentando importantes dilemas morais. O estudo corroborou as principais hipóteses levantadas,

destacando a forte correlação do desenvolvimento moral com o comportamento com base na cidadania organizacional. Assim, de maneira geral, o estudo ofereceu apoio teórico e empírico a formação do oficial combatente desenvolvida na AMAN.

Ainda no ano de 2014, ocorreu a defesa da dissertação intitulada Impacto do desempenho físico sobre a qualidade de vida de cadetes do Exército Brasileiro, de autoria de Carlos Augusto da Silva Valentim. A qualidade de vida foi considerada a partir de 3 indicadores: o estresse percebido, a satisfação com a vida e a satisfação com o trabalho. O objetivo do estudo era investigar o papel exercido pelo desempenho físico sobre a qualidade de vida do Cadete. Este estudo obteve indicativos de que um melhor desempenho físico possibilita ao Cadete o melhor enfrentamento dos desafios que são inerentes à formação. Assim, Cadetes com melhor desempenho físico apresentaram níveis mais elevados de satisfação com o trabalho e satisfação com a vida. Além disso, apresentaram índices mais baixos de estresse percebido.

Também no ano de 2014, foi defendida por Eliane Abreu a dissertação intitulada Impacto da Anomia organizacional e do Comprometimento Organizacional Afetivo na intenção de rotatividade. O estudo contou com a participação de trabalhadores do estado do Rio de Janeiro. A hipótese central do estudo era investigar se a percepção de que as regras, que guiam o funcionamento da organização são ineficazes, têm influência sobre o Comprometimento Organizacional Afetivo e sobre a intenção de deixar a organização. O estudo evidenciou que em contextos organizacionais em que as regras não são seguidas, gerando uma imprevisibilidade sobre o que acontece na organização, os trabalhadores tendem a gostar menos da organização e a buscar estratégias para deixá-la. Assim, foi destacado o papel negativo exercido pela anomia organizacional sobre o bem-estar de trabalhadores, tal como vem sendo evidenciado na literatura especializada sobre o tema.

Ainda no ano de 2014, foi defendida a dissertação de Tássia Donadello Ferreira Lima, intitulada “Uma análise do *mobbing* e sua influência sobre o estresse no trabalho em servidores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro”. Considerando um contexto específico foi investigada a variável ainda pouco difundida na literatura e sua relação com o estresse no trabalho. O *mobbing* é definido como uma perseguição moral sofrida pelo indivíduo em seu ambiente de trabalho. O estudo contribuiu para as discussões sobre o tema, revelando que mesmo algumas das situações cotidianas vivenciadas no ambiente laboral podem ser opressoras de diferentes formas. Assim, o estudo contribuiu para melhor compreensão do tema,

destacando sua relação com temas próximos como assédio moral, assédio sexual e violência psicológica no trabalho.

Finalizando as dissertações defendidas em 2014, está a de Lucimere Antunes Santos, intitulada “O impacto da anomia organizacional sobre a aprendizagem organizacional: uma análise a partir do suporte à aprendizagem e das estratégias de aprendizagem”. O estudo foi desenvolvido no contexto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. De maneira geral, os resultados evidenciaram que a anomia organizacional tem um forte impacto negativo sobre as estratégias de aprendizagem (busca por material escrito, ajuda interpessoal, aplicação prática, reprodução e reflexão intrínseca). O estudo revelou ainda que a reprodução é a estratégia de aprendizagem menos afetada pela anomia organizacional, tendendo, portanto, a ser a mais utilizada em contextos organizacionais anômicos. Tal resultado indica que em ambientes anômicos é possível que as práticas adotadas fiquem cristalizadas, com uma busca por aprendizagem através da repetição mental de suas tarefas ou dos colegas de trabalho. É um fator que pode ser prejudicial, principalmente em organizações que estão passando por fortes mudanças, como é o caso da IFES estudada.

No ano de 2015, foi defendida a dissertação intitulada “Elaboração da Escala de Motivação para a Carreira Militar e sua relação com estratégias de enfrentamento”, de autoria de George Hamilton de Souza Pinto. O estudo teve como objetivo principal o desenvolvimento de um instrumento para avaliação da motivação para a carreira, especificamente para o contexto de formação militar na AMAN. Obtidos os indicativos de validade inicial do instrumento, os escores obtidos foram relacionados com as diferentes estratégias adotadas para o enfrentamento de situações cotidianas estressantes. Os cadetes mais motivados para a carreira apresentaram estratégias de enfrentamento mais adaptativas. O estudo contribuiu para a discussão dos fatores que motivam a busca pela carreira militar, oferecendo destaque a uma variável até então pouco explorada em tal contexto.

No ano de 2016, foi defendida a dissertação de autoria de Atilio Sozzi Nogueira, intitulada “Associação entre lócus de controle, autoestima e avaliação atitudinal do cadete da AMAN”. O estudo buscou relacionar a relação entre o perfil do oficial combatente do Exército com indicativos de bem-estar de cadetes. A lógica seguida no estudo é que os cadetes que obtivessem índices mais elevados nas 19 competências que caracterizam o oficial combatente do Exército, deveriam apresentar

melhores índices de bem-estar, considerados a partir das variáveis locus de controle (maior internalidade, menor externalidade – acaso, menor externalidade – outros poderosos) e autoestima. Como hipotetizado, foi obtida uma correlação positiva das dezenove competências com internalidade e autoestima; e uma correlação negativa significativa das dezenove competências com externalidade – acaso e externalidade – outros poderosos. Visto que a internalidade e a autoestima estão associadas a diversos outros indicativos de bem-estar e, contrariamente, a externalidade está associada a um baixo nível de bem-estar, os resultados do estudo ratificam a escolha pelas dezenove competências na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, ressaltando como tais competências estão associadas ao bem-estar no trabalho dos futuros oficiais.

Ainda, no ano de 2016, foi defendida a dissertação “influência da resiliência sobre a autoeficácia frente aos estressores de militares de uma instituição de ensino do Exército”, de autoria de Thaynara Carvalho de Lima. O estudo inicialmente fez um levantamento dos principais estressores identificados pelos cadetes durante o curso de formação. A partir daí foi desenvolvido um instrumento para mensuração dos estressores pelos cadetes dos quatro anos de Curso na AMAN. Em tal instrumento, os estressores identificados eram classificados em uma escala de 1 a 5, no nível de desafio que ofereciam aos cadetes. Finalmente, foi investigada a influência da resiliência sobre a autoeficácia dos cadetes frente aos estressores. Houve uma influência positiva significativa da resiliência sobre a autoeficácia frente aos estressores. Assim, os cadetes mais resilientes avaliaram os estressores como menos desafiadores. O estudo contribuiu para a discussão do papel da resiliência no enfrentamento dos desafios inerentes à formação militar, particularmente no curso de formação de oficiais combatentes na AMAN.

No ano de 2017, João Anselmo de Oliveira defendeu a dissertação “A influência do clima de segurança sobre a confiança do empregado na organização e o bem-estar no trabalho. Considerando trabalhadores de diferentes estados brasileiros, o estudo se baseou na hipótese de que o clima de segurança atualmente é fator essencial na promoção de bem-estar nas organizações. Os resultados obtidos corroboraram a hipótese do estudo. Assim, observou-se uma influência positiva significativa da percepção do clima de segurança sobre o bem-estar no trabalho (satisfação no trabalho e envolvimento no trabalho) e sobre a confiança do empregado na organização. Ambas as variáveis vêm sendo na literatura como tendo papel de

destaque para a saúde e bem-estar de trabalhadores. Os resultados do estudo, então, contribuem com mais alguns elementos na discussão sobre a importância da segurança no trabalho.

No ano de 2018, foi defendida a dissertação de autoria de Roberta Xavier de Carvalho Machado, intitulada “Personalidade e Autoeficácia em militares: um estudo do modelo HEXACO”. O estudo foi desenvolvido com 400 cadetes da AMAN, sendo investigada a influência da personalidade sobre a autoeficácia percebida dos cadetes. Os resultados evidenciaram que, além dos fatores considerados no modelo *big five* (abertura, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo), a honestidade e a humildade foram fatores relevantes para explicar a autoeficácia de cadetes da AMAN. O estudo teve como principal contribuição a discussão de novos modelos de personalidade, em função das críticas que o modelo *big five* ou dos cinco grandes fatores vem recebendo.

Finalmente, em 2021, foi defendida a dissertação intitulada “A influência da satisfação com a vida e da atenção plena na autoavaliação das competências atitudinais (*soft skills*) na AMAN”, de autoria de Alan Dias Rossini. O estudo se baseou na lógica da necessidade de haver promoção de bem-estar em contextos educacionais no âmbito militar. Assim, investigou-se a influência da satisfação com a vida e da atenção plena (*mindfulness*) sobre o desenvolvimento das dezenove competências que compõem o perfil do oficial combatente do Exército. Como hipotetizado, foi observada uma influência positiva significativa de tais variáveis sobre as competências. Os resultados favorecem a discussão da importância de promoção de saúde e bem-estar nas organizações. Tal discussão toma um escopo ainda mais ampliado diante do período de pandemia da COVID 19, que caracterizou o desenvolvimento do estudo, além das consequências negativas para a saúde mental da população em geral no período pós pandemia.

Os estudos em desenvolvimento atualmente, tanto em nível de mestrado como em nível de doutorado, seguem a mesma linha no sentido de buscar estratégias que possam promover o bem-estar nas organizações, na educação e na sociedade em geral.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos desenvolvidos no PPGPSI na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro permanecem centrados no ideal de promoção de saúde e bem-estar em diferentes contextos. A área militar e de segurança pública, dada a natureza da atividade desenvolvida, tem sido o cenário para o desenvolvimento dos principais estudos até então desenvolvidos.

O evento da pandemia da COVID 19 contribuiu ainda mais para a relevância do tema. Se já estávamos adoecidos mentalmente, a pandemia acirrou tal estado, trazendo implicações para o funcionamento da sociedade como um todo - com a drástica quebra da rotina das pessoas – aumentando incerteza (Wu *et al.*, 2021) e impactando a saúde mental em escala global (Chaturvedi, 2020).

As conclusões dos estudos já desenvolvidos e o acompanhamento dos estudos em curso em nível de mestrado e doutorado no contexto do PPGPSI levam à conclusão de que a promoção da saúde e bem-estar é um requisito essencial para toda organização que deseja continuar a existir. Trabalhadores, estudantes e mesmo cidadãos comuns, necessitam um nível razoável de bem-estar, para poderem seguir em frente no enfrentamento dos desafios naturais que irão se deparar.

A lógica que guia os estudos atualmente em desenvolvimento seguem a lógica dos pressupostos da Sociedade 5.0, concepção inicialmente desenvolvida no Japão que tem como ideal uma sociedade que seja saudável para os seres humanos. Considerando as organizações, iniciativas desenvolvidas pelo ONU têm demonstrado a preocupação com a saúde mental em países membros, tanto em ambientes militares como na sociedade. Especificamente no Brasil, a promulgação da Lei nº 14.831, DE 27 DE MARÇO DE 2024, que Institui o Certificado Empresa Promotora da Saúde Mental e estabelece os requisitos para a concessão da certificação.

REFERÊNCIAS

- Chaturvedi, S. K. (2020). Covid-19, Coronavirus and Mental Health Rehabilitation at Times of Crisis. *Journal of Psychosocial Rehabilitation and Mental Health*, 7(1), 1-2.
- Michelson, B. M. (2013). Desenvolvimento do atributo caráter no Exército dos EUA: a abordagem laissez-faire. *Military Review*, 6, 68-78.
- Seligman, M. E. P. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder & S. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology* (pp. 3-9). Oxford, England: Oxford University Press.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5–14.
- Whiteman, W. E. (1998). *Training and educating army officers for the 21st century: Implications for the United States Military Academy*. Fort Belvoir, VA: Defense Technical Information Center.
- Wu, D., et al. (2021). COVID-19 uncertainty and sleep: The roles of perceived stress and intolerance of uncertainty during the early stage of the COVID-19 outbreak. *BMC Psychiatry*, 21, 306.

CAPÍTULO 03

CARL GUSTAV JUNG NO PPGPSI DA UFRRJ: UMA OBRA ABERTA, EM BUSCA DE UMA ESTÉTICA, COM ÉTICA

Nilton Sousa da Silva

Na Introdução à edição brasileira do livro *Obra Aberta*, publicado pela primeira vez no Brasil em 18 de janeiro de 1969, Editora Perspectiva, o autor Umberto Eco, descreve sua obra do seguinte modo:

Se alguma vez houve livro fiel a seu próprio título, esse é o caso de *Obra Aberta*. Desde 1958, quando redigi o primeiro ensaio, nunca mais parei de reescrevê-lo. A edição francesa não é como a italiana, a espanhola é diferente da francesa, as várias traduções em andamento (alemã, romena, holandesa, tchecoslovaca) diferem todas entre si e a segunda edição italiana, sobre a qual foi feita a presente, é diferente de todas. E, na verdade, mesmo a edição brasileira não é exatamente igual a italiana. (Eco, 2015, p. 17)

E, é com tal intuito em mente que o presente capítulo *Carl Gustav Jung no PPGPSI da UFRRJ* almeja trabalhar seu subtítulo: *Uma obra aberta, em busca de uma estética, com ética*. Visto que, indiscutivelmente, a citação acima conjuga *estética*, *ética*, e *tradução* nas diferentes culturas e grupos que abrem diálogo com a *Obra Aberta* de Umberto Eco.

Durante o 2º Simpósio Junguiano do Triângulo Mineiro: Atravessamentos Junguianos — diálogos entre Psicologia, Arte e Individuação, realizado online no dia 7 de maio de 2022 [veja o link na bibliografia], ocorreu um *insight* na mente do autor do presente capítulo, e, a leitura da *Introdução à Segunda Edição*, italiana, do livro *Obra Aberta* também escrita por Umberto Eco, reforçou o *insight* sobre a vida e obra de Carl Gustav Jung, ser, no sentido do seu campo epistemológico teórico e prático: uma obra aberta, em busca de uma estética, com ética. Isto feito, para compreender a singularidade do comportamento humano de acordo com o contexto sócio-histórico à luz da arte, religião, filosofia e ciência, que são saberes que manifestam a potencialidade da psicologia profunda.

Carl G. Jung nasceu no dia 26 de julho de 1875 e faleceu no dia 6 de junho de 1961, na Suíça, país localizado na Europa Central. A partir do centro, Jung viaja para

outros países da Europa e outros continentes: América, África e Ásia. Na juventude, ele pensou ser arqueólogo para compreender o desenvolvimento da espécie humano e na universidade estudando Medicina reconheceu que a Psiquiatria, também, poderia fornecer tal compreensão do comportamento humano como o desvelamento do espírito de uma época, entrelaçado à cultura e mitologias dos povos.

A edição *Obras Completas* de Carl Gustav Jung, publicada no Brasil pela Editora Vozes, apresenta a abertura teórica e prática de Jung em diálogo com a Arte, Religião, Filosofia e Ciência. É uma proposta interdisciplinar iniciada no final do século XIX, e acompanhou Jung até os seus últimos dias de vida. O livro *Memórias, Sonhos e Reflexões*, e entrevista em formato audiovisual *Face to Face*, (veja o link na biografia), são dois marcos e documentos históricos!

No livro *Memórias, Sonhos, Reflexões* (1985), autobiografia de Carl Gustav Jung, compilada e organizada pela sua colaboradora, pesquisadora e escritora, Aniela Jaffé (1903-1991), Jung descreve experiências e caminhos através dos continentes América, África e Ásia, comparando-os à Europa e ao comportamento humano em si. O livro também inclui trechos de obras que somente, agora, na primeira década do século XXI foram publicadas devido ao pedido do próprio Jung: *O Livro Vermelho* e *Os Livros Negros*, ambos publicados no Brasil pela Editora Vozes. E, a entrevista *Face to Face* apresenta uma visão de mundo de acordo com Carl Gustav Jung que reverbera sobre a chegada do século XXI.

Carl Gustav Jung ganha relevância frente às descobertas no campo da citologia: o advento da Epigenética (Damásio, 2022; Nurse, 2021; Lipton, & Bhaerman, 2013), para através do processo da homeostase psíquica também compreender aspectos da fisiologia do comportamento humano, individual, grupal e cultural. Assim como, o seu conceito *sincronicidade* e a atualidade da filosofia da mecânica quântica.

Sobre o insight Carl Gustav Jung: uma obra aberta, em busca de uma estética, com ética, a situação foi dada em criptomnésia e intertextualidade com o título *Obra Aberta*, do autor Umberto Eco. Livro publicado em 1962, Jung faleceu em 1961, e os primeiros ensaios do livro *Obra Aberta* iniciados em 1958; mesmo ano que nasceu o autor do presente capítulo. Esses fatos sobre os anos 1962 e 1958, estão na Introdução à segunda edição *Obra Aberta*, escrita por Umberto Eco: “Os ensaios contidos neste livro nasceram de uma comunicação (*O Problema da Obra Aberta*) apresentada no XII Congresso Internacional de Filosofia, em 1958. Apareceram depois com o título de *Obra Aberta* em 1962.” (Eco, 2015, p. 23)

Hoje, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), temos uma direta interação com a graduação em Psicologia da UFRRJ, que teve início no ano 2010, o mestrado no ano 2012, e o doutorado no ano 2019. O histórico do PPGPSI está no portal <r1.ufrj.br/wp/ppgpsi>.

O atual contexto sócio-histórico da produção de conhecimentos artístico, religioso, filosófico e científico no Brasil e, quiçá, no mundo, poderá despertar na imaginação do leitor a interação entre os quatro continentes: Europa, África, Ásia e América, neste sentido, a vida e obra de Carl Gustav Jung encontra aderência para analisar e dar uma compreensão sobre a geopolítica do século XXI. E, aqui, para respaldar e conectar as ideias do presente capítulo, é importante refletir sobre o que nos diz o historiador Jacques Le Goff (1924-2014), na obra: *“A história deve ser dividida em pedaços?”*

O recorte do tempo em períodos é necessário à História, quer seja ela considerada no sentido geral de estudo da evolução das sociedades ou no tipo particular de saber e de ensino, ou ainda no sentido de simples desenrolar do tempo. Entretanto, essa divisão não é um mero fato cronológico, mas expressa também a ideia de passagem, de ponto de viragem ou até mesmo de retratação em relação à sociedade e aos valores do período precedente. Por conseguinte, os períodos têm uma significação particular; em sua própria sucessão, na continuidade temporal ou, ao contrário, nas rupturas que essa sucessão evoca, eles constituem um objeto de reflexão essencial para o historiador. (Le Goff, 2015, p. 12).

Os pedaços históricos do presente capítulo: *“Carl Gustav Jung no PPGPSI da UFRRJ: uma obra aberta, em busca de uma estética, com ética”*, busca ilustrar o impacto teórico e prático da Psicologia de Carl Gustav Jung, em conexão com pedaços da História da África, Europa, Ásia e América, especialmente, América do Sul, Brasil.

O presente espírito da época ocidental e oriental mostra a necessidade da maior união e paz entre as nações. Explico em poucas palavras: (a) a atual querela sobre intempéries e comportamento humano: individual e coletivo; (b) indo ao encontro da questão se há ou não há uma mudança climática, principalmente, por culpa do comportamento humano, e (c) tudo isto, desemboca diretamente na conquista e tecnologia que a Europa praticou na colonização do Novo Mundo. Por

exemplo, o investir na escravização dos corpos negros e genocídio dos autóctones, para semear e gerar produtos como cana-de-açúcar, café, algodão e outros até a chegada da Revolução Industrial.

Neste ponto do capítulo, o Deus romano Jano e a cultura africana Sankofa, ambos, com a facticidade de olharem o passado e vislumbrar o futuro a partir do presente, podem ilustrar conceitos da Psicologia de Carl Gustav Jung, pulsando na mídia nacional e internacional como uma obra aberta, em busca de uma estética, com ética. Por exemplo: (a) a pandemia Covid-19 unindo o mundo em redes sociais para combater um vírus, e a linguagem da internet praticamente quase em tempo real revelando conceitos da psicologia analítica: *arquétipo*; *inconsciente coletivo*; *inconsciente cultural*; *inconsciente pessoal*; *personas*; *complexos culturais*; *complexos pessoais*; *sombras*; *sonhos*, e *imagens arquetípicas*. De repente, são as redes sociais na web — rede mundial de computadores na internet — que ratificam a atualidade de cada conceito junguiano mencionado e de outros menos conhecidos do público em geral. (b) Ainda em conexão com a web, um gigantesco banco de dados de vários saberes sobre: Religião, Arte, Filosofia, Ciência e senso comum, que são fatos históricos, culturais, sociais, grupais e pessoais. Neste contexto, um século após a experiência de Carl Gustav Jung na África surge o movimento *Vidas Negras Importam* — #vidasnegrasimportam —, que revela e desvela a *Psicologia Complexa* para lidar com o racismo no século XXI. Sobre a África, o próprio Jung narrou o impacto que o continente lhe causou:

O mito de Hórus é a história da luz divina que acabara de nascer. Esse mito foi expresso, depois da saída das trevas originais dos tempos pré-históricos, mediante a revelação, pela primeira vez, da salvação do homem pela cultura — isto é, pela consciência. Assim, a viagem do interior da África para o Egito tornou-se, para mim, como que o drama do nascimento da luz, estreitamente ligado a mim mesmo e à minha Psicologia. Isto me trouxe um grande esclarecimento, mas não era aquele o momento de exprimi-lo em palavras. Não sabia, de antemão, o que a África me traria, mas ela detinha a resposta e a experiência satisfatória. Isso tinha mais valor, para mim, do que toda coletânea etnológica, armas, adornos, cerâmicas, troféus de caça... Precisava saber qual seria a ação da África sobre mim, e soube. (Jung, 1985, p. 241).

A pandemia, que ocorreu nos anos 2020 e 2021, mostrou várias complexidades culturais e acarretou o isolamento social familiar, grupal, escolar, empresarial,

industrial, entre nações e outros — embora, para um amigo neurocientista a web mostrou ocorrer muito mais um isolamento físico entre corpos humanos do que, explicitamente, um isolamento social desses corpos. Justamente porque as redes sociais na web possibilitaram uma conexão social tecnológica entre as pessoas — Relações Humanas de última geração? —, isso ilustra a potencialidade da *Psicologia Complexa* de C. G. Jung, em cada tela de celular ou monitor...!

Outro fato científico aparece no campo do conhecimento humano: a “Epigenética” com a singularidade na dupla membrana da célula que mostra uma propriedade da célula interagir com o seu meio interno e externo, e, assim, se apropriar de informações e viver uma autotransformação. O conceito *arquétipo* na obra de Carl Gustav Jung também carrega tal singularidade para o ente humano — átomo social, célula da embriogenia — interagir com o seu próprio ser biológico inserido no meio social, cultural e histórico para revelar um sujeito do conhecimento. Epigenética: “estado da arte” da biologia celular que reconhece o poder do meio ambiente (social) sobre o desenvolvimento do indivíduo; mas, também reconhece a possibilidade de o indivíduo transformar sua condição biopsicossocial.

Para a Psicologia Profunda, a Epigenética poderá ser a ponte que faltava para as Ciências Humanas e Sociais compreender e explicar a troca de informações entre o indivíduo e a sociedade. Este fato ganha relevância especialmente no capítulo: *A célula — O átomo da biologia*, presente no livro *O que é a vida?: compreendendo a biologia em cinco passos*, do prêmio Nobel 2001 de Medicina ou Fisiologia, Paul Nurse.

Para uma pessoa letrada em sintonia com o advento da Epigenética, existe um convite nas palavras de Carl Gustav Jung: “*O mito de Hórus é a história da luz divina que acabara de nascer. [...] Assim, a viagem do interior da África para o Egito tornou-se, para mim, como que o drama do nascimento da luz, estreitamente ligado a mim mesmo e à minha psicologia.*” Convite..., porque o *Homo Sapiens* nasceu na África e ainda hoje o brilho do sol ofusca esta realidade na mente de algumas pessoas letradas ou não letradas (Graeber, & Wengrow, 2022) produtoras de conhecimentos aqui, no Brasil, e no mundo afora.

Carl Gustav Jung: Uma obra aberta, em busca de uma estética, com ética...!

REFERÊNCIAS

Bennet, E. A. (1985). *O que Jung disse realmente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições.

Damásio, A. (2022). *Sentir e saber: as origens da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras.

Eco, U. (2015). *Obra Aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Graeber, D., & Wengrow, D. (2022). *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Le Goff, J. (2015). *A História deve ser escrita em pedaços?* São Paulo: Editora Unesp.

Lipton, B. H.; Bhaerman, S. (2013). *Evolução*. São Paulo: Butterfly Editora.

Nurse, P. (2021). *O que é a Vida?: compreendendo a biologia em cinco passos*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Jung, C. G. (1985). *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Referência de Links da Internet

Face to Face (Entrevista com Carl Gustav Jung):

https://www.youtube.com/watch?v=_K5Qe-XbAAw

2º Simpósio Junguiano do Triângulo Mineiro: Atravessamentos Junguianos — diálogos entre Psicologia, Arte e Individuação. Organização Escola Clínica Solaris, Uberlândia - Minas Gerais - BR, em 7 de maio de 2022, hospedado no link: <https://m.youtube.com/channel/UCXruYXo_Uj23PWpdfcR1z9A#menu>.

CAPÍTULO 04

CRUZANDO FRONTEIRAS INTERDISCIPLINARES A MEMÓRIA SOCIAL, AS HISTÓRIAS DE VIDA E OS DIREITOS HUMANOS

Ronald Clay dos Santos Ericeira

1. INTRODUÇÃO

Há vinte anos, desde a minha entrada como docente do mestrado, alguns temas e algumas abordagens metodológicas tornaram-se elementos centrais tanto em minhas próprias investigações quanto nas pesquisas desenvolvidas por meus orientandos junto ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ, quais sejam: a Memória Social e as Histórias de Vida. A propósito, na minha trajetória acadêmica, determinados pensadores ocupam um lugar especial em minhas reflexões intelectuais, quais sejam: Ecléa Bosi (1994); Halbwachs (2004); Sá (2007); Ricoeur (2008). Quanto à inserção no PPGPSI, ingressei em 2014, inclusive exercendo o cargo de coordenador entre 2017 e 2021, depois retomando essa função em 2023. Nesse período, empreendi esforços para melhor organização administrativa do Programa e dediquei-me a orientar meus alunos em um viés interdisciplinar, buscando o estabelecimento do diálogo entre a Psicologia e outras ciências sociais, tais quais: História, Antropologia, Ciências da Religião e Relações Internacionais. A seguir, destaco as minhas principais contribuições ao PPGPSI.

2. GRUPO DE ESTUDO

O grupo de estudo 'Psicologia e Direitos Humanos' vislumbra promover e consolidar a temática dos Direitos Humanos entre os pesquisadores e estudantes de Psicologia. Os tratados internacionais de Direitos Humanos, que defendem o direito à vida, ao convívio familiar e o combate aos preconceitos, são questões que interessam também aos saberes psicológicos. O foco do grupo é contribuir por meio de pesquisas e eventos à luta pelo combate à violação de direitos. Desde o seu funcionamento, o grupo já focalizou o interesse em diversos grupos considerados minoritários ou mais

fragilizados socialmente: mulheres, refugiados, população LGBTQIA+ minorias religiosas, crianças e adolescentes, pessoas vivendo com HIV-AIDS. A metodologia de funcionamento do grupo consiste primeiramente em rastrear as convenções nacionais e internacionais sobre Direitos Humanos, bem como a literatura especializada sobre cada grupo minoritário pelo olhar da Psicologia. Em seguida, o grupo dedica-se à coleta de dados por meio de entrevistas com vítimas de violação, assim como com ativista de Direitos Humanos. O grupo tornou-se uma oportuna possibilidade de intercâmbio entre alunos da graduação e pós-graduação em Psicologia da UFRRJ. Um resultado expressivo desse grupo de estudo foi a organização da I Jornada de Psicologia e Direitos Humanos da UFRRJ, em 2019.

3. PROJETO DE EXTENSÃO

Em decorrência dos resultados e dos interesses dos alunos pela temática dos Direitos Humanos, em 2020 e 2021, desenvolvemos um projeto de extensão sobre essa temática, focalizando nas pessoas vivendo com HIV/AIDS. Isso porque, desde a década de 1980, segundo dados ONU-AIDS de 2019, o mundo já teve setenta e cinco milhões de infectados, sendo que trinta e dois milhões já morreram das complicações causadas pela aids. No caso específico do Brasil, cerca de 330 mil pessoas já morreram, enquanto 860 mil pessoas convivem atualmente com o vírus HIV. A partir do final da década de 1990, houve um avanço no tratamento e da redução da taxa anual de contaminação. No entanto, nos últimos anos, houve uma diminuição no investimento estatal brasileiro em campanhas de prevenção e no tratamento de HIV-AIDS, colocando em risco a vida das pessoas que vivem com esse vírus, pela possível falta de acesso à medicação. Do mesmo modo, os preconceitos e os estereótipos ainda existentes em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS contribuem para sentimentos de isolamento social, vergonha e de adoecimento psíquico desses sujeitos. Nesses termos, o projeto teve como foco principal contribuir diretamente com organizações não-governamentais de apoio às pessoas vivendo HIV/AIDS com informações sobre direitos humanos, esclarecendo que o acesso ao tratamento universal à sua doença crônica deve ser garantido, não por decisão isolada de governo, mas porque o direito à vida é o princípio mais essencial de todas as convenções e tratados de Direitos Humanos. Do mesmo modo, realizamos cursos *on line* de capacitação, para tratar dos temas de Direitos Humanos. Assim, objetivou-se,

diminuir o preconceito, a desinformação e discriminação em relação a HIV/AIDS. Outrossim, elaboram um material acadêmico que será capítulo de livro que já está no prelo.

4. ORIENTAÇÕES

De 2014 a 2022, oito dissertações de mestrado foram concluídas no PPGPSI sob minha orientação, tratando de diversas temas: religião, migração, envelhecimento, gênero, transexualidade e acolhimento institucional. Apesar da natureza diversa dos interesses dos alunos, esses trabalham dialogam entre si, seja a partir dos referenciais teóricos da memória social, seja na coleta de dados com o emprego da técnica de história de vida.

A dissertação “Memórias de migrantes em Aracruz/ES: análise das transformações psicossociais e urbanas 1970-2010”, de Maria Rita de Cássia Sales Régis, tratou das transformações psicossociais e urbanas em Aracruz examinando-as à luz da Psicologia Social. Para o alcance desse objetivo, tomaram-se por base as memórias contidas nas histórias de vida dos migrantes residentes nos bairros Coqueiral de Aracruz e Barra do Riacho, ambos situados em Aracruz, município do Norte do estado do Espírito Santo. A pesquisa permeou metodologicamente aspectos qualitativos, por propiciar discernimento que se referem aos motivos, interações, ações e relações grupais. A metodologia aplicada no levantamento e análise de dados firmou-se na Psicologia Social, sustentando-se na Teoria das Migrações e no campo de estudo da Memória Social.

A dissertação “A rede de apoio e suas multiplicidades: cartografando a transrevolução”, de Raísa Fernandes, abordou o papel dos grupos de acolhimento e seus efeitos nos processos de subjetivação e construção de si das pessoas travestis e transexuais, chamadas também de pessoas que transitam entre gêneros. A pesquisa teve como objetivos legitimar o trânsito entre gêneros e modos singulares de existência. A cartografia, assumida como metodologia, auxiliou na inserção no campo e no contato com diferentes forças, através das idas ao grupo carioca TransRevolução. Assim, pode-se transformar a realidade social em um contexto mais condizente com as demandas das pessoas que transitam entre gêneros, onde sua cidadania, memórias, dignidade e direitos estejam garantidos.

Por sua vez, a dissertação “Memórias e histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda em busca de trabalho”, de Rafaela da Silva Alves, adotou como principal instrumental de coleta de dados o trabalho com Histórias de Vida por meio das quais se pretendeu compreender o desenvolvimento sócio-histórico do município, bem como desvelar diferentes processos de envelhecimento que acontecem nessa cidade. O objetivo era compreender o processo de trabalho no Brasil, a partir da experiência de Volta Redonda, cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, recebeu considerável recrutamento de mão-de-obra para a construção da usina de aço: a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) desde 1940.

A dissertação “Análise Crítica das práticas em acolhimentos institucionais a partir do depoimento de adolescentes e jovens, de Suanny Nogueira, analisou as práticas profissionais que efetivavam a execução de uma medida protetiva de acolhimento institucional para crianças e adolescentes a partir da experiência em uma entidade municipal localizada na Baixada Fluminense. Os dados foram produzidos por meio dos depoimentos de desacolhidas ou desacolhidos na faixa de dezessete a vinte e cinco anos. Através da triangulação entre o método de História de Vida, da Pesquisa-intervenção e Análise Institucional, entrevistas foram usadas para acessar as memórias referentes ao período em acolhimento. Os resultados apontaram que adolescentes e jovens querem que as equipes das entidades protetivas percebam suas fragilidades, suas capacidades, seus desejos de atenção e suas necessidades de serem amadas, amados em suas trajetórias vida afora.

A dissertação “A memória e seu comprometimento na esclerose múltipla”, de Thais Monteiro, objetivou avaliar o comprometimento de memória na forma benigna da Esclerose Múltipla através de avaliação neuropsicológica. A abordagem metodológica priorizou a revisão bibliográfica e pesquisa de campo, para examinar os processos mnêmicos nesse quadro nosológico.

A dissertação “Corpos antigos, novos contextos: o idoso em tempos de cibercultura”, de Sabrina Álvaro, identificou transformações socioculturais ocorridas no cotidiano da população idosa sob a luz da análise psicossocial. Para atingir este objetivo, estudamos a percepção de vinte idosos a partir dos sessenta anos, residentes no município de Mesquita e frequentadores da ciclovia municipal, acerca da tecnologia e suas influências em suas rotinas. A partir de teorias sobre a Modernidade Líquida, Memória Social, a Cibercultura e envelhecimento, pesquisamos a relação dos idosos com esse cenário cambiante. A metodologia aplicada na

avaliação dos dados foi a Análise de Conteúdo, da Bardin, os resultados revelaram que os idosos percebem de maneira heterogênea os avanços tecnológicos, mas acreditam que uma nova velhice surgiu a partir deles. As alterações nas novas formas de sociabilidade foram as que mais causaram incômodo e preocupação.

A dissertação de mestrado “A Memória Social da Religião Evangélica em Paracambi entre os anos de 1970 a 2000”, de Maicon Moreira, teve o intuito pesquisar a memória social da religião evangélica da cidade de Paracambi, objetivando analisar quais os fatores contribuíram para que a religião evangélica alcançasse maioria de adeptos/fiéis no decorrer do século XX, especificamente entre as décadas de 1970 a 2000. Essa pesquisa utilizou como referência teórica a Memória Social, sobretudo, os conceitos memórias comuns de Celso Sá e de memórias subterrâneas de Michael Pollak. Quanto ao método de pesquisa, foi feito o uso de narrativas orais, por meio de histórias de vida temática.

A dissertação de mestrado “Quero falar uma coisa: os sentidos do amor em tempos de ditadura nas canções de Milton Nascimento e Belchior (1964-1985)”, de Shayene Bravo, tratou-se de uma pesquisa psicossocial a fim de compreender e analisar os conteúdos das canções no período da ditadura no Brasil dos anos de 1964 a 1985 e seus atravessamentos sociais, culturais e econômicos, mais especificamente na construção/transformação dos conceitos e sentidos do amor naquele contexto. Para este fim, selecionamos canções de Milton Nascimento e Belchior. Investigar os aspectos sócios-culturais da ditadura militar se faz necessário, pois, apesar de passados cinquenta anos, esse período é um acontecimento histórico que resulta hoje em impactos e resistências nos modelos e sistemas atuais. Para isto utilizamos, revisão bibliográfica e o método de Análise de Conteúdo proposta por Bardin.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar participando do PPGPSI-UFRRJ desde 2014 até o presente tem sido uma experiência enriquecedora em termos acadêmicos. Além da contribuição para a parte administrativa e institucional do Programa, destaco como relevante minha colaboração na formação de mestre e doutores em Psicologia. Ademais, acredito que tenha cooperado com o avanço dos estudos da memória e dos direitos humanos com minhas produções intelectuais, entre as quais, destaco as seguintes artigos e capítulos de livros: Memória, identidade e comensalidade: a feijoada da família

portelense (artigo - 2020); Os estudos cognitivos da memória de Jean Piaget e Barbel Inhelder (artigo - 2016); Memória de migrantes das transformações socioambientais em Barra do Sahy: da celulose à indústria naval (capítulo de livro – Régis, & Ericeira, 2019); Análise psicossocial da memória autobiográfica e memória social (capítulo de livro – Naiff, Ericeira, & Naiff, 2022); A epidemia HIV/AIDS: reflexões a partir dos direitos humanos (Ericeira et allii, 2003). Por fim, reconheço a importância de participar de um Programa de Pós-Graduação que há dez anos está vocacionado para capacitação de profissionais para atuação científica e acadêmica em Psicologia.

REFERÊNCIAS

- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ericeira, R. (2020). Memória, identidade e comensalidade: a feijoada da família portelense. *Memorandum* (BELO HORIZONTE), 1, 1-21.
- _____. (2016). Os estudos cognitivos da memória de Jean Piaget e Barbel Inhelder. *Memorandum* (BELO HORIZONTE), 31, 38-55.
- Ericeira, R., Silva, M., Soares, T., Alves, S., Santos, T., Surcin, M., Jacinto, D., Viera, J., Sousa, M., Victorino, C. *A epidemia HIV-AIDS: reflexões a partir dos direitos humanos*. Em: Ana Claudia Peixoto, Denis Naiff, Nilton Sousa (Orgs.). Curitiba: Editorial Casa, 2023.
- Halbwachs, M. (2004 [1950]). *A memória coletiva* (São Paulo: Hucitec).
- Naiff, L., Ericeira, R., & Naiff, D. (2022). Análise psicossocial da memória autobiográfica e memória social. Em: *Metodologia Qualitativa: técnica e exemplos de pesquisa*. Adriana Benevides Soares, Maria Eduarda Jardim (Orgs.). Curitiba; Appris.
- Regis, M.R., & Ericeira, R. (2019). Memória de Migrantes das transformações socioambientais em Barra do Sahy: da celulose à indústria naval. In: Maria Cristina Dalto; Sergio Luiz Marlow. (Org.). *Lugares e Pessoas: movimentos migratórios no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Bonecker. 1, 157-178.
- Ricoeur, P. (2008). *História, Memória, Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp (Original publicado em 2000).
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295. Recuperado em 16 de maio, 2022.

CAPÍTULO 05

MINHA TRAJETÓRIA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)

Sílvia Maria Melo Gonçalves

Em 1994, quando iniciei minhas atividades como docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Rural), o Departamento de Psicologia (DEPSI) contava com seis professores. Devido ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), estabelecido pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, os cursos de Licenciatura aumentaram e mais dois professores ingressaram no departamento.

Os professores do DEPSI sempre almejavam a criação de um curso de graduação em Psicologia, e, em 2009, quando o DEPSI contava com oito professores, o Departamento elaborou o projeto para o curso de Graduação em Psicologia, tendo o Prof. Dr. Denis Giovani Monteiro Naiff como coordenador. A primeira turma teve início no segundo semestre de 2010 e a portaria nº 2018 do MEC, de 29 de novembro de 2010, regulamentou o curso de Psicologia.

Com a graduação em Psicologia, os docentes do DEPSI almejavam a Pós-graduação em Psicologia e o PPGPSI veio consolidar a Psicologia na Rural, através de seu papel social de ensino público, gratuito e de qualidade, comprometido com a tríade ensino, pesquisa e extensão.

No Estado do Rio de Janeiro 34 instituições oferecem graduação em Psicologia distribuídos em 18 municípios. Segundo dados fornecidos pelo Conselho Regional de Psicologia do Estado do Rio de Janeiro, somente na sua sede da Baixada Fluminense em Nova Iguaçu estão cadastrados 1200 psicólogos. São milhares de profissionais em formação e provavelmente entre 600 e 800 concluindo o curso de psicologia anualmente no Estado. Muitos desses não ingressam em uma pós-graduação *stricto sensu* pela distância dos cursos oferecidos, o que dificulta a frequência e permanência (<http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgpsi/historico/>).

O PPGPSI recebeu recomendação da CAPES em novembro de 2011, com entrada dos candidatos em fevereiro de 2012.

Diante do passar dos anos, a institucionalização da pós-graduação nacional sempre esteve atrelada à CAPES, mormente a partir da década de 1970, desde o necessário credenciamento e da autorização da operação apenas dos cursos de pós-graduação que oferecessem uma qualidade mínima até a identificação dos setores nacionais a serem desenvolvidos e da minoração das assimetrias regionais (Cabral, Silva, & Melo, 2020, p.3).

Nesta época, eu já havia retornado de meu doutoramento, que foi iniciado em 2003, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) quando me foi concedida licença parcial para capacitação (20 horas), quando tive que deixar o cargo de Chefe do DEPSI, ficando só com a lecionação; de 2004 a 2006, minha licença foi transformada em total (40 horas). Durante o período de minha licença para capacitação, recebi meu salário integral, tendo a certeza de que, ao retornar, meu vínculo com a Rural estaria garantido. Não considero que isto seja um privilégio, mas um investimento da Rural em seus docentes visando o desenvolvimento científico da universidade.

Em meu doutoramento, conheci a Psicologia Positiva, linha de pesquisa do Prof. Dr. Carlos Américo Alves Pereira; e este novo enfoque da Psicologia me surpreendeu e me encantou. Como concluí minha graduação em 1977, não cursei disciplinas que hoje podem ser oferecidas nos cursos de graduação em Psicologia, e, estudar felicidade, satisfação com a vida, emoções positivas e qualidade de vida foi muito prazeroso. Do mesmo modo, a disciplina Psicologia Jurídica também não existia durante minha graduação, e lecionei esta disciplina na graduação da UFRJ, sendo estas as temáticas que venho orientando no PPGPSI.

A Psicologia Positiva surgiu em 1998, quando Martin Seligman, durante sua gestão frente à presidência da *American Psychological Association* (APA), fez seu lançamento com objetivo de redirecionar o foco de interesse da Psicologia, deixando de se preocupar unicamente com reparação de danos para se ocupar com emoções positivas, virtudes e forças pessoais (Seligman, 2004), tornando-se uma ciência que estuda e investiga experiência subjetiva positiva, características positivas individuais e instituições positivas. Para isso, os psicólogos positivos buscam classificar as forças humanas, em contraposição aos estudos de desordens psíquicas que sempre dominaram o foco da Psicologia. Assim, segundo Seligman e Csikszentmihalyi (2000), a Psicologia deixaria de ser uma ciência e profissão curativa, voltando-se para a construção de qualidades positivas.

Desde essa época, a Psicologia Positiva vem crescendo rapidamente, envolvendo centenas de pesquisadores nos Estados Unidos e ao redor do mundo, através de inúmeros estudos transculturais. Sua preocupação reside em descobrir e promover os fatores que permitem que os indivíduos e as comunidades prosperem (Seligman, & Csikszentmihalyi, 2000; Fredrickson, 2001; Seligman, 2004; Diener, & Seligman, 2004).

O doutoramento me proporcionou ser professora colaboradora na Linha de Pesquisa 1 – Processos Psicossociais e Coletivos do PPGPSI, além de ser membro de corpo editorial dos periódicos Mosaico: Revista Multidisciplinar de Humanidades e RETTA: Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrárias, revisora dos periódicos Psicologia: Teoria e Pesquisa, Psico-USF (Impresso), Temas em Psicologia/SBP, Revista Amazônica, Psicologia-Reflexão e Crítica e Revista Estudos de Psicologia da PUC Campinas. Do mesmo modo em que sou Membro da Comissão Científica de alguns eventos

É importante destacar que a atividade de orientação na pós-graduação *Stricto Sensu*, cujo objetivo é a formação acadêmica com intuito de formar pesquisadores, possibilita, através das trocas entre orientador e orientando, construções de grande relevância para ambos os envolvidos. Neste sentido, a contribuição de Waizbort (2011, p. 141) deve ser destacada por considerar a profundidade da transformação advinda da relação que se desenvolve.

[...] o processo de formação, presente no docente e no discente, está diretamente vinculado à ideia de personalidade, pois a ideia de personalidade supunha uma formação, assim como a formação depende da personalidade. Personalidade supunha formação, porque ela é precisamente o resultado de um processo formativo, no qual o indivíduo, ao longo do tempo, adquire um patrimônio interior mais diferenciado, mais amplo e mais profundo. Por outro lado, a formação depende da personalidade porque ela mobiliza aquela diferenciação, amplitude e profundidade em uma espécie de conversação coletiva, por meio da qual a personalidade formada forma o humano em vias de se tornar uma personalidade. Poderíamos dizer que a formação depende da personalidade como seu elemento de reprodução social. Uma modalidade muito importante daquela conversação foram a escola e a universidade, e as formas e os círculos de sociabilidade daí advindos, seus mecanismos de reprodução por excelência.

Considero uma atividade relevante para um docente de ensino superior o engajamento em uma Pós-Graduação *Stricto Sensu*, auxiliando seus orientandos em todas as etapas de suas pesquisas, ajudando na finalização de suas dissertações de mestrado. Neste sentido, destaco que a relação com cada orientando foi muito gratificante, e a troca acadêmica em relação às questões teórico-metodológicas foi enriquecedora tanto para o discente como para mim. Desta forma, destaco a contribuição de Leite Filho e Martins (2006, p. 100) sobre a relação entre o orientador e seus orientandos.

Os orientadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas e ricas em detalhes com os orientandos, e, desta convivência, resultam dissertações e teses que contribuem para a sistematização e consolidação do conhecimento científico em determinada área. Todavia, para que este processo seja produtivo, é necessário que os orientadores e os orientandos conheçam as suas prerrogativas, constituindo através de um relacionamento construtivo o espaço propício e efetivo para a geração de conhecimentos.

Ser professora do PPGPSI me traz muita satisfação por orientar discentes na elaboração de suas dissertações na área da Psicologia. As dissertações que tenho orientado, como já assinalado, têm como temática a Psicologia Jurídica, em vários contextos diferentes; e, sempre que possível, tendo a sugerir que a Psicologia Positiva seja o viés da fundamentação teórica.

No momento, tenho três orientações de Mestrado em andamento e dez orientações de Mestrado concluídas, que seguem destacadas, com o produto de cinco artigos em revistas científicas, quatro capítulos de livro, artigos completos, resumos expandidos e simples em eventos científicos.

1. Liliam Cristina e Souza. Movimentos sociais e periferia: memórias de militantes da favela do Cerro Corá- RJ. 2023
2. Thiago Rosa Assis de Oliveira. Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: os desafios da equipe técnica na reinserção familiar. 2022
3. Michelle Santos Magalhães. Como os psicólogos veem sua atuação frente aos processos de judicialização dentro do Conselho Tutelar? 2022
4. Lucia Helen da Silva Vicente. A práxis do psicólogo jurídico nos equipamentos de acolhimento institucional. 2020

5. Carolina Maria Felipe dos Santos Silva. Perspectiva de egressos do sistema prisional em relação à vida em sociedade após cumprimento da pena. 2019
6. Johnny Clayton Fonseca da Silva. Criminalização da infância pobre a partir de uma análise sobre negligência familiar em municípios da Baixada Fluminense. 2019
7. Jacqueline Pereira Lopes. Bem-estar subjetivo na privação de liberdade. 2019
8. Érika Barbosa de Araújo. Adolescência: um olhar através das paredes do acolhimento institucional. 2018
9. Nayara de Souza Gomes. Percepção da atuação profissional de equipe técnica de abrigo para população adulta em situação de rua. 2017
10. Juraci Brito da Silva. A visita íntima como dispositivo para fazer circular outras narrativas no sistema socioeducativo. 2016

REFERÊNCIAS

- Cabral, T. L. de O., Silva, F. C. da; Pacheco, A. S. V., & Melo, P. A. de. (2020). A Capes e suas sete décadas: trajetória da Pós-Graduação stricto sensu no Brasil. *Revista Brasileira de Pós-Graduação, [S. l.]*, 16 (36), p. 1–22. DOI: 10.21713/rbpg.v16i36.1680. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1680>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- Diener, Ed., & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: Toward an economy of well-being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5, 1-31.
- Fredrickson, B. L. (2001). The role of positive emotions in Positive Psychology: The broaden-and-build theory of positive emotion. *American Psychologist*, 56, 218-226.
- Leite Filho, G. A., & Martins, G. de A. (2006). Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. *Rev. adm. empresas*, São Paulo, 46, spe, pp. 99-109. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902006000500008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 04 nov. 2023.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.
- Seligman, M. E. P. (2004). *Felicidade autêntica: Usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Waizbort, L. (2011). Glosa sobre a universidade, a formação e as disciplinas do saber, por ocasião de um concurso universitário. *ARS: São Paulo*, 9 (17), 138-145.

CAPÍTULO 06

DEZ ANOS DE HISTÓRIA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Formei-me em Psicologia no ano de 1997; tornei-me mestre em psicologia cognitiva no ano de 2002 e, em 2006, doutora, ambas pela UFRJ. Desde a minha formação atuei em algumas áreas, como clínica em Terapia Cognitivo-comportamental (TCC), saúde pública e escolar; fui professora da graduação e Pós-graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá de 2000 até 2010 – ano este, que iniciei minha carreira como professora do Departamento de Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A partir de 2013, o curso de Psicologia iniciou suas atividades dos estágios profissionais, e, motivada pela necessidade do curso, bem como pelo convite da Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM-RJ) para oferecer um trabalho na comunidade que atendesse as demandas locais, iniciei, juntamente com um grupo de alunos interessados pelas temáticas da abordagem da TCC e clínica infantojuvenil, as ações que hoje mediam o trabalho do Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA) (Peixoto, Gauy, & Sapienza, 2016).

A parceria com a AVPM gerou a aproximação com a prefeitura do município de Mesquita, com a Vara da Infância, da Juventude e do Idoso das comarcas de Nova Iguaçu e Mesquita e com equipamentos envolvidos na proteção de crianças e adolescentes, tais como, Casas de acolhimento, Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), possibilitando a inserção do LEVICA no território de uma forma orgânica para os trabalhos que envolviam muitos desafios nesta área. As ações do LEVICA foram sendo inseridas na proteção social especial de média e alta complexidade e as demandas foram sendo absorvidas a partir de encaminhamentos da rede de proteção socioassistencial e comunidade local (Peixoto, Gonçalves, & Rozario, 2019).

A seguir, apresento uma linha do tempo com as principais ações e movimentos do LEVICA alinhavadas a muitas mãos desde a sua concepção:

2013-2024	Abertura das primeiras turmas de estágio profissional para o curso de Psicologia na UFRRJ e Início da parceria com a AVPM.
2013-2014	Desenvolvimento da Pesquisa de extensão com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): “Levantamento do perfil cognitivo de crianças vítimas de violência”.
2014-2015	Desenvolvimento da Pesquisa de iniciação científica com apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: “Prevenindo e intervindo na violência contra crianças e adolescentes”.
2014-2024	Implantação e desenvolvimento dos serviços oferecidos pelo LEVICA e das ações que envolvem a formação de alunos da graduação e pós-graduação subsidiados pela extensão e pesquisa.
2015	Parceria de cooperação internacional com a Associação Psicológica Americana (APA) visando a capacitação para utilização do Programa Raising Safe Kids (ACT-RSK) (Santos, Peixoto, & Andrade, 2021) – que objetiva o treinamento de profissionais e cuidadores na utilização de educação positivo sem o uso da violência.
2015	Workshop Internacional Vida Plena organizado pelo LEVICA em parceria com a AVPM, para capacitação na utilização do ACT.
2015-2016	Desenvolvimento da pesquisa de extensão com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): “Avaliação das características de personalidade e cognitiva de crianças e adolescentes vítimas de violência”.
2015-2023	Ao longo desses anos, foram publicados: treze artigos, dezenove capítulos de livros; vinte e oito trabalho de conclusão de curso (TCC) e doze orientações de mestrado dialogando com temas sobre: fortalecimento de vínculos, rede socioprotetiva, infâncias e adolescências diversas, prevenção à violência, diversidade sexual, intervenções para população vulnerável, TCC para crianças e adolescentes, institucionalização da infância, psicoeducação de pais, adoção, violência contra a mulher e trauma. - Atualmente, estão em curso de orientação: 04 projetos de doutorado e três de mestrado.
2017	Início das Oficinas ofertadas para a comunidade interna da UFRRJ e externa (escolas e outras instituições) sobre temas que atravessam a violência: ansiedade, depressão, bullying, estresse, automutilação, racismo, diversidade de gênero.
2017-2024	Integração da coordenadora do LEVICA no quadro de professores permanentes do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI). Os projetos orientados versam sobre temáticas que atravessam a violência contra crianças e adolescentes.
2018	Participação na I Reunião Brasileira do Programa ACT Raising Safe Kids, realizada em São Paulo com líderes do programa ACT no Brasil. - Recebimento do Prêmio MELHORES PÔSTERES da XVI Mostra de TCC com o trabalho “Protocolo superar: Terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual” na modalidade Pôster;
2018-2019	Desenvolvimento da Pesquisa de Iniciação Científica com apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: “Os desafios da população em situação de rua frente às Políticas de Saúde Pública”.
2019	Participação no ACT Leadership Meeting 2019 - Encontro Anual de líderes do ACT, na APA, em Washington (DC) para discussão sobre o uso e aplicação do ACT nos países que utilizam o Programa ACT.

	- Elaboração e publicação da “Cartilha sobre violência contra crianças e cuidadores para pais e cuidadores” com o apoio da Editora da Editora EDUR/UFRRJ. - Organização do curso para a comunidade interna e externa sobre: “A construção da identidade na adolescência: um olhar para as mudanças físicas, cognitivas e psicossociais”.
2019-2020	Desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica com apoio financeiro do Programa Institucional de bolsas de Iniciação científica: “Aplicação e avaliação do programa ACT- <i>Adults and Children Together - Raising safe kids</i> - para educar crianças em ambientes seguros: prevenção a violência infantil”.
2021	Oferecimento dos cursos de extensão com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): 1) “Migração: ações e desafios nas políticas públicas para crianças e adolescentes em situação de refúgio” e 2) “Prevenção e intervenção no âmbito da violação de direitos de crianças e adolescentes”.
2021-2022	Desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica: “Avaliação de programas de intervenção com adolescentes acolhidos institucionalmente”.
2022	Oferecimento do curso de extensão com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): “Imersão sobre o cuidado e fortalecimento de vínculo com famílias na rede socioassistencial”.
2023	Recebimento do Prêmio <i>Sandra Scivoletto</i> de Melhor trabalho livre (área de crianças e adolescentes em situação de risco, vulnerabilidade e privação), no VII Congresso Internacional e XXVII Brasileiro da ABENEPI.
2023-2024	Desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica com apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: “Crianças em situação de refúgio em território brasileiro: ações protetivas e locais de refúgio”. - Desenvolvimento da pesquisa de extensão com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): “Desenvolvimento e aplicação de tecnologia social para psicoeducação sobre transtornos de ansiedade infantil e mutismo seletivo”.
2024	Publicação, com apoio do PPGPSI, do livro organizado pelo LEVICA: “Caminhos para a proteção infantojuvenil. Pesquisa, extensão e intervenção” que reúne trabalhos de intervenção, pesquisa e extensão sobre a proteção infantojuvenil no Brasil e em outros países.
2024	Organização do livro: “Crianças e adolescentes (in)visibilizados – pesquisa, intervenção e extensão com crianças e adolescentes vítimas de violência”, publicado pela editora CRV. Neste livro, além das experiências de estagiários e pesquisadores do LEVICA, outros profissionais e pesquisadores na área da psicologia, serviço social e medicina discutem com um olhar contemporâneo e aplicado diferentes teorias, políticas públicas e ações em prol da proteção e melhoria das condições de vida de crianças e adolescentes em diferentes contextos no Brasil e em outros países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apoio do PPGPSI ao LEVICA tem sido fundamental na construção e manutenção do trabalho de atendimento psicoterapêutico a crianças e adolescentes vítimas de violência - a partir de diretrizes que formam o sistema de garantia de direitos

visando a proteção integral -, preconizados pelo Estatuto da Criança e do adolescente - ECA (Brasil, 1990).

Nosso compromisso continua sendo duplo: oferecer atendimento gratuito e de qualidade à comunidade e capacitar/ orientar a formação do exercício profissional de psicólogos e pesquisadores - colaborando com o desenvolvimento da comunidade e da psicologia no Brasil. Nossos movimentos refletem o compromisso coletivo assumido pela UFRRJ com a população em um trabalho que acontece de forma coletiva para intervir, prevenir e combater os efeitos de uma estrutura violenta e desigual que se instalou na cultura brasileira desde a nossa constituição como nação. Temos esperança e lutamos por um mundo mais igualitário, diverso e amoroso para se viver. É sobre isso o nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>

Peixoto, A. C. A, Gauy, F. V., & Sapienza, G. (2016). Supervisão no atendimento a crianças e adolescentes. In: Silvaes, E. F. M., Melo, M.H. S., & Lor, S. S. *Supervisão e Formação em Psicologia*. Editora: Juruá.

Peixoto, A. C. A, Gonçalves, S. M. M., & Rozario, G. F. (2019). Intervenção interdisciplinar com crianças e adolescentes institucionalizados. In: De-Farias (Org.). *O trabalho de equipes multiprofissionais em diferentes contextos*. Editora: Juruá.

CAPÍTULO 07

CLÍNICA E EPISTEMOLOGIA NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL

Deborah Uhr

Este capítulo apresenta a minha trajetória acadêmica e profissional nos campos da Saúde Mental, da Saúde Coletiva e da Psicanálise. O interesse por esses campos teve início na graduação e acompanhou minha carreira, onde procurei associar a formação teórica, clínica e de pesquisa à atuação no setor público. A docência se apresentou como efeito desta articulação.

Fiz minha graduação na UFRJ entre 1988 e 1993 e ali que tive o primeiro contato com a Saúde Mental por meio de um estágio em um hospital psiquiátrico. Nele, surgiu a motivação para acompanhar o desmonte do manicômio e a opção pela clínica. Em seguida, o estágio no hospital universitário me permitiu perceber com mais acuidade a relação entre corpo e mente no processo de adoecimento e o estágio na Divisão de Psicologia Aplicada franqueou o exercício da Psicanálise, situando-o em meio aos debates acerca da Saúde Pública e das representações socioculturais sobre sofrimento psíquico.

Em 1994, iniciei a pós-graduação no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Busquei especialização em Saúde Mental em ambulatório, porque desejava aprofundar o estudo da Psicanálise e a experiência clínica. Interessou-me investigar a psicose para diferenciá-la da neurose e, assim, localizar a especificidade de seu manejo clínico. Defendi a monografia O Mecanismo de Defesa da Psicose, publicada no formato de artigo em 1995. Na mesma época, fui bolsista de aperfeiçoamento pelo CNPq na Escola Nacional de Saúde Pública / Fiocruz. Participei da pesquisa “Análise dos Determinantes e Estratégias das Políticas de Saúde Mental: o projeto da reforma psiquiátrica (1970-1990)” e fui coautora do livro Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil, publicado em 1995. Atuei também na pesquisa “O Estado da Arte em Saúde Mental no Brasil: referências bibliográficas e conceituais”.

Ingressei na residência no Centro Psiquiátrico Pedro II em 1996 e nela elaborei a monografia “Experimentação e acolhimento: o caso de um serviço público de Saúde Mental bem-sucedido”, orientada por Edmar Oliveira, onde discuto o processo de

transformação de uma enfermaria fechada em um serviço de atenção diária. Desejava situar o modo pelo qual mudanças clínico-organizacionais constroem novas práticas.

Em 1998, iniciei o mestrado em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social / UERJ e o trabalho, como servidora, na Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS-Rio). O mestrado permitiu avançar na leitura sobre o campo da Reforma Psiquiátrica, numa perspectiva ampliada e articulada a outras áreas de conhecimento. A participação na implantação do Caps Ernesto Nazareth motivou a escolha do tema território e seu uso no campo da saúde mental como objeto de pesquisa. Da análise dessa experiência, resultou a dissertação “Atenção Psicossocial, Clínica Ampliada e Território: a reforma psiquiátrica e os novos serviços de Saúde Mental”. Em 2011, após atuação em centros de atenção psicossocial, retomei a pesquisa feita no mestrado para redigir o artigo “Reforma Psiquiátrica, Federalismo e Descentralização da Saúde Pública no Brasil”, publicado na Revista Ciência e Saúde Coletiva em coautoria.

Com o término do mestrado, voltei-me para os desafios clínicos de minha atuação profissional e busquei na Psicanálise de orientação lacaniana o alicerce para o trabalho institucional. Procurei a Escola Brasileira de Psicanálise, na época dedicada à investigação da Psicanálise aplicada ao campo da saúde mental. O estudo da obra de Lacan foi central para a sustentação da clínica com psicóticos no Caps e depois no ambulatório do Instituto Nise da Silveira. Neste Serviço, coordenei a reorganização da porta de entrada a partir do tratamento clínico da demanda. A teorização da experiência a partir do referencial psicanalítico deu origem ao texto Psicanálise Aplicada à Instituição de Saúde Mental: o grupo de recepção como tratamento da demanda, posteriormente transformado no artigo Grupos de Recepção: uma porta de entrada para a experiência da análise, escrito com Nuria Malajovich e divulgado em 2013 na Revista Latusa da EBP-Rio. Dessa vivência, também resultou um artigo sobre a clínica da psicose, escrevendo um Corpo, publicado em 2011 no livro Caminhos de Estabilização na Psicose.

A atuação no ambulatório foi decisiva também para minha participação na elaboração dos dois materiais instrucionais da SMS-Rio: “Recomendações sobre o Atendimento Ambulatorial em Saúde Mental na Rede Básica” e “Linhas de Ação para Atenção Ambulatorial em Saúde Mental”, lançadas respectivamente em 2005 e 2016. O trabalho no Instituto Nise da Silveira também me conduziu à função de supervisora clínico-institucional da rede de Saúde Mental da SMS-Rio. Esta atividade foi realizada

entre 2007 e 2017, ganhando novos matizes com o desdobramento da supervisão, que deixou de se dedicar exclusivamente ao Caps para incluir todos os serviços intra e intersetoriais que lidam com questões de saúde mental no território daquele serviço. A proximidade com a política de Assistência Social guiou-me para o estudo da literatura do campo e viabilizou a elaboração do artigo “Proteção Social e Pessoas com Deficiência no Brasil”, publicado em 2016 na Revista Ciência e Saúde Coletiva em coautoria.

A inserção na SMS-Rio permitiu que, em 2000, eu desse início à carreira docente, a princípio como supervisora de estágio e em seguida supervisora e professora do Curso de Especialização em Saúde Mental em nível de Residência, mais tarde renomeado “Residência Multiprofissional em Saúde Mental”. Essa experiência me levou ao ensino de graduação, onde fui professora e supervisora de estágio na Universidade Estácio de Sá (2003-2008) e na Uni-IBMR (2010-2014). Ainda como parte de minhas atividades docentes, por cerca de cinco anos integrei o corpo de professores do Curso de Especialização Técnica de Nível Médio da EPSJV/Fiocruz.

Em 2010, ingressei no doutorado e elegi como objeto de pesquisa a clínica psicanalítica da depressão nos ambulatorios públicos. Escolhi a PUC-Rio como local de formação, pois me interessava integrar a pesquisa “Atendimento Psicológico a Populações de Baixa Renda”, coordenada pela prof. Junia de Vilhena. Entendia que, embora a depressão não pudesse ser definida exatamente como um novo sintoma, sua crescente prevalência saltava aos olhos e era preciso investigá-la. Para me aproximar do objeto escolhido, optei por analisar em que medida a chamada epidemia da depressão se relacionava com as transformações sociais recentes e, em especial, com as mudanças na psiquiatria. O aprofundamento do estudo sobre este segundo tema reconfigurou meu objeto de pesquisa e procedi à uma revisão bibliográfica sobre a formação discursiva da psiquiatria biológica e sua relação com a mudança operada no DSM nos anos 1980. Em 2014, defendi a tese intitulada “O apagamento do sujeito na clínica contemporânea: o exemplo da psiquiatria biológica”, da qual derivou o artigo “A medicalização e a redução biológica no discurso psiquiátrico”.

Analisei a construção da psiquiatria biológica como um saber, e não uma ciência, e sua tentativa de definir os transtornos mentais como transtornos cerebrais. Apontei os condicionantes desta leitura naturalista e os limites que ela enfrenta. Referi que, embora a psiquiatria biológica falhe em sua tentativa de comprovar a

equivalência entre mente e cérebro, ela tem sido bem-sucedida na proposição de uma nova classificação psiquiátrica, que desconsidera a dimensão subjetiva e os condicionantes sociais do mal-estar. A abordagem descritiva, sintomatológica, em conjunto com a expansão da indústria farmacêutica e um ambiente sociocultural marcado pela responsabilidade e iniciativa, conduz ao borramento das fronteiras entre normalidade e patologia, à inflação diagnóstica e à medicalização do mal-estar.

A realização do doutorado me permitiu concorrer ao cargo de professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nas áreas de Psicopatologia, Saúde Mental e Saúde Coletiva em 2016. Nesta universidade, assumi o ensino de Psicologia e Saúde Mental e Psicopatologia para graduandos de Psicologia e Psicologia das Relações Humanas para alunos deste e de outros cursos, além do estágio em saúde mental e de disciplinas optativas como Psicologia e Políticas Públicas, A Prática Psicológica em Tempos de Pandemia e Casos Clínicos em Saúde Mental. Entre julho de 2016 e abril de 2017, desenvolvi o projeto de extensão “Supervisão Clínico-Institucional em Saúde Mental”, em que dei seguimento e finalizei o trabalho de 10 anos de supervisão e quase 20 anos na SMS-Rio. Em seguida, integrei o projeto de extensão “Fora da Casinha”. Em outubro de 2017, assumi a coordenação do Serviço de Psicologia Aplicada e em janeiro de 2018 a vice-coordenação do curso, onde exerci função gestora por respectivamente quatro e seis anos. Durante todo este tempo, integrei o Núcleo Docente Estruturante do curso, do qual ainda faço parte.

Um dos resultados da dedicação ao ensino de graduação foi a publicação, em 2020, do texto “Clínica e Política na Formação em Saúde Mental”, escrito com Luna Rodrigues e Yasmin Furtado. Da minha filiação ao campo da Saúde Coletiva e atenção aos efeitos da pandemia de Covid 19 advieram os artigos *Community Health Workers' Attitudes, Practices and Perceptions Towards the COVID-19 Pandemic in Brazilian Low-Income Communities* e “Insegurança e Medo na Atenção Primária: os agentes comunitários de saúde e a pandemia da Covid-19 nas favelas do Brasil”, elaborados em coautoria com pesquisadores da Fiocruz e publicados respectivamente em 2021 e 2022.

Um aspecto a ser ressaltado na minha inserção na universidade pública foi a oportunidade de integrar, desde 2018, o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, onde dou seguimento aos estudos realizados. No Programa, tenho dois principais temas de pesquisa: Saúde Mental e Medicalização e é em torno deles

que meus orientandos se distribuem. Atualmente, desenvolvo dois projetos de pesquisa: “Inflação Diagnóstica e Medicalização do Mal-Estar na Atenção Primária”, que analisa os dilemas da articulação entre atenção primária e atenção psicossocial em um contexto de inflação diagnóstica e de medicalização da vida, e “Saúde Mental em municípios de pequeno porte”, que investiga peculiaridades e dilemas da atenção em saúde mental em cidades com até 50 mil habitantes. Este último foi proposto tendo em vista a relevância e escassez de estudos sobre o tema e o fato de que uma das missões do PPGPSI é formar profissionais de psicologia da Baixada Fluminense, Sul Fluminense, Região Serrana e zona oeste do Rio de Janeiro, onde estão localizados alguns dos municípios pequenos e médios do Estado.

Entre 2018 e 2023, tive cinco mestrandos, quatro deles com dissertações já defendidas e intituladas: Transtorno de Oposição Desafiante e Medicalização da Infância: aspectos históricos e conceituais; O Que Pode um Caps I? Notas cartográficas de um serviço; Saúde Mental e Atenção Primária à Saúde: diálogo para construção do cuidado a pessoas com sofrimento mental; “Expansão das comunidades terapêuticas no Brasil: protagonismo na política de guerra às drogas”, antagonismo à reforma psiquiátrica. A quinta mestranda desenvolve a pesquisa “O Diagnóstico Psiquiátrico no Cotidiano Escolar: uma experiência de medicalização?”

CAPÍTULO 08

NEUROPSICOLOGIA NA UFRRJ: PESQUISAS NO CONTEXTO DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO

Emmy Uehara Pires

A Neuropsicologia é um campo interdisciplinar que integra conhecimentos da Psicologia, Neurociência, Medicina, Neurologia, Psiquiatria e outras áreas afins. Estuda as relações entre o cérebro e o comportamento, com foco na compreensão dos processos cognitivos e emocionais. Isto é, busca compreender como as alterações no funcionamento do sistema nervoso central podem afetar a cognição, a emoção e o comportamento de um indivíduo, em contextos normais e patológicos (Nitrini, 2003). Assim, para melhor investigação, a Neuropsicologia irá se dividir em algumas subáreas, tais como Neuropsicologia Clínica, Neuropsicologia do Desenvolvimento, Neuropsicologia e Pesquisa, entre outros.

Na Neuropsicologia clínica, o principal foco é a avaliação, o diagnóstico e o tratamento de indivíduos com disfunções neurológicas que afetam o funcionamento cognitivo e emocional (Wajman, 2021). Ela utiliza uma variedade de técnicas e testes neuropsicológicos para avaliar diferentes domínios, como atenção, memória, linguagem, praxia e funções executivas. Os trabalhos pioneiros de Alexander Luria, notadamente em sua obra “The Working Brain” (1973), traduzida para o português como “Fundamentos da Neuropsicologia” (1981), foram fundamentais para o desenvolvimento dessa área. A Neuropsicologia desempenha um papel crucial na avaliação e no tratamento de indivíduos com lesões cerebrais traumáticas, acidentes vasculares cerebrais, tumores cerebrais e outras condições neurológicas. Além disso, ela desenvolve estratégias de reabilitação neuropsicológica para promover a recuperação funcional. Graças à neuroplasticidade, capacidade do cérebro de se adaptar e se reorganizar em resposta a lesões ou mudanças ambientais, o tratamento é possível.

A Neuropsicologia do Desenvolvimento se concentra na investigação das alterações no desenvolvimento cognitivo e comportamental associadas a condições neurológicas desde a infância até a adolescência (Kolb & Whishaw, 2009). A pesquisa nesse campo busca entender como fatores genéticos e ambientais influenciam o desenvolvimento do cérebro e como isso impacta no cotidiano do indivíduo. Mais

especificamente na área educacional, a Neuropsicologia contribui para a compreensão das dificuldades de aprendizado, desenvolvimento em crianças e adolescentes, transtornos do neurodesenvolvimento. Ela fornece orientações para educadores e pais sobre estratégias de ensino e intervenções para otimizar o desempenho escolar.

A área da Neuropsicologia voltada para pesquisas é fundamental para o desenvolvimento de novos métodos, tratamentos e intervenções para condições neurológicas e transtornos mentais. Alguns aspectos relevantes abordados em pesquisas neuropsicológicas são: a) avanços tecnológicos com a construção de tecnologias de neuroimagem com foco na identificação de padrões de atividade cerebral associados a diferentes processos; b) estudos longitudinais e transversais, que acompanham um grupo de indivíduos ao longo do tempo para observar mudanças no funcionamento bem como comparam diferentes grupos em um determinado momento, com intuito de compreender a evolução de condições neurológicas; c) investigação de doenças neurodegenerativas como o Alzheimer e Parkinson, que buscam entender os estágios iniciais dessas condições, os marcadores biológicos associados e as estratégias de intervenção para retardar a progressão da doença; d) interação entre Genética e Neuropsicologia, que explora a influência de fatores genéticos na predisposição a condições neurológicas e no funcionamento cognitivo; e) intervenção e reabilitação, que concentra no desenvolvimento e na avaliação de técnicas de reabilitação cognitiva e intervenções para indivíduos com disfunções neurológicas, incluindo a criação de programas de treinamento cognitivo e estratégias de apoio para melhorar a qualidade de vida dos pacientes; f) estudos translacionais, que visam integrar achados de pesquisa básica com aplicações clínicas práticas. Em resumo, a área de pesquisas em Neuropsicologia desempenha um papel crucial na compreensão dos mecanismos neurais subjacentes ao comportamento e na busca por intervenções eficazes para condições neurológicas.

Ainda, a Neuropsicologia está intimamente ligada à área de Psicometria e à área de Fundamentos de Medidas na Psicologia. Ambas as disciplinas compartilham o objetivo de avaliar e quantificar características psicológicas e comportamentais, isso engloba o desenvolvimento de instrumentos de medida, como testes e questionários, avaliação de características psicológicas fundamentais para o diagnóstico e o planejamento de tratamento em casos de disfunção neurológica.

Assim como em outras áreas, as pesquisas em Neuropsicologia enfrentam uma série de desafios, em especial, inerentes à complexidade do cérebro humano e à natureza multifacetada dos processos cognitivos e comportamentais. Essas dificuldades podem impactar a coleta e interpretação de dados. No Brasil, além dessas limitações, existem aspectos voltados para: a) a escassez de recursos e infraestrutura tecnológica para aquisição de equipamentos, realização de estudos de neuroimagem e contratação de pessoal; b) acesso a populações específicas, como grupos étnicos minoritários e comunidades em áreas remotas, o que pode limitar a representatividade e a generalização dos resultados; c) falta de instrumentos validados; d) desigualdades regionais, sejam elas socioeconômicas e/ou de acesso à saúde; e) colaborações internacionais limitadas, por exemplo, devido às dificuldades logísticas e financeiras; entre outras (Hazin et al., 2018).

Apesar dessas dificuldades, pesquisadores brasileiros em Neuropsicologia têm demonstrado notável resiliência e criatividade na condução de estudos de alta qualidade. Além disso, iniciativas de fomento à pesquisa, como bolsas de estudo e apoio de agências de financiamento, têm contribuído para mitigar algumas das limitações enfrentadas.

Neuropsicologia na Graduação e Pós-Graduação da UFRRJ

Em 2014, assim que terminei meu doutorado, passei no concurso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para professor do magistério superior do quadro permanente do Departamento de Psicologia. No ano da minha entrada, criei o Núcleo de Ações e Reflexões em Neuropsicologia do Desenvolvimento (NARN, <https://r1.ufrrj.br/narn/>), vinculado ao diretório de pesquisa do CNPq. Juntamente a ele, iniciei meu trabalho como supervisora de estágio profissional em Neuropsicologia – avaliação e intervenção na clínica escola em parceria com a professora Luciene Rocinholi.

Com esses dois focos, comecei a desenvolver treinamentos, grupos de estudos e pesquisas na área envolvendo apenas os discentes da graduação da UFRRJ. As pesquisas foram ganhando corpo, sendo possível submeter novos projetos para solicitação de bolsas de iniciação científica (IC) na universidade, via CAPES, e na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro

(FAPERJ). Desde minha entrada até o ano de 2023, fui contemplada com 13 bolsas de IC, bem como 9 bolsas de IC voluntária através da UFRRJ.

A partir de 2016, iniciei minha trajetória no PPGPSI da UFRRJ orientando discentes de mestrado e no ano de 2019, discentes de doutorado. Ao longo desses anos, foram (estão sendo) orientados 15 discentes de mestrado e 2 de doutorado, com temáticas de pesquisas estavam voltadas para a área de neuropsicologia. Na Figura 1 abaixo, serão listados os trabalhos desenvolvidos.

Figura 1. Relação de dissertações e teses orientadas por mim no PPGPSI/UFRRJ.

NEUROPSICOLOGIA COGNITIVA E CLÍNICA
- Controle Inibitório, Impulsividade e o Uso de Álcool e Drogas por Adolescentes (2017). - O processo avaliativo no Transtorno do Espectro Autista (TEA): atuação do neuropsicólogo no Estado do Rio de Janeiro (2018). - Avaliação atencional e executiva em indivíduos com compulsão alimentar (2020). - Avaliação da personalidade e das funções executivas na adolescência (2023).
NEUROPSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E ENVELHECIMENTO
- Funções Executivas e Funcionalidade no Envelhecimento (2016). - Um panorama sobre o uso de videogames na neuropsicologia infantil (2017). - Estilos parentais no desenvolvimento das funções executivas (2020). - Relações parentais e desenvolvimento socioemocional da criança de 36 a 72 meses (2023).
NEUROPSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
- Promoção do Gerenciamento de Tempo em Universitários: Contribuições para a vida acadêmica (2017). - Neurociências e Transtornos de Aprendizagem: recursos Interventivos em Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (2019). - O impacto da desregulação emocional nas funções executivas em estudantes universitários expostos à COVID-19 (2020). - Funções executivas e Síndrome de Burnout em Universitários (2021). - Experiência de um grupo de psicoeducação para mães de crianças autistas (2022).
NEUROPSICOLOGIA E PSICOMETRIA
- Ritvo Autism Asperger Diagnostic Scale-Revised (RAADS-R): estudo de adaptação, tradução e validação para uso no Brasil (2019). - Propriedades psicométricas da Escala de Estilos de Amor (EEA) e da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) para relacionamentos homoafetivos (2019). - A evolução da avaliação psicológica nos concursos da Polícia Federal do Brasil (2022). - Figuras Complexas de Rey: desenvolvimento de uma nova tecnologia neuropsicológica usando aplicativo de tablet (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas em Neuropsicologia representam uma jornada fascinante em direção ao entendimento dos intricados mecanismos que regem a interação entre o cérebro e o comportamento humano. Ao investigar as bases neurobiológicas dos processos cognitivos, emocionais e comportamentais, os estudos nesta área

desempenham um papel vital na melhoria da qualidade de vida de indivíduos afetados por condições neurológicas. No entanto, é importante reconhecer os desafios que permeiam esse campo de estudo, como a complexidade do sistema nervoso, as limitações tecnológicas e as questões éticas. Superar essas dificuldades requer colaboração, inovação e dedicação por parte da comunidade científica.

Na UFRRJ, os discentes têm a oportunidade de explorar questões fundamentais e aplicadas em Neuropsicologia, aproveitando a infraestrutura, os recursos e o ambiente colaborativo proporcionado pelo NARN-UFRRJ. Ao promover o diálogo interdisciplinar, incentivando a formação de novos pesquisadores e possibilitando a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, as universidades, em linhas gerais, desempenham um papel vital no progresso da Neuropsicologia e na busca por soluções inovadoras para a saúde cerebral e mental.

REFERÊNCIAS

Hazin, I., Fernandes, I., Gomes, E., & Garcia, D. (2018). Neuropsicologia no Brasil: passado, presente e futuro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(4), 1137-1154.

Kolb, B., & Whishaw, I. Q. (2009). *Fundamentals of human neuropsychology*. Macmillan.

Luria, A. Fundamentos da Neuropsicologia. São Paulo: EDUSP, 1981.

Nitrini, R. (2003). Conceitos anatômicos básicos em neuropsicologia. Em Nitrini, R; Caramelli, P. & Mansur, L.L. *Neuropsicologia: Das bases anatômicas à reabilitação*. São Paulo: FMUSP, 11-30.

Wajman, J. R. (2021). Neuropsicologia clínica: notas históricas, fundamentos teórico-metodológicos e diretrizes para formação profissional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 37, e37215.

CAPÍTULO 09

UM PEDAÇO DO MEU CORAÇÃO: COALIZÕES EPISTÊMICAS E CLÍNICA PSICANALÍTICA COM AS MARGENS

Fernanda Canavêz

*Você precisa conhecer minha jurisdição
Vá prestando atenção
Lugar que ocupa um pedaço
Do meu coração, do meu coração
(Baixada - Bezerra da Silva)*

Era uma tarde ensolarada de outono e eu tinha diante de mim uma turma de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Estávamos reunidos para iniciar o curso que tinha por objetivo abordar temas da clínica psicológica, o que eu esperava fazer por meio de conceitos psicanalíticos, tão familiares em minha formação.

Através das janelas da sala, conseguia avistar o pasto, três cavalos, funcionários que aparavam a grama e o bailado de um ou dois quero-queros. Tenho conservada na memória a cena ao som das roçadeiras e das aves na provável defesa do seu ninho. Por motivos que escapam à minha compreensão até hoje, e que talvez caibam a quem me lê agora, naquele quadro (quase onírico) pensei no meu irmão e no Manoel de Barros. Meu irmão é um profundo conhecedor de todo tipo de pássaros e me transmitiu a temporalidade necessária para desacelerar e apreciar a beleza de penas, voos e demais detalhes. Manoel de Barros, presumo que você o conheça, costuma me ajudar a desver o mundo quando o que salta aos meus olhos já não me serve mais. "Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos" (Barros, 2010, p. 347) foi o verso que caiu como uma bigorna na minha cabeça, quando imaginei começar aquela aula falando sobre a transferência.

Transferência, em Psicanálise, é um conceito cunhado por Freud para designar um processo constatado na clínica: o analisando apresenta um investimento dado por antecipação que é atualizado na situação do tratamento analítico, agora dirigido à figura do analista. O analista é, desse modo, incluído "numa das 'séries' psíquicas que o paciente já formou" (Freud, 1912/1969, p. 134), trazendo à tona a dinâmica da

repetição tão marcante nas formulações sobre a clínica psicanalítica. A transferência é um conceito chave não só para a técnica da Psicanálise, mas também para tantas outras abordagens do campo da Clínica psicológica que beberam na fonte de Freud, quer os colegas queiram ou não assumir tal filiação. Desse modo, sabia que precisava ensinar para a turma o conceito de transferência e sua dinâmica, mas aquela tarde ensolarada me fez estranhar ainda mais a expectativa de fazer uma mera transposição, de Viena para Seropédica, de um conceito aventado no frio europeu por um sujeito que não teve o prazer de conhecer a roçadeira, Manoel de Barros ou o nosso *campus*.

Constatei – melhor mesmo seria dizer senti – que a transferência é uma maneira de falar do encontro e que o encontro pode ser uma ferida, como aprendera à época com João Fiadeiro e Fernanda Eugénio (2012). "Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos" (Fiadeiro & Eugénio, 2012, p. 1). Senti que talvez fosse possível que a turma me ensinasse o que entendiam por transferência antes mesmo da minha explicação sobre a teoria, alargando o possível e o pensável para mim nas experiências colecionadas como professora até aquele momento. Tive a ideia de pedir para registrarem com seus celulares, ao longo do nosso curso, cenas que os remetessem ao tema do encontro, modo que tive de acessar seus territórios, olhares, afetos e histórias. Em outros termos, de sinalizarmos nossos mundos e criarmos outros modos para se viver juntos.

Recebi – ou melhor, recebemos – imagens de detalhes do *campus* da nossa universidade quase imperceptível a miradas apressadas, frases registradas nos muros de municípios da Baixada Fluminense, corpos a disputar espaço no transporte coletivo, crianças que brincam na linha do trem, uma faixa de duplo sentido na porta de uma igreja da região, estudantes participando de eventos sobre racismo, animais abandonados pelas ruas e muitos anúncios de quitinetes para alugar que não aceitam crianças. "A ferida da maternidade" foi a legenda sugerida por uma estudante.

Com o material, realizamos uma exposição de fotografias aberta à comunidade acadêmica e seu entorno. Com a experiência, foi possível situar a transmissão do conceito de transferência. Quando falo em situar, refiro-me aqui às epistemologias situadas que remontam ao movimento feminista na década de 1980 (Haraway, 1995). Apoiando-se na premissa de que é preciso criticar a falácia de um conhecimento científico dito "neutro" – e aspirante a universal –, essas autoras lembram que o saber

é sempre parcial e tributário do olhar de quem o produz. Ao que acrescento: o saber é tributário do olhar, da história, do território e do corpo inteiro de quem o produz. É também dessa forma que um analista é convocado a escutar: com o corpo inteiro, marcado pela história dos seus afetos, pelo território onde se insere, por seus marcadores de classe social, raça e gênero (Canavêz, 2020), pelas músicas de sua preferência.

Falando em música, aprendi com uma estudante que "a Baixada é cruel, os sinistros são de Bel", versos de um *funk* muito conhecido para aquela turma, mas que eu só entrara em contato a partir daquele encontro. Bel é a corruptela de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense popularmente conhecido como "cidade do amor". A região era considerada uma das mais violentas do país, fazendo com que seu primeiro prefeito, eleito na década de 1990, na tentativa de aplacar a terrível fama, instituísse o coração como símbolo maior do território sob sua batuta. Em resposta à violência, o amor foi estampado na bandeira e até esculpido nos pontos de ônibus de Bel. Por livre associação, sou conduzida a evocar outros termos freudianos a respeito da transferência: "A Psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor", como afirmou Freud em uma carta a Jung (Bettelheim, 1982, p.5). Seria o prefeito em questão um aspirante a psicanalista ou precisamos radicalizar a exigência de, ao falar sobre transferência, situar os termos, os afetos, as fantasias, os corpos?

Desse modo, busquei avançar na transmissão do conceito de transferência com o auxílio daquela turma, dos sinistros de Bel e de Radmila Zygouris, uma psicanalista francesa de origem iugoslava. A psicanalista ensina que

O que faz vínculo entre dois humanos são os alicerces de uma presença, alicerces de singularidades *jamais generalizáveis*. É a partir desses alicerces que um se liga ao outro e que o vínculo se estabelece ou não. É aí que a transferência se entrelaça (Zygouris, 2002, p. 11 - grifo nosso).

A Clínica, prossegue nossa aliada da Europa, não se dá de forma pura, "neutra", mas também a partir das relações mundanas e institucionais (Zygouris, 2002), com quero-quero, *funk* e amor situado. Não há teoria pretensamente universal que resista aos "sentires" – nos termos de Radmila – presentes na experiência analítica, cabendo a mim, como professora, ensinar à turma que "os verdadeiros clínicos não esperam que a teoria em curso os autorize a sentir e dar lugar a experiências inéditas" (Zygouris, 2002, p. 17). Os verdadeiros clínicos não se acovardam diante de palavras que sirvam na boca dos passarinhos.

Na minha década particular fazendo pesquisa com a Baixada Fluminense, aprendi a importância das coalizões epistêmicas de que fala Linda Alcoff (2016), caso se deseje dar lugar a experiências efetivamente inéditas na Universidade. A autora em questão, uma filósofa panamenha radicada nos Estados Unidos, situa o debate epistemológico como central para a luta revolucionária, terreno em que se faz necessário aventar uma epistemologia capaz de se sobrepor ao "cientificismo, positivismo, autoridade masculina, elitismo e eurocentrismo" (Alcoff, 2016, p. 130). Para a consecução desse projeto, é indispensável operar um deslocamento do centro de onde emana "a sistemática desautorização da perspectiva interpretativa dos oprimidos do Sul global" (Alcoff, 2016, p. 131). É a partir das margens – e com as margens – que se pode construir "as coalizões epistêmicas críticas mediante as quais novas soluções podem ser desenvolvidas" (Alcoff, 2016, p. 131).

Sendo assim, qualquer contribuição à pesquisa em Psicologia *na* Baixada Fluminense deve ser construída *com* a Baixada Fluminense. É do encontro efetivo com o território que podem brotar coalizões epistêmicas, saberes que situem as referências oriundas do além-mar e façam efetivamente sentido para os nossos corpos, histórias e afetos. Para fazê-lo – e não incorrer na violência de tentar introduzir a *fórceps* conceitos e ideias que nos são vendidos pelo centro – é indispensável "Reparar no que se tem, fazer com o que se tem. E acolher o que emerge como acontecimento" (Fiadeiro & Eugénio, 2012, p. 3).

Reparar no que se tem. Fazer com o que se tem. Acolher o que emerge. Desconheço postura que seja mais clínica e, como tal, afeita ao ineditismo das experiências de que fala Zygouris (2002). Do contrário, a clínica psicanalítica "não passa de um laboratório, os pacientes de cobaias e o analista de um mestre de cerimônias" (Zygouris, 2002, p. 23). Devemos então perguntar se uma Psicanálise desencarnada e com expectativa de "neutralidade" merece mesmo continuar sendo chamada de Psicanálise. De maneira análoga, sou tentada a afirmar que o mesmo se aplica à relação entre docente e estudantes: se não colocamos nossos corpos para jogo, situando e encarnando nossa transmissão, estamos mesmo ensinando ou viramos meros representantes comerciais ávidos pela produção de um mercado consumidor para os saberes que buscam nos vender?

Enquanto escrevo este ensaio, discute-se a vinda do coração de Dom Pedro I para o Brasil. O corpo do monarca foi enterrado em Portugal, tendo nosso país recebido seus restos mortais na década de 1970, com exceção do coração. A vinda

do órgão faz parte da comemoração do bicentenário da independência, agora no ano de 2022, ocasião que contará com uma exposição no Palácio do Itamaraty, no Distrito Federal, onde será possível observar o coração que já não bate mais há muito. Um coração desencarnado, sem vida, animado apenas por raízes e fantasmas coloniais. Que o pedaço restante do monarca chegue no sapatinho e prestando (muita) atenção: temos o coração de Bezerra da Silva, os sinistros de Bel, estudantes da Baixada Fluminense e muito quero-quero.

REFERÊNCIAS

Alcoff, L.M. (2016). Uma Epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*, 31(1), 129-143.

Barros, M. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya.

Bettelheim, B. (1982). *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix.

Canavêz, F. (2020). Raça, gênero e classe social na clínica psicanalítica. *Tempo psicanalítico*, 52(2), 79-102.

Fiadeiro, J. & Eugénio, F. (2012). *O encontro é uma ferida*. Excerto da conferência-performance Secaralhidade. Culturgest. Disponível em: <<https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/o-encontro-c3a9-uma-ferida.pdf>>

Freud, S. *A dinâmica da transferência* (1912). São Paulo: Imago, 1969. (Obras completas, 10)

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 07-41.

Zygouris, R. (2002). *O vínculo inédito*. São Paulo: Escuta.

CAPÍTULO 10

PSICOFARMACOLOGIA E PSICOLOGIA: SABERES ENTRELAÇADOS EM SAÚDE MENTAL

Jaqueline Rocha Borges dos Santos

A trajetória que aproxima os saberes de Psicofarmacologia e Psicologia converge às temáticas em Saúde Mental, aos contextos que exprimem o sofrimento psíquico sob a ótica de cenários com abuso de substâncias psicoativas, adoção da redução de danos e estigma social. Pondero que em meu percurso acadêmico, a partir da graduação em Ciências Farmacêuticas, trilhei o caminho da Psicofarmacologia voltado às questões que envolvem depressão, ansiedade, estresse e a relação com drogas de abuso. Nesse ínterim, emerge a necessidade de pensar a Psicologia, uma vez que os contextos para análise do sujeito e suas questões subjetivas se dá de maneira psicossocial.

As afetações humanas que expressam o desejo por uso de substâncias psicoativas em busca de sensação prazerosa ou para alívio de sofrimento, pauta a minha busca em trajetos metodológicos em pesquisa, com perguntas norteadoras que apontem os caminhos desse processo. Somado a isso, senti que as construções interprofissionais somam de maneira significativa ao desvendar desses caminhos. O impulso para essas construções emergiu do Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET) do Ministério da Saúde, na edição com o tema interprofissionalidade, com duração de 2019 a 2022. Naturalmente, questões dialogadas com docentes psicólogas e estudantes de Psicologia, aguçaram a vontade de aprofundar o saber psi; confluindo para o início de meus estudos em Psicologia. No percurso de estudos, deparei-me com o pensar acerca do estigma social em saúde mental, nos cenários já destacados que envolvem o sofrimento psíquico e o uso de substâncias psicoativas.

Existe a necessidade de discussão e do conhecimento acerca do estigma social que está alicerçado na saúde mental, representado em colocações e olhares sociais respaldados por ausência de conhecimento acerca do tema. A Saúde Mental é considerada uma área da Saúde que envolve as circunstâncias e enfermidades que acometem o sistema nervoso central (Stahl, 2018). Somado a isso, existe um universo

de questões, no sentido biopsicossocial, que aumentam e buscam explicar a relação subjetividade/objetividade, os acontecimentos e as manifestações de atitudes e comportamentos destes usuários.

O olhar interprofissional é necessário, para promover mudanças de atitudes e comportamentos associados à saúde mental. Portanto, considera-se emergente a articulação interprofissional em saúde mental, assim como a promoção de debates e ações educativas sobre o tema.

Nesse íterim, em resgate à história, vale destacar que o modelo psiquiátrico passou por mudanças no cenário nacional e mundial. Atualmente, dispomos de uma rede associada à Saúde Mental, que buscou desospitalizar os usuários (Brasil, 2001), para garantir inclusão social. Ainda assim vale ressaltar que o modelo antigo permeia as atitudes e comportamentos de profissionais de saúde, além de que o mesmo vem sendo discutido no cenário político brasileiro, atenuando um regresso dos avanços que o modelo atual realiza. A criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (Brasil, 2002) trouxe uma luz ao retrógrado e punitivo modelo de isolamento psiquiátrico hospitalar, aos usuários. No entanto, a cultura de atuação em Saúde Mental continua alicerçada em medicalização, aliada às iniciativas de acolhimento.

Desse modo, as pesquisas que permeiam a medicalização, a medicamentação, a compreensão do uso de substâncias psicoativas junto ao sofrimento psíquico, bem como o estigma social em saúde mental e a adoção da redução de danos; passam a ser de meu interesse em investigação. Nesse sentido, trabalhos de iniciação científica e dissertações de mestrado ocupam esse espaço, com destaque ao início (2021) de meu vínculo como professora permanente no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da UFRRJ. O espaço ampliado para o aprofundamento dessas questões é enriquecido com a construção somada de estudantes e docentes do PPGPSI. Soma-se o ministrar da disciplina intitulada: Tópicos Especiais em Saúde, por possibilitar a inclusão dessas temáticas articuladas com os projetos diversos dos estudantes. O reconhecimento de cada projeto sinaliza que há questões atravessadas do mundo psi em saúde mental, com destaque ao estigma social, medicamentação e fatores psicossociais que afetam a adesão aos tratamentos em cenários de sofrimento.

O processo de escuta e conhecimento de novos saberes em Psicologia, permite o intencionar da articulação desses saberes, haja vista a necessidade psicológica pautada nas relações humanas navegando por universos que adentram o

ser e revelam a vontade humana de usar substâncias para alívio de alguma dor, sofrimento ou na busca de sensações diferentes das vivenciadas em cotidiano.

Na interface que permite a elaboração de propostas para redução de danos, o fascínio se volta ao uso de substâncias psicoativas e a compreensão dos processos de dependência, tolerância, comportamento de busca para uso de uma substância. Vale considerar que achados de nosso grupo de pesquisa, com estudo relativo ao contexto de estudantes universitários apontou em instrumento preliminar que 33,3% (N = 63) aumentaram o consumo na pandemia. O instrumento ASSIST 3.0 apresentou uma média de 14,10; considerado indicativo de abuso (Salustiano; Santos, 2023 – no prelo). Os achados dessa pesquisa ainda apontam que não há adoção da redução de danos em cenários considerados negativos para o consumo de álcool.

Na proposta de estudos, as denominadas drogas de abuso compõem um alvo de interesse em cenários acadêmicos com estudantes, uma vez que o aumento do consumo de álcool (por exemplo) no contexto universitário é uma preocupação observada há anos, pois o aumento é significativo em relação à população em geral (Ferro et al., 2019). Em um levantamento do consumo de drogas por universitários a nível nacional (Andrade et al., 2010), em que também foi utilizado o instrumento ASSIST 3.0, cerca de 2,6% do total da amostra está com uma pontuação indicativa de tratamento mais intensivo, enquanto em nosso trabalho esse valor é de 10,81%, um valor quatro vezes maior. Essa diferença pode ser relacionada com o período pandêmico, que mudou a vida e os padrões de consumo de álcool das pessoas (Garcia & Sanchez, 2020). Somado a isso, o dado apresentado em nosso estudo (33,3%) está bem próximo do valor de 36% de aumento de consumo de álcool da população geral (Winstock et al., 2020), confirmando o observado na pandemia. De modo complementar, o consumo de álcool se associa ao principal fator de risco global, na população compreendida entre 15 e 49 anos (GBD 2016 Alcohol Collaborators, 2018).

Diante da relação existente entre conhecimento por meio da investigação e aplicabilidade do estudo, deparamo-nos com pessoas, sujeitos e suas singularidades. Logo, a compreensão dos fenômenos e processos que sustentam o uso de substâncias psicoativas e o sofrimento psíquico, representa um dedicado constructo de estudo de minhas linhas de pesquisa, por visualizar que a ciência está a serviço da sociedade, e como tal, deve retornar a ela o saber, com aplicação; nesse caso, mitigando por meio da adoção de redução de danos ou mudanças de paradigmas os

cenários medicalizantes e permeados por busca de alguma substância para alívio do sofrimento. Desse modo, a articulação de saberes entre a Psicofarmacologia e a Psicologia agrega aos requeridos e idealizados avanços à Saúde Mental brasileira.

REFERÊNCIAS

Andrade, A.G., Duarte, P.C.A.V., & de Oliveira, L.G. (2010). *I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras* [I National survey on the use of alcohol, tobacco and other drugs among college students in the 27 Brazilian state capitals]. Brasília: SENAD. http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cuidados_prevencao_drogas/obid/publicacoes/Livros/I%20Levantamento%20Nacional%20Universit%C3%A1rios%20-%202010.pdf

Brasil, Lei federal nº 10216 de 6 de abril de 2001. Política Nacional de Saúde Mental. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm Acesso em: 15 setembro 2023.

Brasil, Portaria/GM nº 336 de 19 de fevereiro de 2002. Estabelece CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS i II e CAPS ad II. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html Acesso em: 17 setembro 2023.

Ferro, L.R.M., Trigo, A.A., Oliveira, A.J., de Almedida, M.A.R., Tagava, R.F., Meneses-Gaya, C., & Rezende, M.M. (2019). Estresse percebido e o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários [Perceived stress and the use of alcohol, tobacco and other drugs among university students]. *Saúde e Pesquisa*, 12(3), 573-581. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2019v12n3p573-581>

Garcia, L.P., & Sanchez, Z.M. (2020). Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação [Alcohol consumption during the COVID-19 pandemic: a necessary reflection for coping]. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(10), e00124520. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00124520>

GBD 2016 Alcohol Collaborators. (2018). Alcohol use and burden for 195 countries and territories, 1990-2016: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2016. *Lancet*, 392(10152), 1015-1035. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31310-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31310-2)

Salustiano, T.A., & Santos, J.R.B. (2023). Redução de danos e consumo de álcool entre estudantes universitários (no prelo).

Stahl, S.M. (2018). *Fundamentos de Psicofarmacologia de Stahl*: guia de prescrição. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed. 856 p.

Winstock, A. R., Davies, E. L., Gilchrist, G., Zhuparris, A., Ferris, J. A., Maier, L. J., & Barratt, M. J. (2020). *GDS COVID-19 special edition: Key findings report*. Global Drug Survey. Consultado em: 2 de março de 2023. <https://www.globaldrugsurvey.com/gds-covid-19-special-edition-key-findings-report/>

CAPÍTULO 11

PESQUISAS EM PSICOLOGIA DA SAÚDE: DA ATENÇÃO BÁSICA AO CONTEXTO HOSPITALAR

Lilian Maria Borges

A interface entre saúde e desenvolvimento humano, embasada no aporte teórico-metodológico da Terapia Cognitivo-Comportamental, tem sido o foco de meus interesses de investigação científica, docência e prática profissional na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, onde iniciei meus trabalhos, em 2014, atraída pela possibilidade de desenvolver ações diversas voltadas para a expansão e a consolidação da Psicologia da Saúde.

Nessa ocasião, já integrava o Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisadores e Programas de Pós-graduação em Psicologia – GT/ANPEPP intitulado “Psicologia da Saúde em instituições e na comunidade”, que atualmente coordeno. Este GT reúne pesquisadores oriundos de diferentes estados e regiões do país, os quais compartilham interesses e experiências relevantes na área, abarcando atividades de pesquisa, ensino e extensão em contextos hospitalares e de atenção primária. O objetivo principal do grupo é fortalecer e difundir esta ampla e internacionalmente reconhecida área de construção de saberes e atuação profissional da ciência psicológica, o que já resultou na publicação de dois livros (Seidl & Miyazaki, 2014; Seidl et al., 2018) e em um outro em elaboração.

É nessa perspectiva que venho atuando no Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGPSI/UFRRJ, em nível de mestrado e de doutorado, desde que tive a oportunidade de passar a compor seu quadro de docentes permanentes na linha de pesquisa “Clínica, Saúde e Educação na Contemporaneidade”. Nesse percurso, tenho somado esforços na orientação de dissertações e teses com vistas à formação de novas gerações de pesquisadores e docentes em consonância com os objetivos propostos por Matarazzo (1982) para a Psicologia da Saúde desde seu reconhecimento pela Associação Americana de Psicologia - APA como um novo campo de saber, em 1979.

Esta área de contribuições educacionais, científicas e profissionais em Psicologia visa a identificação e compreensão de fatores psicossociais que afetam a

saúde das pessoas, bem como busca colaborar para a promoção e a manutenção da saúde e, de igual modo, para a prevenção, o tratamento e a reabilitação de doenças, sobretudo as enfermidades crônicas (Alves et al., 2017; Straub, 2014). Por conseguinte, a utilização de conhecimentos e técnicas do arsenal psicológico em Psicologia da Saúde almeja não somente investigar e intervir em situações de adoecimento - sejam estas iniciativas terapêuticas, de reabilitação ou paliativas -, mas focaliza ainda na busca pela preservação ou melhoria da saúde em nível individual, grupal ou comunitário. Esta pode ser uma mola propulsora para o compromisso social da Psicologia, na medida em que, conhecendo os determinantes sociais da saúde, torna-se possível prevenir agravos à saúde e reconhecer ou estimular fatores de proteção ao bem-estar de indivíduos e coletividades (Castro & Bornholdt, 2004, Spink, 2003).

A Psicologia da Saúde objetiva ainda colaborar com a análise e o aprimoramento dos sistemas de saúde e com a ampliação das políticas públicas de saúde. De fato, esforços embasados pelos objetivos citados requerem uma participação ativa de psicólogos em ações e discussões comprometidas com a defesa do sistema público de saúde e com a formulação de políticas efetivas e atentas com as reais necessidades de diferentes segmentos da população, em especial aqueles em situações de maior vulnerabilidade social (Gorayeb, 2010; Thielke, Thompson, & Stuart, 2011).

Entretanto, os desafios que se apresentam à Psicologia no sistema de saúde brasileiro ainda são muitos e complexos, o que requer a identificação e o enfrentamento destes para o fortalecimento da área (Seidl, Borges, & Malagris, 2018). Nesse contexto, a realização de pesquisas e a divulgação de seus resultados têm muito a contribuir para viabilizar a construção de conhecimentos mais adequados a nossa realidade sociosanitária e cultural, de modo a subsidiar a elaboração e implementação de modelos de intervenção mais atentos com as demandas e necessidades da população brasileira (Andrade & Simon, 2009; Biagi-Borges et al., 2015). Em tal conjuntura, torna-se premente buscar um perfil profissional que alie embasamentos teórico-práticos pertinentes e capacidade para inovar e agir em prol de mudanças sociais promotoras de saúde e de maior equidade, nutrindo os profissionais com ferramentas teóricas, técnicas e críticas para atuar no sistema de saúde (Borges & Soares, 2018).

Nessa perspectiva, os Programas de Pós-Graduação necessitam consolidar práticas de pesquisas e outras ações acadêmicas que atendam às características e particularidades dos programas e serviços de saúde de cada região do país, seja em termos da atuação em instituições hospitalares ou na Atenção Básica, primando pelo aprimoramento dos conhecimentos na área e por uma maior articulação entre a produção do saber científico e as demandas do contexto nacional (Biagi-Borges et al., 2015; Gorayeb, 2010). Conforme Dimenstein (2001), a melhoria real no atendimento em Saúde requer o desenvolvimento de serviços mais próximos da população, de modo a contemplar suas necessidades e prioridades.

Nessa direção, ao longo dos últimos anos, venho orientando, no PPGPSI, projetos de investigação tanto de profissionais recém-formados - alguns deles egressos da graduação da própria UFRJ - como de profissionais experientes, a maioria deles vinculados a importantes instituições de saúde e/ou de ensino, públicas ou privadas, em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro ou em municípios do interior fluminense.

Em significativa parte das vezes, as pesquisas propostas foram ou estão sendo realizadas nos contextos de trabalho dos próprios pós-graduandos, incluindo hospitais gerais (Unimed Volta Redonda), hospitais especializados (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, Hospital Federal de Ipanema, Centro Internacional SARAH de Neuroreabilitação e Neurociências), hospitais escolas (Hospital Pedro Ernesto, Hospital Universitário de Vassouras) e equipamentos da Atenção Básica de diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro além da capital, tais como: Seropédica, Volta Redonda, Mangaratiba, Rio Claro, Resende e Barra do Piraí.

Nesse sentido, vale ressaltar que pesquisas que nascem de observações e questionamentos associados ao cotidiano dos serviços de saúde e que, por vezes, buscam auxiliar a sistematização e avaliação de suas ações mostram potencial para dar respostas a importantes desafios na área da Saúde, denotando relevância não apenas científica, mas também social e política.

Desse modo, com suas dissertações ou teses, esses pós-graduandos têm buscado contribuir para a construção e a difusão de conhecimentos na área de Psicologia da Saúde. Ademais, há de se considerar que aprender e ensinar são aspectos interligados e que estamos ajudando a formar não somente pesquisadores, mas também docentes e multiplicadores de conhecimentos (Miyazaki, Domingos, Valerio, Santos & Rosa, 2002). Nesse sentido, o(a)s aluno(a)s, excetuando aquele(a)s

com experiências prévias no magistério superior, têm realizado ainda estágio em docência no âmbito das disciplinas Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar ou Psico-oncologia, bem como alguns deles tem colaborado na supervisão de práticas de estágio profissional (Borges, Antunes, & Ferreira, 2022; Borges et al., 2023) e na orientação ou avaliação de monografias de formandos do curso de Psicologia, o que colabora para estreitar a importante relação entre graduação e pós-graduação.

Além de acolher e ajudar a concretizar trabalhos voltados para diferentes temáticas relacionadas aos processos de saúde-doença, nos âmbitos hospitalar e de cuidados primários, tenho coordenado pesquisas que incluem ainda a participação ativa dos pós-graduandos em parceria com alunos em iniciação científica. Essas pesquisas abordam temáticas relevantes e contemporâneas como espiritualidade e saúde, gênero e saúde, além de perfil e identidade profissional do psicólogo inserido no sistema de saúde frente às mudanças exigidas em sua formação para atuação em novos contextos de trabalho, para além da clínica em moldes tradicionais (Borges & Soares, 2018).

De um modo geral, as pesquisas realizadas sob meu acompanhamento e orientação no PPGPSI/UFRRJ, em sua maioria de natureza quanti-qualitativa, abrangem investigações com pessoas em diferentes fases do ciclo de vida, o que, em conformidade com Maia et al. (2019), destaca a importância de estudos no campo da Psicologia da Saúde/Hospitalar que tenham como alicerce o desenvolvimento humano e a interdisciplinaridade. Os procedimentos de coleta de dados ocorrem tanto na Atenção Básica como em setores diversos de instituições hospitalares (por ex.: pediatria, centro cirúrgico, UTI, clínica de hemodiálise), com foco voltado para estratégias de promoção da saúde (por ex.: psicoeducação, *mindfulness*), de suporte técnico-pedagógico (por ex.: apoio matricial) ou de enfrentamento e adesão ao tratamento de enfermidades diversas, dentre elas câncer, HIV/AIDS, doença renal crônica, diabetes, hipertensão arterial, asma, demências e *esclerose lateral amiotrófica*. Compreende-se, desse modo, que a Psicologia da Saúde é uma área que abrange todos os níveis de atenção em saúde, incluindo a Psicologia no contexto hospitalar como uma de suas subáreas, a qual está voltada mais diretamente para prevenção secundária e terciária (Castro, & Bornholdt, 2004).

Na Figura 1, as dissertações e teses já defendidas ou aprovadas em exame de qualificação foram relacionadas e organizadas de acordo com seus objetivos e temáticas principais. Esses trabalhos geraram capítulos de livro (por ex.: Castanheda,

& Borges, 2021; Ravaioli, & Borges, 2021) ou relatos de pesquisas submetidos a revistas científicas, alguns deles já publicados (por ex.: Marinho & Borges, 2020; Nascimento & Borges, 2020; 2021; Ravaioli, & Borges, 2022; Sousa, Borges, & Vicente, 2022) e outros em fase de avaliação ou já aceitos para publicação.

Figura 1. Relação de dissertações e teses com foco em Psicologia da Saúde defendidas ou aprovadas em exames de qualificação no PPGPSI/UFRRJ.

Atuação do psicólogo e outros profissionais da saúde na Atenção Básica
- Aspectos psicossociais na adesão a tratamentos da hipertensão arterial e diabetes mellitus: concepções e ações de Agentes Comunitários de Saúde. - Competências gerenciais na atenção primária: avaliação de habilidades sociais de enfermeiras gestoras em equipes de Saúde da Família. - Desafios e possibilidades do matriciamento na construção do cuidado em saúde mental na Atenção Básica à Saúde. - Práticas psicoeducativas na atenção primária: contribuições do psicólogo para a educação em saúde.
Intervenções psicológicas para melhoria da saúde
- Promoção de autoestima e autocuidado em idosos: avaliação de uma intervenção psicológica online em grupo. - Promoção de saúde mental em grupo de mulheres-mães universitárias: uma pesquisa-intervenção para fortalecer fatores de proteção - Aspectos psicológicos da asma em adolescentes: avaliação de uma intervenção embasada na terapia cognitiva com foco em esquema - Bem-estar psicológico de cuidadores de pessoas com demência: avaliação dos efeitos de uma intervenção <i>online</i> baseada em <i>Mindfulness</i>
Atuação de psicólogos e outros profissionais da saúde em âmbito hospitalar
- Narrativas sobre o adoecimento: casos de idosos com osteomielite em um hospital ortopédico. - Intervenções psicossociais em oncologia: investigação de práticas do psicólogo junto a crianças com câncer. - Atuação de psicólogos em equipes interprofissionais de saúde: desenvolvimento de serviço de interconsulta psicológica em um hospital público do rio de janeiro. - Percepção de profissionais da enfermagem sobre os aspectos psicológicos do paciente cirúrgico. - Desafios e facilitadores da comunicação de más notícias na prática médica e contribuições potenciais da psicologia - A equipe de saúde frente a pessoas com doença renal crônica: contribuições da psicologia para adesão ao tratamento hemodialítico - Religiosidade e espiritualidade de médicos e enfermeiros intensivistas frente aos desafios da atuação profissional
Avaliação de aspectos psicológicos em situação de agravos à saúde
- Religiosidade e espiritualidade em pessoas vivendo com HIV/AIDS: associação com percepção de doença, estratégias de coping e adesão à medicação. - Viver com doença crônica em contexto universitário: desafios na adultez emergente. - Aspectos psicossocioculturais da depressão pós-parto em mães latino-americanas. - Uso de substâncias psicoativas por estudantes universitários como estratégia de enfrentamento ao estresse

Em síntese, a inserção de psicólogos no sistema de saúde pressupõe, conforme objetivos estabelecidos para a Psicologia da Saúde, que este profissional

esteja capacitado para atuar em todos os níveis de atenção – primário, secundário e terciário -, realizando pesquisas que possam subsidiar intervenções dirigidas tanto para a Educação em Saúde como para o enfrentamento de agravos já existentes e suas sequelas. Investigações dessa natureza são necessárias para compreender a influência de variáveis psicossociais diversas sobre o processo saúde-doença, de modo a fomentar a criação de estratégias inovadoras, efetivas e eficazes de melhoria da qualidade de vida de pessoas - com ou sem doenças instaladas - em diferentes fases do ciclo de vida.

REFERÊNCIAS

- Alves, R., Santos, G., Ferreira, P., Costa A., & Costa, E. (2017). Atualidades sobre a psicologia da saúde e a realidade Brasileira. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 18(2), 545-555.
- Andrade, J. F. S. de M., & Simon, C. P. (2009). Psicologia na atenção primária à saúde: reflexões e implicações práticas. *Paidéia*, 19(43), 167-175.
- Biagi-Borges, A. L., Tono, L., Scorsolini, F., & Peres, R. S. (2015). Pesquisa em psicologia da saúde: avaliação da produção de um programa de pós-graduação. ***Gerais, Revista Interinstitucional em Psicologia***, 8(1), 143-155.
- Borges L. M., Antunes C.L.F.H, & Ferreira M.S.C.G. (2022). Grupos online de gestantes: relato de uma experiência de estágio em Psicologia da Saúde. *Pró-Universus*, 13(2), 9-15.
- Borges, L. M, & Soares, M.R.Z (2018). A Formação do Psicólogo da Saúde. In E. M. F. Seidl, M. C. O. S. Miyazaki, A. T. de A. Ramos-Cerqueira, N. A. M. Domingos. (Org.). *Psicologia da Saúde - Teorias, Conceitos e Práticas* (1th ed., p. 19-49), Curitiba: Juruá.
- Borges, L. M., Vieira, J. R., Mendonca, T. S., Silva, K. I., Castro, G. R., Ferreira, M. S., Antunes, C. L. F. (2023). Pré-natal Psicológico em contexto pandêmico: Desafios e potencialidades de grupos online com gestantes. In K. C. T. R. Brasil, C. L. França, R. L. S. Pedroza, S. R. Lordello. (Org.). *Pandemia e Saúde Mental. Desafios Clínicos, Educacionais e Institucionais* (1th ed., p. 229-247), Brasília: Technopolitik.
- Castanheda, A., & Borges, L. M. (2021). Idoso com osteomielite em um hospital ortopédico: relato de um caso clínico. In A. C. A. de Souza, M. A. de M. Pereira. (Org.). *Caminhos possíveis para incluir: educação, cultura, esporte e lazer* (1th ed., p. 148-169), Curitiba: Brazil Publishing.
- Castro, E. K. de, & Bornholdt, E. (2004). Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24(3), 48-57.
- Dimenstein, M. D. B. (2001). O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 57-63.
- Gorayeb, R. (2010). Psicologia da saúde no Brasil. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 26(n. spe), 115-122.
- Maia, R. da S., Nobre, T. T. X., Torres, G. de V., & Maia, E. M. C. (2019). Hospital-Health Psychology, Human Development and Interdisciplinarity: Research in the interface between Psychology and Health. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(1), 76-81.
- Marinho, A. S., & Borges, L. M. (2020). As habilidades sociais de enfermeiras gestoras em Equipes de Saúde da Família. *Psico-USF*, 25(3), 573-583.

Matarazzo, J. D. (1982). Behavioural health's challenge to academic, scientific and professional psychology. *The American Psychologist*, 37(1), 1–14.

Miyazaki, M. C. O. S., Domingos, N. A. M., Valerio, N. I., Santos, A. R. R., & Rosa, L. T. B. (2002). Psicologia da saúde: extensão de serviços à comunidade, ensino e pesquisa. *Psicologia USP*, 13(1), 29-53.

Nascimento, K. C., & Borges, L. M. (2020). Manejo da adesão a tratamentos de doenças crônicas: experiências de Agentes Comunitários de Saúde. *Pró-Universus*, 11, 10-18.

Nascimento, K. C., & Borges L. M. (2021). Barreiras e facilitadores da adesão aos tratamentos na percepção de Agentes Comunitários de Saúde. *Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ*, 5, 67-80.

Ravaioli, M. de P. E., & Borges, L. M. (2021). Educação em Saúde na Perspectiva de Psicólogas Atuantes no NASF-AB de Municípios Sul-Fluminenses. In S. G. M., M. I. G. Conceição, C. L. França, R. F. de Sá, L. de A. Nobre-Sandoval, L. Polejack. (Org.). *Promoção da saúde e prevenção de agravos à saúde: diálogos de Norte a Sul* (1th ed., p. 368-396), Porto Alegre: Rede Unida.

Ravaioli, M. de P. E., & Borges, L. M. (2022). Práticas psicoeducativas: contribuições do psicólogo na Atenção Primária. *Psicologia e Saúde*, 14(1), p. 185-199.

Seidl E. M. F., Borges, L. M., & Malagris, L. E. N. (2018). Desafios contemporâneos da prática do psicólogo no campo da saúde. In R. Gorayeb, M. C. Miyazaki, M. Teodoro (Org.) *Programa de Atualização em Psicologia Clínica e da Saúde* (1th ed., p. 37-80), Porto Alegre: Artmed Panamericana.

Seidl E. M. L., & Miyazaki M. C. O. S (2014). *Psicologia da Saúde – Pesquisa e atuação profissional no contexto de enfermidades crônicas*. 1th. Ed. Curitiba: Juruá.

Seidl E. M. L., Miyazaki M. C. O. S, Ramos-Cerqueira A. T. A., Domingos N. M. (org) (2018). *Psicologia da Saúde – Teoria, Conceitos e Práticas*. 1th ed. Curitiba: Juruá.

Sousa, L. E. G, & Borges, L. M., & Vicente, C. (2022). Intervenção grupal online com idosos: cuidado com a saúde mental em contexto de pandemia. *Revista de Psicologia da UNESP*, 20(1), 392-420.

Spink, M. J. P. (2003). *Psicologia Social e Saúde. Práticas, saberes e sentidos*. Petrópolis: Vozes.

Straub, R. O. (2014). *Psicologia da Saúde: uma abordagem biopsicossocial*. Porto Alegre: Artmed.

Thielke, S., Thompson, A., & Stuart, R. (2011). Health psychology in primary care: recent research and future directions. *Psychology Research and Behavior Management*, 4, 59–68.

CAPÍTULO 12

A LINHA: CARTOGRAFIA DO PERCURSO DE PESQUISA

Luciene de Fátima Rocinholi

Alinhavo

Uma linha de pesquisa não se tra(n)ça sem uma pesquisadora ou pesquisador, que com sua curiosidade e existência dá corpo às várias perguntas que se faz e constrói ao longo da sua história de vida e acadêmica, um percurso que pode ser acompanhado por várias outras e outros pesquisadores que encontram sentido em um certo trecho desse percurso. A criação de uma linha vai sendo possível quando se faz a teia com o emaranhado dos fios das pesquisas que vão sendo trançadas com os interesses comuns.

Uma linha de pesquisa não se tra(n)ça de uma vez só, só é possível tra(n)çar no percurso dos fios e enovelamentos que eles encontram. Também não segue sozinha, atravessa e se embaralha com outras possibilidades de seguir adiante, de modo a fazer um percurso que não se imaginava ao escolher uma costura-temática.

Com uma linha de pesquisa se pode fazer certo alinhavo, onde às vezes se demarca, mas nem sempre se cose. Uma linha de pesquisa tem muitos fios a puxar, que são perguntas que se vai fazer, procurando traçar objetivos para investigar com curiosidade para responder. É da natureza das linhas participarem de certas tecituras, com elas é preciso aprender como tecer, quantos fios usar e como costurar o seu modo de fazer. O percurso metodológico a realizar requer um cuidar para se encontrar o melhor jeito de conhecer. Há ainda que perguntar sobre o território e como se posicionar no modo de investigar.

Ao considerar os diferentes alinhavos que uma linha de pesquisa pode fazer, a proposta desse texto é narrar a construção da linha de pesquisa tecida por esta pesquisadora e seu grupo, e tem abarcado os interesses em acompanhar os processos de produção de subjetividade ao longo do desenvolvimento. A intenção é narrar como o tra(n)çado dessa linha de pesquisa se deu ao longo dos anos, o trajeto

feito e os desvios percorridos, tentando acessar a forma alcançada atual e sempre atualizável que o percurso requer.

Casear: narrativas de um percurso do pesquisador

Esse percurso poderia começar no ano de 2011, quando cheguei ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ou um pouco mais adiante no ano de 2019, quando comecei a orientar através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia dessa Universidade. Contudo, não poderia me furtar de narrar brevemente uma história anterior, que começou no ano de 1991 e escolhi a linha de pesquisa do meu saudoso orientador, Professor Doutor Luiz Marcellino de Oliveira: Nutrição e Comportamento (Almeida & Quintero, 2014)

Linhas duras da formação

Percorrer a linha dura da pós-graduação me permitiu identificar um campo social. Nutrição e Comportamento era a linha mais flexível entre as linhas duras que compunham o setor de Psicobiologia na Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto. Tínhamos como objetivos investigar os efeitos da desnutrição no sistema nervoso e no comportamento.

A desnutrição, identificada como uma variável que afeta o sistema nervoso, não se pode ser tratada ou revertida usando apenas um fármaco, tampouco, uma cirurgia poderia reparar os seus efeitos. Vários fatores sociais atravessavam essa linha, identificávamos que além da falta de nutrientes havia falta de saneamento básico, falta de estimulação social, fatores que se ofertados poderiam diminuir o impacto da desnutrição nos organismos. Somavam-se a eles ainda, o aparecimento de doenças infectocontagiosas que atingiam o corpo e doenças mentais que reduziam possibilidades de enfrentamento nessas condições.

Como compreender, então, que fatores nutricionais agravados pela condição socioeconômica, lesavam o sistema nervoso, e seguir estudando tão somente o sistema nervoso? Como descolar a questão da desnutrição do campo social? Durante esse tempo, seguimos, no grupo de Nutrição e Comportamento, pensando como produzir intervenção, criar condições favoráveis... Quais interações poderiam reduzir tantos prejuízos no comportamento? Como forma de intervir passamos a considerar

tipos de estimulação ambiental que pudessem melhorar as condições diante de uma questão tão complexa (Rocinho, Colafêmina, & De Oliveira, 2001).

Após a saída da USP em 2001, levei comigo essas questões e continuei pesquisando algumas interações. Levei também alguns títulos, o de doutora em Psicobiologia e pós doutora em Clínica Médica, mas nessa época, vinha da Biologia, minha primeira graduação, o que me fazia pensar que a forma de pesquisar partia de observar um objeto, tentando controlar qualquer variável que pudesse interferir na pesquisa que fosse fazer, em uma suposta neutralidade, de quem tenta se retirar do campo, onde de fato, temos que nos colocar em campo.

Em 2010, depois de dez anos, como professora e quatro anos como aluna do curso de graduação em Psicologia, passei a questionar a forma de conhecer. O método experimental, vindo das Ciências Naturais, usado até então, não deu conta de responder as perguntas que fazia para conhecer os efeitos da desnutrição e da estimulação ambiental. O método quantitativo, com suas análises estatísticas não foram capazes de responder questões levantadas no cotidiano desse viver.

Escolhi, então, a clínica Neuropsicológica e o método clínico com os instrumentos de avaliação, que alcançam um certo contorno na linha de pesquisa, e um certo desvio na forma proposta de avaliação. O contorno se deu pela clínica e o desvio por encontrar fatores sociais na Avaliação Neuropsicológica (Rocinho, & Baldivia, 2017)

Linhas flexíveis da atuação

Em 2011, chego a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, além dos títulos exigidos tinha uma certeza: desenvolver um projeto com crianças. E a aposta foi iniciar um trabalho de avaliação neuropsicológica em crianças e adolescentes. Muitas questões apareceram... Alguns estudos foram realizados, tendo um deles identificado, através de instrumentos padronizados, diferenças no processamento cognitivo de adolescentes de escolas públicas e privadas (Rocinho *et al.*, 2014), outro apontado, através de testes projetivos, que eram os fatores sociais, e não os cognitivos que levavam a dificuldades no ambiente escolar (Rocinho & Baldivia, 2017) e um terceiro mostrando os efeitos de fatores nutricionais no desenvolvimento de crianças até dois anos de idade (Irurita-Ballesteros *et al.*, 2019). Entre esses estudos, havia um interesse pelos períodos de desenvolvimento, presente desde o

início da minha formação acadêmica, quando pesquisava ratos desnutridos jovens e recém desmamados (Rocinho, Colafêmia, De Oliveira, 2001).

Muitas linhas atravessavam a pesquisa e muitas outras atravessavam as possibilidades de pesquisar. Em 2016, um pedido e várias reflexões inclinaram novamente o percurso da linha de pesquisa passando para o campo da pesquisa intervenção na escola, o CTUR, Colégio Técnico da Universidade Rural. O serviço de Orientação educacional – SOE da escola estava precisando de ajuda. Havia no CTUR um cenário, apresentado pela coordenadora, composto por dificuldades emocionais dos adolescentes e nenhum profissional de saúde, psicólogo, que pudesse propor intervenções.

A escola tinha quase mil alunos matriculados e o que pareceu mais viável diante do pequeno grupo de estagiários - estudantes de graduação em Psicologia - foi formar grupos com a proposta de promoção de saúde. Entretanto, os adolescentes para quem o serviço foi oferecido não tinham tempo livre entre as aulas para aderirem às propostas de cuidado. Passamos, eu, a professora Carla Vicente, também do departamento de Psicologia da UFRJ e nossos alunos, a pensar em formas alternativas de cuidado com os adolescentes, e a considerar os aspectos instituídos e as forças instituintes que impactavam a saúde e o adoecimento naquela Instituição escolar.

Estava assim posto um campo de prática e pesquisa, sujeitos e objetos, se dando a conhecer no encontro. Ao acompanhar os processos de produção de subjetividade em pesquisas realizadas pelo grupo criado para atuar na escola, reconhecemos que não seria possível fazermos a pesquisa sem interferências, e escolhemos o método cartográfico que nos permite acessar o conhecimento num plano de imanência em que sujeito e objeto, não existindo a priori, emergem no encontro (Passos & Barros, 2009). A escolha do método não é, de forma alguma, arbitrária, já que compreendemos que só é possível conhecer na experiência do encontro, que é único.

Começamos a apostar em alguns dispositivos para promoção de saúde mental no pátio da escola (Gomes, Araujo, & Rocinho, 2020), cartografando grupos que aconteciam no horário do almoço, com os adolescentes que estivessem interessados e disponíveis por ali, chamados de Grupos Nômades (Gomes & Rocinho, 2021) e também plantões psicológicos, uma proposta a partir da clínica peripatética (Araújo &

Rocinho, 2019; Rocinho & Vicente, 2020). Outras cartografias foram realizadas, por este grupo, com adolescentes em diferentes contextos (Corrêa, 2021).

Essa costura permitiu realizar pesquisas em um campo de interesse: desenvolvimento, com foco no adolescente dentro da escola que é um certo lugar para viver esse período, e procurar compreender os diferentes modos de viver a adolescência e a escola. Diante do interesse em desenvolvimento outros fios começaram ser puxados, além da adolescência, também tem nos interessado compreender o idoso e os núcleos da terceira idade (Alves, 2018), instituições criadas com propostas de cuidado diário de pessoas nesse período do desenvolvimento e constituem possibilidades de outros estudos futuros.

Costura: considerações em construção

A parceria com a escola vem possibilitando a construção de proposta de prevenção e cuidado com a saúde mental dos adolescentes através do uso de dispositivos que possam funcionar fortalecendo o bem-estar na escola. Ao procurar compreender a produção de subjetividade do adolescente na escola, pesquisamos também como funcionam os dispositivos montados com a proposta de cuidado. Nos cabe perguntar como funcionam os grupos, as rodas de conversa, as performances no pátio, os plantões psicológicos e também o que eles põem a funcionar nas instituições, favorecendo o cuidado coletivo com adolescentes na escola, ou em outras instituições que acolhem pessoas em diferentes períodos do desenvolvimento.

Alguns estudos interventivos foram sendo realizados e alunos de graduação e pós-graduação vem acompanhando esse percurso que tem como resultado enriquecer a prática e a pesquisa em Psicologia, tecendo assim não só uma linha de pesquisa, mas uma rede de aprendizado e prática de cuidado. Tecemos também alguns textos, dissertações e artigos, que compõem a produção do grupo, como pistas para outras construções de cuidado em outras instituições.

Nessa síntese apresentada, reunimos alguns interesses para a compreensão dessa linha-fiada: Compreendemos que se trata de uma linha com o intuito de realizar pesquisa-clínica-intervenção, com um método para conhecer, a cartografia, montando alguns dispositivos: grupos, plantão psicológico, rodas de conversa e oficinas, na qual sujeitos e objetos emergem no encontro.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. S., & Quintero, R. (2014). Luiz Marcellino de Oliveira: Aprendendo e ensinando análise do comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 10(2), 97-100. Doi: <https://doi.org/10.18542/rebac.v10i2.3468>
- Alves, S. B. (2018). *Rodas de poesia com idosos: cartografias do envelhecimento*. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.
- Araújo, S., & Rocinholi, L. F. (2019). Cartografias do plantão psicológico para adolescentes em contexto escolar. In: M. Tassinari, & W. Durange (org.). *Plantão e a Clínica da Urgência Psicológica* (p.121-139). Curitiba: CRV.
- Corrêa, A. P. S. (2021). *Juventude e violência: cenários turísticos e políticos de Paraty*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.
- Gomes, D. A. M. Jr., Araújo, S., & Rocinholi, L. F. (2020). O contexto escolar e a promoção de saúde em adolescentes. In: A. C. A. Peixoto, C. Vicente, L. F. Rocinholi, (Org.) *Práticas na formação em psicologia: supervisão, casos clínicos e atuações diversas*. (p. 17-37). Curitiba: Appris.
- Gomes, D. A. M., Jr. & Rocinholi, L. F. (2021) Adolescentes escolares: Cartografias de um grupo terapêutico nômade. *Psicologia em Revista*.
- Irurita-Ballesteros, C., Falcão, D. V.S., Rocinholi, L. F., & Landeira-Fernandez; J. (2019) Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos. *Contextos Clínicos*, 12(2), p. 451-475. Doi: <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.04>
- Passos, E., & Barros, R. B. (2009) A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia, (org.) *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (pp. 17-31). Porto Alegre: Sulina.
- Rocinholi, L. F., & Baldivia, B. (2017). Quando a avaliação neuropsicológica identifica estados emocionais decorrentes de causas sociais agressividade, estresse e abuso. In: A. L. C. Zaninotto, & M. C. S. De Lucia, *Neuropsicologia na infância e na adolescência: através de casos clínicos*. (p. 177-287). São Paulo: Coletivo Editorial/CEPSIC
- Rocinholi, L. F., Colafêmina, J. F., & De Oliveira, L. M. (2001). Malnutrition and Environmental Stimulation in rats: Wave latencies of the brainstem auditory. *Nutritional Neuroscience*, 4, p. 199 - 212. doi: <https://doi.org/10.1080/1028415X.2001.11747363>
- Rocinholi, L. F., Oliveira, M. A., Zaninotto, A. L. C., De Lucia, M. C. S., & Scaff, M. (2014). Velocidade de processamento da informação em adolescentes de escolas

públicas e privadas. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 227-233. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200010&lng=pt&tlng=pt.

Rocinho, L. F., & Vicente, C. (2020). Plantão psicológico como dispositivo de intervenção para adolescentes em contextos escolares. In: S. R. F. Enumo, T. L. Dias, & F. P. Ramos (org.), *Intervenções psicológicas para promoção de desenvolvimento e saúde na infância e adolescência*. (p. 169-185). Curitiba: Appris.

CAPÍTULO 13

DO RISCO INDIVIDUAL AO CUIDADO AMPLIADO: A SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM QUESTÃO

Luna Rodrigues

Interessada em debater as condições para o surgimento e o desenvolvimento dos chamados transtornos mentais, desde a pesquisa de doutorado venho me dedicando à análise da noção de risco e de seus diversos correlatos, como as noções de prevenção, promoção da saúde e vulnerabilidade, a partir da perspectiva da Saúde Coletiva. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), em 2017, em um aprofundamento das questões iniciais de pesquisa, passei a discutir tais referências conceituais em diálogo com o campo das práticas de atenção à infância e adolescência, tematizando as noções de risco, vulnerabilidade e cuidado no campo da saúde mental de crianças e adolescentes.

A noção de risco vem se destacando no campo da Saúde ao menos nas últimas três décadas. O privilégio da investigação e da intervenção nos riscos de adoecimento tem sido tão dominante que alguns autores identificam a emergência de uma “cultura do risco” no campo da Saúde. De fato, aprofundar o conhecimento sobre os fatores de risco que contribuem para o adoecimento e elaborar intervenções em saúde que tenham impacto preventivo constituem objetivos fundamentais no campo da Saúde contemporânea, tanto no que se refere à pesquisa médica, quanto às estratégias de gestão e à formulação de políticas públicas. Com o surgimento de diversas técnicas inovadoras de exame e detecção precoce, a divulgação constante de informações de saúde e o estímulo à adoção de práticas preventivas pela população, as experiências de saúde e doença estariam se aproximando cada vez mais de práticas individualizadas de gestão do risco (Castel, 1987; Castiel, 1999; Dumit, 2012).

Quando aplicada ao campo das infâncias e adolescências, a noção de risco ganha contornos específicos. Historicamente, estes sujeitos foram alvo de intervenções de cunho preventivo, com variados desfechos e finalidades específicas. Foucault (1985) e Donzelot (1980) demonstram o modo como o investimento dos discursos médicos sobre as crianças e mulheres tinha como objetivo regular as famílias e garantir a estruturação das nascentes sociedades ocidentais modernas. Os comportamentos e hábitos de crianças, vigiados por suas mães, seriam um importante

campo de ordenamento dos indivíduos, garantindo a formação de cidadãos responsáveis e, logo, de uma sociedade saudável e próspera.

Nas propostas contemporâneas de gestão do risco, elaboradas a partir da Psiquiatria Biológica, as crianças encarnam um dos mais visíveis e pesquisados alvos de intervenção. Seja por meio da precocidade da identificação de sinais de transtorno, seja pela ampliação do espectro de categorias diagnósticas, ou pelas correlações entre determinadas características na infância e transtornos futuros, parece estar novamente em jogo, a partir de um vocabulário e lógica diferentes, objetivos preventivos similares. Ou seja, ainda que possam trazer avanços importantes em algumas situações particulares, em grande medida tais propostas se aproximam da tendência de medicalização de comportamentos, diferenças e desvios, que caracteriza boa parte das práticas de atenção a crianças e adolescentes desde a inauguração da Medicina moderna.

No entanto, a expectativa de controle, segurança e previsibilidade gerada nos estudos do risco muitas vezes não resulta na adoção de medidas de proteção pelos sujeitos e, mais fundamental, não contribui para a construção de melhores práticas de cuidado. Pelo contrário, no campo da Saúde Mental essas medidas podem provocar efeitos nocivos, como a expansão de diagnósticos equivocados, a intervenção medicamentosa apressada, o estado de vigilância constante, que altera o modo dos sujeitos experimentarem a própria saúde, entre outros. Sabemos que a suposição de perigo relacionada aos transtornos mentais serviu como justificativa para fundamentar práticas de exclusão, em nome da assistência médica, mas tendo como finalidade a garantia da ordem e do bom funcionamento social (Castel, 1991; Foucault, 2005; Rose, 2010).

Considerando tais críticas, autores do campo da Saúde Coletiva propõe um deslocamento dos debates sobre risco valorizando a noção de vulnerabilidade, que permite deslocar a análise de perigos e ameaças no âmbito individual, para priorizar os determinantes sociais da saúde. Estes, coletivos, apontam para as realidades compartilhadas, as condições de vida, as particularidades dos territórios e as simbologias envolvidas na consideração de que a nossa saúde e o nosso modo de viver são, inescapavelmente, sociais. A consideração da vulnerabilidade não prescinde das informações estatísticas oriundas do conhecimento epidemiológico, que são fundamentais na saúde, mas privilegia os determinantes socioculturais no processo de adoecimento. Além disso, permite que situações particulares sejam

abordadas em toda a sua complexidade (Ayres et al, 2009; Caponi, 2009; Malagón-Oviedo; Czeresnia, 2015).

Valorizar a noção de vulnerabilidade, demonstrando as suas vantagens em relação à noção de risco, produz importantes consequências para o que podemos imaginar como objetos de pesquisa e como possibilidades de intervenção. Nessa direção, a compreensão da vulnerabilidade de crianças e adolescentes, do modo como ela pode impactar o cotidiano do cuidado nos diferentes dispositivos públicos, e os impasses éticos inerentes às estratégias de intervenção destinadas a populações fragilizadas são exemplos de problemas de pesquisa relevantes e que merecem aprofundamento no âmbito da SMCA. Em um contexto como o do Brasil, no qual as condições de vida e os direitos são constantemente ameaçados e grandes parcelas da população ainda não têm acesso adequado a ações e serviços de saúde, priorizar a análise das fragilidades compartilhadas me parece ainda mais fundamental.

Ao apontar as relações entre as noções de risco, vulnerabilidade e cuidado, estou refletindo a partir do enquadre das políticas de atenção à infância e adolescência no Brasil. Elaborada em 2005, a Política de Saúde Mental para Crianças e Adolescentes constitui uma das respostas a um dos grandes desafios do campo das Políticas Públicas e da Saúde Mental no Brasil. Com a ausência de regulação e ação governamental, as instituições que, historicamente, se dedicaram ao acompanhamento dessa parcela da população atuavam de forma desconexa, muitas vezes sobrepondo ou contrapondo esforços (Brasil, 2005). A construção de uma política voltada para crianças e adolescentes, considerando as especificidades e demandas dessa população, de acordo com os princípios do SUS, representou um enorme avanço para a garantia de direitos e o cuidado em saúde mental.

A partir do reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e sujeitos psíquicos, foram estabelecidos princípios gerais, que orientam a construção da rede de cuidados em saúde mental. Cabe destacar que esses princípios estão fundamentados em uma ética do cuidado, entendida como ação ampliada, construída coletivamente, e de responsabilidade pública. Partindo do entendimento de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e sujeitos psíquicos, propõem-se o acolhimento universal, o encaminhamento implicado, a construção permanente da rede, o trabalho no território e intersetorialidade como prática de articulação das redes de cuidado.

A despeito dos importantes avanços observados no campo da atenção à infância e adolescência, que vem garantindo acesso qualificado ao cuidado em saúde mental para crianças e adolescentes até então invisibilizados no campo das Políticas Públicas, diversos desafios permanecem exigindo enfrentamento, articulação e pesquisa. Os desafios elencados por Couto e Delgado (2015) compreendem o aumento do número de CAPSI, a ausência de estratégias de formação para os trabalhadores da rede, a fragilidade dos vínculos de trabalho, o entendimento incipiente de gestores sobre o mandato territorial dos serviços, a pouco frequente implantação da supervisão clínico-institucional, além da falta de institucionalidade das redes de atenção nos diferentes territórios.

A partir desse campo de problematizações, elaborei pesquisas empíricas que buscaram investigar os modos pelos quais crianças e adolescentes vêm sendo compreendidos e cuidados em diversos territórios da nossa região. Era fundamental como objetivo de pesquisa e compromisso ético compreender de que modo tais dificuldades eram encarnadas no território no qual nos encontramos. Em um primeiro momento, privilegiei a investigação das práticas de atenção nos serviços de Saúde Mental, almejando identificar desafios e possibilidades do cuidado. Além das pesquisas conduzidas por mim, foi possível agregar as pesquisas de orientandas que se dedicaram a temas análogos, tematizando a importância da intersetorialidade e da construção da rede, especialmente o diálogo entre os campos da Saúde Mental e da Assistência Social; os desafios vivenciados em um CAPSi pela equipe ao enfrentar os primeiros meses da pandemia de Covid-19; as experiências de familiares sobre o cuidado a crianças autistas no mesmo período; a análise da produção bibliográfica brasileira sobre o uso de medicamentos e o conceito de medicalização de crianças e adolescentes.

Os resultados de tais pesquisas não foram sempre convergentes ou homogêneos, mas certamente contribuíram para construir um retrato aproximado das realidades vivenciadas nos territórios com os quais a UFRRJ se relaciona. A perspectiva dos que exercem o cuidado, como profissionais e familiares, pode ser pensada como um fio condutor de tais pesquisas. De fato, os desafios implicados no exercício do cuidado, seja dos profissionais inseridos em contextos institucionais, seja de familiares que enfrentam o cotidiano da parentalidade, foram prioridade nas pesquisas empreendidas nestes cinco anos de atuação no PPGPSI. Inseridos em regiões periféricas, marcadas pela precariedade socioeconômica, pela fragilidade dos

dispositivos públicos e pela violência, os cuidadores padecem, ao mesmo tempo em que constroem soluções possíveis e criativas para dar conta de suas tarefas.

Por outro lado, entendo como fundamental o movimento de dirigir a escuta diretamente aos que são objeto dos cuidados. Crianças e adolescentes podem falar sobre suas experiências, sonhos e sofrimentos, com propriedade e autoria, desde que nos coloquemos em posição de escutá-los, construindo metodologias adequadas. Este seria um passo decisivo para entendê-los verdadeiramente como sujeitos psíquicos, protagonistas de suas histórias, e não como objeto dos discursos psicológicos e desenvolvimentistas. Assim, a partir de suas singularidades e coletividades, podem ocupar o lugar social e de exercício político que lhes é de direito, tendo voz e autonomia possível nos espaços de cuidado, convivência e sociabilidade, como a escola, os serviços de saúde, as comunidades, associações etc.

Nos últimos anos, a intensificação do sofrimento a partir da pandemia de Covid-19 vem se configurando como um dos maiores desafios a serem enfrentados no campo da SMCA. É importante destacar que a pandemia não somente produziu novos sofrimentos, como, no Brasil, acentuou as profundas desigualdades sociais e econômicas características do país, intensificando sofrimentos psicossociais em curso. Deste modo, sabemos o quanto as mortes, os prejuízos e o empobrecimento atingiram de forma variada os diferentes territórios, bem como marcaram de modo particular as diferentes gerações atingidas pelo cenário pandêmico. Crianças e adolescentes morreram, tornaram-se órfãos, sofreram violências e tiveram impacto profundo na saúde mental, de modos ainda a serem mapeados e compreendidos.

Trata-se, atualmente, do mais importante campo de pesquisas para aqueles que se dedicam à SMCA. Conhecer as vivências, identificar os sofrimentos mais intensos, mapear os resultados imprevistos e identificar as saídas criativas e possibilidades de resistência constitui a melhor resposta que poderemos dar ao evento traumático que foi a pandemia de Covid-19 no Brasil. Marcada por inúmeras inquietações durante os anos de 2020 e 2021, a minha experiência como mãe, professora e pesquisadora das infâncias e adolescências se soma a de demais mulheres encarregadas do cuidado, preocupadas com as próximas gerações, sensíveis ao sofrimento psíquico dos que estão nos momentos iniciais da vida. Tais questões tem um destino mais interessante na medida em que conseguimos desdobrá-las em objetos de pesquisa, de modo que a vivência traumática da pandemia possa produzir algum tipo de aprendizado que contribua para o

aprofundamento da escuta e a qualificação das intervenções que oferecemos às crianças e aos adolescentes.

REFERÊNCIAS

Ayres, J. R., França Junior, I., Calazans, G. J. & Saletti Filho, H. C. (2009). O Conceito de Vulnerabilidade e as Práticas de Saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, D., Freitas, C. M. *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz. 121-143.

Brasil. Ministério da Saúde, (2005). *Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde (Serie B. Textos Básicos em Saúde).

Caponi, S. (2009). A Saúde como Abertura ao Risco. In Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz. 59-81.

Castel, R. (1987). *A Gestão dos Riscos*. Da antipsiquiatria à Pós-Psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. From dangerousness to risk. Em Burchell, Gordon e Miller (org.) (1991) *The Foucault Effect*. Studies in Governmentality. USA: The University of Chicago Press

Castiel, L. D. (1999). *A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências* [online]. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Couto, M. C. V. & Delgado, P. G. G. (2015). Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. *Psicologia Clínica* (27), 1, 17-40.

Dumit, J. (2012). *Drugs for Life*. How Pharmaceutical Companies Define Our Health. Durham e Londres: Duke University Press.

Donzelot, J. (1980). *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1985). *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault M. (2005). *História da Loucura: na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva.

Malagón Oviedo, R. A. & Czeresnia, D. (2015) O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, (19), 53, 237-249.

Rose, N. (2010). 'Screen and Intervene': governing risky brains. *History of The Human Sciences*, 8, (1) 79–105.

CAPÍTULO 14

DIÁLOGOS COM A TEORIA DE WILHELM REICH: UM OLHAR CLÍNICO-SOCIAL SOBRE A PRODUÇÃO DE CORPOS EM ALGUMAS PESQUISAS DE PPGPSI

Marcus Vinicius Câmara

À guisa de introdução

Integrei o quadro de docentes do Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGPSI – entre os anos de 2014 e 2018. Basicamente, minha inserção se deu por meio de três vias: um Grupo de Estudos sobre os livros considerados mais “clínicos” de Wilhelm Reich, a saber - “Análise do Caráter” (2020) e “A Função do Orgasmo” (2004); uma Pesquisação (Thiollent, 1987) iniciada em 2016 e que se desenvolve desde então, denominada “Psicoterapia Corporal e Autogestão Grupal” e a orientação de três dissertações de mestrado “Gestalt-Terapia e Reforma Psiquiátrica - Reflexões sobre a teoria e a prática no CAPs”, de Ana Carolina Pacheco de Paula, defendida em 2015; “Oficinas em Saúde Mental – uma proposta genealógica do fazer artesanal”, de Geruza Valadares Souza, defendida em 2017 e “Uma possível análise entre corpos sensíveis nas telas e vivências inconscientes atribuídas à memória corporal arcaica”, de Juliana da Silva Fonseca, defendida em 2018.

Do grupo de estudos

O Grupo de Estudos sobre a obra de Wilhelm Reich e mais especificamente no que concerne aos livros “Análise do Caráter” (2020) e “A Função do Orgasmo” (2004) permanece até os dias atuais. Sob minha coordenação, alunos e egressos, tanto da graduação em Psicologia como da pós-graduação, integram o referido grupo. Este tem o objetivo de discutir os principais conceitos teóricos, as técnicas fundamentais da Análise Reichiana e estabelecer articulações com outros autores e teorias, visando um conhecimento mais consistente no campo da clínica psicológica e uma base teórica mais sólida para que os alunos possam construir suas próprias pesquisas.

O Grupo de Estudos se reúne durante duas horas a cada quinze dias. Entre as reuniões os alunos estudam os textos a serem debatidos e fazem um revezamento

quanto à apresentação de cada texto. Estes encontros regulares permitem aos seus membros tornarem-se, academicamente, mais potentes, uma vez que assimilam melhor as noções teóricas e as possíveis técnicas a serem empregadas em cada caso analisado, bem como aumentam a compreensão da *práxis* psicológica. Neste sentido, são fundamentais o compromisso com os estudos e a participação no grupo.

Além disso, é um espaço de encontro, de troca, de sociabilidade, de construção de uma rede, na qual a dúvida, a incerteza de um auxilia o outro, em um movimento espiralado constante. A construção do autoapoio de cada membro do grupo se entrelaça à teia de sustentação grupal. Dessa forma, as articulações entre indivíduos e grupo promovem um cenário solidário para fazer face aos debates, que se sucedem no grupo. O encontro é essencial à vida, ao desenvolvimento e ao processo de autonomia de estudos do próprio grupo.

Outrossim, a consciência crítica é fortalecida, dado que são abordados frequentemente fatos sociais que atravessam o grupo e os casos ali analisados, assim a relação de produção dos casos discutidos e dos próprios integrantes do grupo com o *socius* é desvelada e analisada, contribuindo, desse modo, para constantes mudanças e novos fazeres. A análise dos acontecimentos sociais que “transversalizam” o grupo produzem, criam as condições necessárias para potencializar as possíveis ações clínicas.

Por isso, tal grupo é também percebido como um grupo-dispositivo que gera modos singulares de pensar, sentir e agir, que tentam escapar do enquadre tradicional e conservador do *status quo*. Os textos ali trabalhados, as alternativas de intervenção em cada caso estudado e os próprios membros do grupo constituem um campo aberto a diferenças que se opõem à mera continuidade daquilo que já está instituído. Portanto, o Grupo de Estudos é invenção permanente.

Da pesquisa

Venho desenvolvendo, no decorrer dos últimos anos, uma pesquisa denominada “Psicoterapia Corporal e Autogestão Grupal”. Trata-se de uma investigação a respeito da psicoterapia corporal grupal como uma abordagem que ao trabalhar, além das técnicas verbais, com técnicas não-verbais, torna-se um potente dispositivo que pode favorecer a autorregulação pessoal e a autogestão grupal. Esta é a pesquisa-guia que contou, e ainda conta, com alunos egressos tanto da graduação

como da pós-graduação da psicologia da UFRRJ. Além disso, é a pesquisa “guarda-chuva” que abrigou outras três pesquisas desenvolvidas por alunos do PPGPSI, sob a orientação do autor deste capítulo.

Considerando a carência de pesquisas relativas a práticas clínicas corporais grupais, esta pesquisa é uma contribuição que visa suprir esta lacuna. Concretizamos, assim, uma proposta de intervenção psicoterápica grupal que leve em consideração a importância das técnicas não-verbais para desvendar, não só o inconsciente pessoal dos membros de um grupo, como também, o inconsciente social dos próprios grupos. A maioria das abordagens psicoterápicas de grupo, ainda que utilizem técnicas não verbais, está ancorada na comunicação verbal. Isto configura uma limitação quando o objeto de trabalho é o grupo. Disto resulta a seguinte questão: poderia uma pesquisa fundamentada em práticas grupais não-verbais contribuir para uma maior autogestão dos grupos? Estamos investigando este problema a partir de três teorias de grupo: a Análise Reichiana (2020, 2004), a Psicanálise de Pagès (1974) e a Socioanálise de Lapassade (1977). A primeira perspectiva é a referência básica na qual o coordenador da presente pesquisa se ancora. Aqui, compreende-se a Teoria Reichiana articulada, fundamentalmente, à Esquizoanálise proposta por Deleuze e Guattari (1995). A escolha dos outros dois autores (Pagès e Lapassade) é sustentada pelo fato de que foram, em suas respectivas escolas, os que mais produziram conteúdo teórico sobre trabalhos não-verbais com grupos.

Em função de nossa revisão de literatura e de nossa prática psicoterapêutica, formulamos a hipótese central de que o emprego de técnicas não-verbais torna as práticas grupais mais eficazes naquilo a que elas se propõem. Além disso, esperamos que tais técnicas se mostrem um “atalho” consistente para desvelar as forças sócio-históricas ocultas que atravessam os indivíduos e os próprios grupos, contribuindo para uma maior autonomização de ambos.

O objetivo básico desta intervenção corporal grupal é contribuir para a autorregulação individual e a autogestão grupal, a partir do desvelamento dos inconscientes pessoal e social. As inserções individuais no grupo espelham as determinações sócio-históricas (inconsciente social) que nem sempre são percebidas pelo grupo. As condutas individuais, harmonizando-se em uma unidade grupal, apresentam atitudes contraditórias a respeito dos mecanismos autoritários de poder, dos discursos manifestos e de uma sexualidade sujeitada e instituída. Cabe ao

psicoterapeuta apontar estes paradoxos, favorecendo a criação de outros possíveis modos de existir que sejam transformadores aos níveis pessoal e grupal.

Com relação ao procedimento até aqui da Pesquisa, a mesma passou por uma fase inicial na qual foi formada a equipe de pesquisa constituída de um professor-coordenador e discentes de graduação e de pós-graduação em Psicologia da UFRJ. A seguir houve, com esta equipe, a discussão do então projeto de pesquisa. Na sequência, a equipe de pesquisa foi submetida a um trabalho preparatório teórico-prático, a fim de que seus integrantes possam fazer *a posteriori* as devidas intervenções clínico-grupais. Após o trabalho teórico-vivencial com a equipe de pesquisa, foram observados os temas principais que surgiram durante os encontros. As temáticas foram transformadas em categorias de análise, baseando-se no método de Análise de Conteúdo (Ludke & André, 1986). Em seguida, foram aprofundados os estudos teóricos sobre as técnicas não-verbais, a autogestão e suas implicações nas obras de Reich, Pagès e Lapassade, além da rediscussão do tipo e método de pesquisa a serem empregados em futuras intervenções. Este é o estágio atual no qual a pesquisa se encontra.

Na segunda fase, os integrantes da equipe de pesquisa coordenarão seus próprios grupos. Após a formação do grupo clínico, será feito um levantamento sobre as principais questões que o envolvem e realizado seu diagnóstico. A seguir, refletirão com o grupo a resultante da etapa anterior. Depois, será executada a prática clínica grupal e, finalmente, serão discutidos com o grupo clínico os achados da pesquisa. Na terceira etapa será feita, com a equipe de pesquisa, uma avaliação com relação aos resultados do emprego das técnicas não-verbais e ao grau de autonomia adquirido pelo grupo clínico, nos níveis individual e grupal, bem como elaborado o relatório final da pesquisa.

Das orientações

Entre os anos de 2014 e 2018, a referência teórica básica utilizada por mim, com relação a estudos e pesquisas, era a obra de Wilhelm Reich. Contudo, em função da natureza transversal de sua abordagem, a articulação com outros autores, abordagens e temas correlatos se fez presente. Assim, autores como Foucault, Deleuze, Guattari, Pagès, Lapassade; abordagens clínicas como a Psicoterapia Corporal, a Gestalt-Terapia, a Terapia Ocupacional e a investigação de temáticas e

exploração de campos, entre os quais: Memória Corporal Arcaica; Corpos Sensíveis; o “Fazer” Artesanal” na Saúde Mental; a Reforma Psiquiátrica e os Centros de Atenção Psicossocial – CAPs favoreceram as conexões que forneceram mais consistência teórica aos estudos e pesquisas empreendidos nesta época.

A dissertação de mestrado “Gestalt-Terapia e Reforma Psiquiátrica: reflexões sobre a teoria e a prática no CAPs”, de Ana Carolina Pacheco de Paula, defendida em 2015, descreveu como os psicólogos de abordagem gestáltica, que realizam oficinas terapêuticas em Centros de Atenção Psicossociais – CAPs, entendem a contribuição destas oficinas na reinserção social de seus participantes, além disso, registrou como estes psicólogos percebem o diálogo entre os pressupostos da Reforma Psiquiátrica Brasileira e a Gestalt-Terapia nas suas práticas. Esta pesquisa também colaborou com reflexões e discussões teóricas sobre a atuação dos gestalt-terapeutas no campo da Atenção Social. Para isto, utilizou o método fenomenológico (Giorgi, 1985). Aqui o trabalho dos gestalt-terapeutas constituiu o fenômeno investigado. Nas considerações finais, ficou evidente o quanto a inserção dos gestalt-terapeutas nos CAPs ainda é incipiente, embora em crescimento, e que os diálogos teórico-práticos da Gestalt-Terapia com a Reforma Psiquiátrica Brasileira estão em processo de desenvolvimento. Um dos produtos importantes desta dissertação foi o estabelecimento de uma rede de contatos dos gestalt-terapeutas que atuam nos CAPs, permeável a pesquisas acadêmicas.

A dissertação de mestrado “Oficinas em Saúde Mental – uma proposta genealógica do fazer artesanal”, de Geruza Valadares Souza, defendida em 2017, problematizou o funcionamento das oficinas de criação, questionando em que condições os fazeres constituem ou não um dispositivo de promoção de autonomia e inclusão no campo da Saúde Mental. De modo semelhante, pesquisou os discursos/práticas que norteiam uma visão de desvalorização das atividades manuais e que operam a dominação e captura de subjetividades, por meio do imperativo capitalista de produção. O método empregado foi o genealógico de Foucault (2015), (Martins, 2004) – que consiste na análise histórica de saberes e práticas – para investigar as condições que possibilitaram a desvalorização do fazer manual na clínica e a consequente dissociação entre este e o fazer intelectual. Ao final, esta pesquisa considerou que a atividade artesanal permite ampliar os conhecimentos da Saúde Mental sobre a relação do sujeito com o fazer, assim como contribui para análises mais potentes acerca dos fazeres nas oficinas de criação.

A dissertação de mestrado “Uma possível Análise entre corpos sensíveis nas telas e vivências inconscientes atribuídas à memória corporal arcaica”, de Juliana da Silva Fonseca, defendida em 2018, partiu do pressuposto que portamos uma memória que nos marcou por meio de experiências inaugurais suficientemente fortes, imprimindo em nossos corpos suas expressões. Esta pesquisa apontou possíveis conexões entre a memória de experiências da primeira infância, como também da vida posterior e as marcas deixadas por elas nos nossos corpos. Além disso, teve como enfoque reconhecer na filmografia deste tema, certas experiências sensoriais, que embora vividas no corpo, não são atribuídas a ele. Foram adotados o levantamento bibliográfico e a análise fílmica (Gomes *apud* Mimura, 2011) como métodos de investigação. Por meio destes métodos, perceberam-se possíveis relações entre as teorias das psicoterapias corporais (Reich, 2004; Lowen, 1982; Boadella, 1992; Boyesen, 1986) e as cenas estudadas. Ainda que de maneira não conclusiva, parece que os achados reafirmam que é também por meio do corpo atual que as vivências inconscientes tomam nosso cotidiano, podendo remontar a cenas de uma memória arcaica.

Das considerações finais

Compor o quadro de docentes do PPGPSI foi uma experiência, academicamente, muito enriquecedora nos três planos nos quais enveredei: o Grupo de Estudos; o desenvolvimento da pesquisa referência “Psicoterapia Corporal e Autogestão Grupal” e as orientações das dissertações, além da participação em bancas de defesa de mestrado no PPGPSI. A dedicação dos alunos ao Grupo de Estudos, tanto da graduação como da pós-graduação em Psicologia era absoluta. A cada encontro surgiam novos membros que traziam contribuições, em forma de reflexões e críticas que auxiliavam a consolidar o arcabouço teórico necessário às investigações às quais nos propúnhamos. Não foi com menor afincamento por parte de seus integrantes que a referida pesquisa se processou. O engajamento explícito dos componentes da equipe de pesquisa se traduziu na continuidade da investigação, que já atravessa alguns anos. Tanto o Grupo de Estudos como a pesquisa em tela continuam a se desdobrar até a presente data. Com relação às Orientações de Mestrado, cada uma, nos seus limites e alcances, trouxe contribuições fundamentais em seus respectivos campos de estudos e na articulação com a pesquisa

anteriormente citada. Finalmente, reconheço e agradeço profundamente a importância acadêmica de ter integrado o corpo de docentes da Pós-Graduação em Psicologia, que ora comemora seus dez anos de existência. Vida longa ao PPGPSI!

REFERÊNCIAS

- Boadella, D. (1992). *Correntes da Vida: Uma introdução à Biossíntese*. São Paulo: Summus.
- Boyesen, G. (1986). *Entre Psique e Soma: Introdução à Psicologia Biodinâmica*. São Paulo: Summus.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Foucault, M. (2015). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Giorgi, A. Shetch of a Psychological Phenomenological Method. (1985). In: Aantoos, C.; Fischer, W.F., Giorgi, A. & Wertz, F.J. (Orgs.). *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Lapassade, G. El Encuentro Institucional. (1977). In: Lourau, R. et al. *Análisis Institucional y Socioanálisis*. México: Nueva Imagen.
- Lowen, A. (1982). *Bioenergética*. São Paulo: Summus.
- Ludke, M., & André, M. E. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Martins, A. (2004). Filosofia e Saúde: métodos genealógico e filosófico-conceitual. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20, (4), 950-958.
- Mimura, V.A. (2011). Análise Fílmica: Internalização, Diversidade, Identidade. Intercom – *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XVI Congresso das Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – SP.
- Pagès, M. (1974). A vida afetiva nos grupos. In: Pellegrino, H. (Coord.). *Psicanálise em Crise*. Petrópolis: Vozes.
- Reich, W. (2020). *Análise do Carácter*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004). *A Função do Orgasmo*. São Paulo: Brasiliense.
- Thiollent, M. (1987). Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: Brandão, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.

CAPÍTULO 15

PSICANÁLISE E TEORIA QUEER: INTERLOCUÇÕES EM BORDAS TENSIONADAS

Mariana Ferreira Pombo

Neste texto, farei um panorama da minha pesquisa atual na área fronteira entre psicanálise e estudos de gênero e *queer*, buscando indicar pontos de continuidade e de descontinuidade dessa pesquisa tanto com a minha própria trajetória como pesquisadora, como com a conjuntura de pesquisas nesse campo.

No que diz respeito à minha formação acadêmica e aos temas de pesquisa aos quais venho me dedicando desde a iniciação científica, passando pelo mestrado, o doutorado, o pós-doutorado e chegando ao momento presente – no qual sou professora do Departamento de Psicologia (desde 2019) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (desde 2021) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro –, a transdisciplinaridade é um elemento constante, sempre presente. Possuo graduação em Comunicação Social e em Psicologia, mestrado em Comunicação e Cultura, e doutorado e pós-doutorado em Teoria Psicanalítica.

Além disso, embora haja uma variação dos temas estudados por mim ao longo dos anos, é possível agrupá-los sob a temática mais geral das formas de subjetivação contemporâneas: a representação do sofrimento na mídia e os seus efeitos, na iniciação científica; o aumento dos diagnósticos psiquiátricos de depressão e sua relação com a medicalização do sofrimento psíquico, no mestrado; a mutação da epistemologia da diferença sexual hoje e a necessidade de renovação da psicanálise enquanto discurso e prática, do doutorado até então.

Meu interesse sempre foi entender a singularidade de nossa cultura e sua relação com as subjetividades, o que se desdobra seja em modos particulares de relação com o sofrimento e o corpo, seja em modalidades específicas de mal-estar e de adoecimento psíquico, ou ainda em novas possibilidades de experimentação da sexualidade, do gênero e de arranjos familiares. Mais recentemente, surgiu ainda o interesse de analisar como esses novos modos de subjetivação afetam a clínica e exigem que ela seja repensada e renovada. Como parto da premissa foucaultiana de que as subjetividades são historicamente construídas, a análise destas, mesmo

quando o foco de pesquisa é a clínica, pressupõe o diálogo com o social, o que por sua vez conduz necessariamente ao intercâmbio entre diversas disciplinas de conhecimento, ou seja, à transdisciplinaridade já mencionada.

No entanto, no campo específico da psicanálise e estudos de gênero e *queer*, no qual se insere atualmente a minha pesquisa, a escolha pela abordagem transdisciplinar – isto é, a aposta na possibilidade de a psicanálise acolher as críticas que lhe são colocadas por estudiosos de outros campos e, mais do que isso, se servir delas para repensar e problematizar seus discursos e práticas, sem interpretá-las como acusações ou ameaças – não é uma posição óbvia ou majoritária. É muito comum, ao contrário, encontrarmos discursos de psicanalistas que, implícita ou explicitamente, sustentam que psicanálise e teoria *queer* seriam ordens discursivas inconciliáveis e incomunicáveis.

Javier Sáez (2005) termina seu livro *Théorie queer et psychanalyse*, afirmando que a teoria *queer* é o sintoma da psicanálise, no sentido de algo que está silenciado e do qual não queremos saber. Sáez ainda assevera que o questionamento radical que os teóricos *queer* fazem aos fundamentos epistemológicos da psicanálise instalou entre os dois campos uma distância abissal, que praticamente ninguém quer atravessar, inclusive porque, para o autor, não falamos de uma mesma realidade.

Passados mais de 15 anos da publicação do livro de Sáez, acredito que hoje alguns psicanalistas já nos aventuramos nessa travessia considerada por ele como improvável ou mesmo impossível, tentando escutar o que esse sintoma diz sobre o nosso funcionamento e como o próprio sintoma pode movimentar-nos em novas direções. Certamente, quando falam, psicanalistas e teóricos *queer* usam noções diferentes, próprias de cada campo discursivo, mas a “realidade” não poderia ser pensada a partir das imbricações e confluências dos aportes teóricos vindos desses diferentes campos? Não é isso que a própria Judith Butler (1990/2013, 1993/2019, 1997/2017) faz, quando se apropria de conceitos psicanalíticos, para refletir, no âmbito da nossa cultura, sobre, por exemplo, a melancolia de gênero e a forclusão das possibilidades não heterossexuais de amar, ou sobre o próprio funcionamento do poder?

Muitos argumentam, para reforçar a incomunicabilidade entre teoria *queer* e psicanálise, que a primeira teria um projeto político, enquanto a segunda sustentaria um projeto clínico. Ainda que a psicanálise conte com a especificidade da prática clínica e do compromisso ético com a clínica e com os pacientes, como separar a

clínica da política, quando levamos em conta as relações de poder nas quais estamos todos enredados? Alguma clínica pode, no final das contas, ser dita “não política”, se toda subjetividade se constitui, como coloca Foucault (1983), submetendo-se e resistindo ao conjunto de normas de sua cultura e se o sofrimento psíquico também é produzido pelos esquemas de inteligibilidade sociais, como complementa Butler (1993/2019, 1997/2017)?

A psicanalista Ana María Fernández (2017) nos fornece pistas interessantes para esse debate, quando tenta responder à questão sobre como estabelecer articulações entre as lógicas coletivas da sexualidade, problematizadas na sociedade e nos movimentos minoritários, que abarcam noções difundidas no campo social, tais como gênero, identidade de gênero e diversidades sexuais, e as lógicas da sexuação, trabalhadas pela psicanálise, que usam termos específicos da teoria psicanalítica, tais como sexuação, diferença sexual, gozo e identificação. Apontando que essas lógicas não são nem sinônimas, nem subsumíveis uma a outra, a autora entende que não se trataria de subordinar um campo ao outro, tampouco de explicar um pelo outro. Sua ideia é a de que seja possível sustentar as tensões entre as lógicas e trabalhar em um lugar entre essas tensões, onde problemas sejam colocados e nos provoquem a pensar.

Desse modo e acompanhando a proposta de Fernández, minha pesquisa enfatiza, em entrelugares e bordas tensionadas, possíveis diálogos e interlocuções entre psicanálise e teoria *queer*, sobretudo no que diz respeito às possibilidades de subversão do paradigma, em crise, da diferença sexual.

A ideia de que presenciamos, na contemporaneidade, a crise ou a mutação do paradigma da diferença sexual foi enunciada pelo filósofo *queer* Paul B. Preciado (2008/2018, 2020). Segundo ele, essa mutação já está ocorrendo desde os anos 1950, acompanhando as transformações dos corpos, das práticas sexuais, do gênero, da reprodução e do exercício da parentalidade, que evidenciam a insuficiência do quadro epistemológico binário (homem x mulher, masculino x feminino, heterossexualidade x homossexualidade, e daí em diante).

Além de sinalizar a mutação em curso, Preciado (2020) denuncia que a psicanálise continue legitimando construtos dessa epistemologia (e neles se apoiando), o que exclui e expõe à violência muitos sujeitos e seus corpos, e nos faz um convite: que, em vez de só retermos os “pais da psicanálise”, escutemos as

experiências dissidentes, para nos engajarmos em uma mutação da psicanálise à altura das transformações da cultura e dos sujeitos.

Em outras palavras, em vez de recorrermos a categorias psicanalíticas historicamente datadas para enquadrar as dissidências sexuais e de gênero ou para redefinir o que é diferença sexual, trata-se de trabalharmos no sentido inverso. É imprescindível ouvir as dissidências, acolher as provocações e as exigências de renovação que as novas experiências colocam e, então, questionar e repensar ferramentas teóricas reducionistas e patologizantes da psicanálise (como, por exemplo, a centralidade do falo, do Complexo de Édipo e do Nome-do-Pai para a subjetivação e a sexuação), como proponho no livro *“A diferença sexual em mutação: subversões queer e psicanalíticas”* (Pombo, 2021).

É claro que, para haver mutação e crítica dos pressupostos psicanalíticos a que o filósofo nos convoca, precisamos entender a diferença sexual também como dispositivo histórico – no sentido que Foucault (1976/2013) imprime à noção de dispositivo de sexualidade – ou seja, como um dispositivo entre outros possíveis (Pombo, 2018, 2019; Prokhoris, 2000), como epistemologia contingente, passível de mudar e ser substituída por uma epistemologia não binária, multiforme, na qual a diferença sexual perca o posto de “a diferença das diferenças” e abra espaço para uma multiplicidade de diferenças.

Segundo Preciado (2020), é preciso tomarmos uma decisão: ou a psicanálise continua afirmando a universalidade do paradigma, em ruínas, da diferença sexual, legitimando o regime patriarco-colonial e suas violências, e inclusive arriscando a própria sobrevivência psicanalítica; ou a psicanálise se submete à autocrítica. “Essa segunda opção implica começar um processo de depatriarcalização, de desheterossexualização e de descolonização da psicanálise, como discurso, como narrativa, como instituição e como prática clínica” (Preciado, 2020, pos. 863-868).

Desse modo, a pesquisa que venho realizando pretende, sem dúvida, avançar na segunda direção apontada por Preciado, que, a meu ver, se aproxima também do que o psicanalista Thamy Ayouch (2019) define como hibridação da psicanálise: uma psicanálise hibridada é uma psicanálise em conexão tanto com sua época histórica, como com outros discursos, sobretudo com os saberes minoritários (*queer*, trans, decoloniais, etc.) e, por isso mesmo, uma psicanálise em transformação permanente pelas suas bordas.

REFERÊNCIAS

Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade, subjetivações*. Curitiba: Calligraphie.

Butler, J. (1990/2013). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (1993/2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições.

_____. (1997/2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica.

Fernández, A. M. (2017). Las lógicas sexuales actuales y sus con-posiciones identitarias. In Irene Meller (Org.). *Psicoanálisis y género: Escritos sobre el amor, el trabajo, la sexualidad y la violencia* (p. 133-157). Buenos Aires: Paidós.

Foucault, M. (1976/2013). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

_____. The Subject and Power. (1983). In: Hubert Dreyfus & Paul Rabinow (Orgs.). *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics* (p. 208-226). Chicago: University of Chicago Press.

Pombo, M. (2018). Diferença sexual, psicanálise e contemporaneidade: novos dispositivos e apostas teóricas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 21(3), 545-567.

_____. (2019). Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 27(2), 1-11.

_____. (2021). *A diferença sexual em mutação: subversões queer e psicanalíticas*. Curitiba: Calligraphie.

Preciado, P. B. (2008/2018). *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições.

_____. (2020). *Je suis un monstre qui vous parle*. Paris: Grasset. (versão Kindle).
Prokhoris, S. (2000). *Le sexe prescrit: la différence sexuelle en question*. Paris: Flammarion.

Sáez, J. (2005). *Théorie queer et psychanalyse*. Paris: EPEL

CAPÍTULO 16

ANÁLISE NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATÓRIA: UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA

Valéria Marques de Oliveira

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar, o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(Fernando Pessoa, 2016 [1934])

Prolegômenos

Este texto apresenta um período de minha trajetória profissional, os dez anos, comemorados em 2022, do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGPSI), onde sou professora permanente. Sinto-me honrada por ter participado do início dos cursos de Psicologia, tanto da graduação, em 2010, quanto da pós-graduação, em 2012, nesta instituição. Foi um percurso de muito aprendizado. Registro de antemão minha gratidão aos companheiros desta trajetória, docentes e discentes, estendendo os agradecimentos aos pioneiros que abriram as trilhas para que chegássemos aonde chegamos.

Optei por escrever na primeira pessoa do singular para me expressar melhor. Utilizarei o recurso da autonarrativa (Bruner, 1997; Marques, & Satriano, 2017), visto a plasticidade espaço-temporal característica da não-ordinalidade (Maluf, 2003) presente. As estratégias de mediação direcionadas à qualidade de vida e bem-estar, considerando a conexão razão & emoção & ação, formam a base de minha matriz operatória e de minha curiosidade científica. Meus conceitos centrais de estudo são: narrativa (verbal e não verbal /filogenia-ontogenia) e percepção (interna e externa/ambiental) que desembocam na emancipação da enunciação (Marques, & Satriano, 2014).

Centrar-me-ei na proposição teórico-metodológica da Análise Narrativa Dialógica Emancipatória (ANDE), construção amadurecida aos poucos, com início

ainda em minha graduação quando trabalhei com pessoas com deficiência intelectual na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) no Rio de Janeiro, na década de 1980. O gatilho para esta direção foi minha discordância quanto ao espectro e à utilidade/utilização dos resultados dos testes padronizados aplicado nas avaliações psicológicas. Os testes não reconheciam a especificidade, potencialidade, flexibilidade e capacidade emancipativa dos avaliados. A autocrítica a esta minha limitação profissional me conduziu ao estudo e à valorização da autoecoorganização e à teoria sistêmica (Morin, 2001, 2002, 2007) culminando com minha criação de processos, procedimentos e instrumentos de observação e interpretação mais interativos. Isto se desdobrou em processos interventivos incentivadores à autoria e autonomia, diálogo e troca coletiva com toda equipe. Aprendi a reconhecer a competência existente no outro, humildemente reconhecendo em mim, minha limitação prévia de dialogar efetivamente com o outro quando me restringia (e me escondia) na posição de autoridade técnica. Quando reconheci a dialogia do processo de aprendizagem, reconheci concomitantemente a flexibilidade e a dinamicidade do posicionamento dos lugares de ensinante e aprendente. Isto se presentifica inúmeras vezes nas situações de aprendizagem, algumas vezes desveladas em vivências com meus orientados (Santos, Fouraux, & Marques, 2017) e em suas dissertações. Ao longo de décadas, a ideia amadureceu, ganhou corpo como perspectiva investigativa inovadora, com fundamentos teóricos-metodológicos dialógicos narrativos, de cunho qualitativo interpretativo, capitaneada por mim, coconstruída na interação com outros pesquisadores, profissionais e orientandos.

As bases e os procedimentos da ANDE consideram fundamental a interação, e valorizam a proatividade e a dialética singularidade/coletividade. Sendo assim, o processo de seleção, organização e interpretação das informações de pesquisa voltadas para o próprio pesquisador são semelhantes à sua aplicação em outro participante, visto que prevalecem os aspectos fluidos interativos e contextuais. Neste texto, destacamos sua aplicação à autonarrativa do próprio pesquisador (Marques & Satriano, 2017, Lima, Marques, & Pessoa, 2022). Esta especificidade foi escolhida pela clareza na ruptura que aponta, e seu posicionamento diante da polêmica e questionamentos frente ao duplo papel assumido simultaneamente pelo autor enquanto participante de pesquisa e pesquisador. É uma crítica ao pensamento hegemônico que só reconhece a criação científica a partir da neutralidade, da objetividade e do distanciamento do pesquisador. Reconhecemos e nos

comprometemos com o valor da subjetividade e com a possibilidade de manejar/superar às críticas sobre o viés interpretativo/perceptivo do pesquisador, o que conduziu ao amadurecimento da ANDE.

Pontos basilares para a análise narrativa dialógica emancipatória (ANDE)

Sempre estudei o processo de interação e de mediação em educação e saúde, com foco sinérgico entre razão, emoção e conação, e para tanto, e no meu doutorado articulei as contribuições da Epistemologia não-ordinária e da Epistemologia da complexidade à aplicação do olhar fluido (Marques, 2005), conceito este criado por mim, para lidar com o movimento, a dualidade, a contradição e a incerteza. A não-ordinariedade sustenta a visão sistêmica e considera a rede, relações lineares e não-lineares, biunívocas. Para estudo, coloca a realidade entre parênteses, consciente da impossibilidade desta ação, pois tudo é impermanente e em atualização. Olhar fluido é um modo dinâmico de observar, registrar, interpretar e compartilhar a realidade em conexão entre o mundo interno e externo, no qual a subjetividade é uma peça-chave no processo de perceber e construir a realidade (Marques, Ursi, Silva, & Katon, 2020). O observador como referência, assume seu “Ponto de Vista” e seu “Ponto Cego” passíveis de atualização e elaboração, além de analisar e optar pela escala de observação, consequentemente lente e escala a serem aplicadas na leitura da realidade. O olhar do observado interfere no observado.

É deste modo que o Olhar Fluido se articula aos estudos da Epistemologia não-ordinária. Aprender, lidar com o novo e todas as emoções despertadas, é lidar com a vida, acompanhada por sua força vital, suas pulsões. Compomos um sistema e somos um sistema, no qual predomina a capacidade simbólica em nossa constituição enquanto ser. O diálogo (verbal ou não verbal), quer seja com o outro interno ou externo, é uma forte característica humana. O ser expressa sua realidade idiográfica e nomotética.

Logo, para ascender ao movimento dialógico, aplico o Olhar Fluido através da ANDE, com propósito subliminar de contribuir para a constituição emancipatória e a ampliação da consciência, logo sustentados pelo respeito aos interlocutores. Cada ser narra, se expressa na interação, com os recursos e possibilidades que possui e consegue manejar e alargar sua competência adaptativa e seu impacto sistêmico. Conjecturo como a percepção é processada, como cria a realidade e interage com

ela. Como profissional, busco compreender a percepção através da construção narrativa do ser a partir do meu movimento inicial de conexão com a especificidade de meu interlocutor, e não ao contrário. Penso que através da flexibilidade de minha autoecoorganização, posso atuar de modo mais efetivo com a autoecoorganização do sistema.

ANDE voltada ao próprio pesquisador

Conjecturo que a realidade é fruto de uma construção narrativa, uma ficção compartilhada. Meu interesse repousa no processo desta coconstrução valorizando a percepção e a narrativa do seu construtor. Se toda construção é uma coconstrução, logo o interlocutor pesquisador está implicado, e a tomada de consciência de sua participação é fundamental para diferenciar as narrativas presentes, do participante e sua, e contribuir positivamente com a tomada de consciência e de decisão, que resulta na emancipação dos envolvidos.

Cada um revela uma possibilidade interpretativa da realidade, “um retrato” que se modifica incessantemente. Minha proposta aceita esta delimitação de estudo não como uma limitação, e sim como uma característica inerente, ou seja, a narrativa do pesquisador e do participante desvelam seu modo de ser e estar no mundo em conexão com seu modo de perceber o mundo. Não há verdade única e infinita, e sim em constante mudança. Longe deste comportamento apoiar-se na passividade, ele baseia-se no posicionamento crítico do narrador e de seu interlocutor, respeitando ritmo e momento de elaboração.

No escopo do Olhar Fluido (Marques, 2005), em suas duas forças, consideramos as permanências e as mudanças. Quanto mais consistente e amplo for o campo do “Ponto de vista” do pesquisador, maior consciência e intencionalidade em suas decisões. Nele, a matriz operatória conceitual é acessada de modo mais direto, na prevalência da lógica cognitiva. Isso vale para o campo do “Ponto Cego”, todavia este jamais será completamente desbravada dadas as suas características e os seus múltiplos sentidos. A conscientização e/ou a elaboração podem minimizar sua interferência ou efeito negativo. Nele, prevalece a lógica do desejo, na qual a dinâmica do inconsciente interfere em nossa percepção-ação, em nosso âmago. Ambas as lógicas estão presentes em nossa psique, não são excludentes, embora por vezes contrárias, e transparecem em nossas narrativas.

Estes pressupostos alimentaram a sistematização teórico-metodológica da Análise Narrativa Dialógica Emancipatória (ANDE). A ANDE dialoga com o método autobiográfico (Abrahão, 2003, Alves, & Oliveira, 2022), conflui na corrente que se contrapõe ao positivismo e postula uma abordagem que valoriza a subjetividade. Considera o indivíduo sócio-histórico, interessa-se pela problematização do cotidiano e reconhece o valor investigativo e formativo das narrativas (Reis, 2012). Seus resultados não buscam uma verdade generalizável, e sim heurísticas possíveis de leitura de realidade que contribuam para novas leituras. Construímos e compartilhamos um universo simbólico, conjecturamos que a aproximação e o desvelamento destas dinâmicas sejam produtores para uma implicação mais consciente e ética de ser e estar no mundo.

A análise da autonarrativa do próprio pesquisador retrata o seu processo de criação perceptiva e interpretativa. Destaca o processo de criação vivenciado que pode ser refletido na não-linearidade do encontro entre pensar, sentir e agir. A aplicação do olhar fluido desperta ansiedade, pois vislumbra o desconhecido, o inesperado e o incontrolável. Esta ansiedade é operada de modo distinto quando ligada ao Ponto de Vista relacionado à matriz operatória predominante (conjunto de conhecimentos, experiências aprendidas, influências culturais valorizadas) e/ou ao Pontos Cegos afetados que se fazem presentes (traços mnésicos, representações inconscientes). Lidar com estas duas forças, aceitando-as e mergulhando nas oportunidades de aprendizagem que proporcionam é onde reside o desafio e a ousadia do pesquisador nesta abordagem. Seu resultado apontará sua capacidade de semipermeabilidade, sua disponibilidade de abertura, sua capacidade hermenêutica e conceitual, seu alcance elaborativo e de conscientização.

Considerações

Narrativa é a expressão do ser em interação. São fruto de negociações de sentido, pontos se presentificam no encontro, e que podem ou não produzirem conexões novas. Ao considerar a construção narrativa da realidade, favorece-se a emergência de estranhamentos com a quebra de naturalizações resultantes de cegueira psicológica. A reflexão crítica possibilita a ruptura com a alienação e o enfrentamento ao pensamento hegemônico opressor. Narrar algo não se resume a criar uma linha do tempo, ou listar fatos. Seu estudo não consiste em buscar averiguar

a veracidade das informações. Optar pela pesquisa narrativa é um ato político, visto que considera que nenhuma narrativa é isolada ou neutra. Sua direção volta-se na valorização do encontro e no respeito à subjetividade.

A principal recomendação para a aplicação da ANDE dirige-se para pesquisas qualitativas que valorizam a subjetividade, e consideram a importância da interação. O interesse na dinâmica desta interação está em como se dá a construção narrativa, o posicionamento e a possível atualização, a tomada de consciência. Cabe destacar que esta proposta não se aplica a todos os desenhos de pesquisa, como qualquer outro aporte metodológico. Sua escolha decorre da avaliação dos prós e contra analisados para uma tomada de decisão consciente. Penso que o caráter emancipador da autoria e autonomia do pensamento motiva sua aplicação em investigações nos campos de formação profissional da saúde e da educação, em especial junto à população em vulnerabilidade e/ou risco social.

REFERÊNCIAS

- Abrahão, M. H. M. B. (2003). Memória, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p.79-95, set. Disponível em <<https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>>. Acesso em 09 de setembro de 2021.
- Alves, C. J. G., & Oliveira, R. A. (2022). Narrativas Visuais de Pessoal Docente. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 07, n. 21, p. 292-306, maio/ago. Disponível em <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/11217/10347>>. Acesso em 10 de novembro de 2022.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Lima, J. R., Marques, V., & Pessoa, Y. S. R. Q. (2022). Empresa Júnior, seus desafios e contribuições para a formação profissional: autonarrativa de uma graduanda de Psicologia. *Revista Valore*. V.7, p. e-7001, set. ISSN 2526-043X. Disponível em <<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/1150>>. Acesso em 10 de outubro de 2022.
- Maluf, U. M. M. (2003). *Epistemologias não-ordinárias: paradigmas alternativos nas ciências humanas e sociais*. v.1e v.2. Rio de Janeiro: Booklink.
- Marques, V. (2005). *Rupturas epistemológicas e Psicologia: a importância do olhar fluido*. Rio de Janeiro. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/315805535_Ruptura_epistemologica_e_psicologia_a_importancia_do_olhar_fluido>. Acesso em 12 de setembro de 2022.
- Marques, V., & Satriano, C. (2014). Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. *Linhas Críticas* [online], vol.20, n.42, pp.257-282. ISSN 1981-0431. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4275>>. Acesso em 03 de maio de 2022.
- _____, & _____. (2017). Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*. Educação, desenvolvimento humano e narrativas de formação - Metodologias de pesquisa. v. 23, n. 51, 2017. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>>. Acesso em 11 de agosto de 2022.
- _____, Ursi, S., Silva, E. L., & Katon, G. (2020). Environmental Perception: Notes on Transdisciplinary Approach. *Scientific Journal of Biology & Life Sciences*. 1(2). SJBLS.MS.ID.000511. Disponível em <<https://irispublishers.com/sjbls/pdf/SJBLS.MS.ID.000511.pdf>>. Acesso em 18 de novembro de 2022.
- Morin, E. (2001). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2002). *A ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.

Pessoa, F. (2016 [1934]). *Obra Poética*. RJ: Nova Fronteira.

Reis, P. G. R. (2012). El potencial educativo e investigativo de las narrativas. In: Nuria, C. Reis, P. G. R. *Narrativas de profesores: reflexiones en torno al desarrollo personal y profesional*. Andalucía: Universidade Internacional de Andalucía, pp. 21-30.

Santos, M. S., Fouraux, C. G. S., & Marques, V. (2017). Narrativa de um atleta de bocha paralímpica: ouvindo os que não falam. *Mental* [online], vol.11, n.20, pp. 176-205. ISSN 1679-4427. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000100010>. Acesso em 22 de abril de 2022.

CAPÍTULO 17

ENTRE A PSICOLOGIA CLÍNICA, EPIDEMIOLOGIA E AVALIAÇÃO EM SAÚDE: UM POUCO DE TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO

Wanderson Fernandes de Souza

Aqui se inicia um capítulo que resume, também, a minha entrada na Universidade. É com muita satisfação que posso afirmar que minha trajetória como professor está intimamente ligada aos dez anos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ (PPGPSI/UFRRJ). Colocando em perspectiva, um ano após minha entrada no corpo docente da UFRRJ, fui agraciado com a chance de participar da criação do Programa de Pós-Graduação. Estive presente desde o primeiro processo seletivo, em uma época em que tínhamos apenas o mestrado em funcionamento. Ao longo desta década, reconheço que os projetos dos meus orientandos acabaram influenciando muitos mais os rumos das minhas pesquisas do que eu os influenciei com meus interesses acadêmicos. Até meados de 2022, tive a oportunidade de concluir a orientação de quinze mestrandos e, enquanto escrevia este capítulo, orientava mais seis mestrandos e seis doutorandos em diferentes fases de desenvolvimento de seus projetos.

Já no primeiro processo seletivo tive a sorte de ter duas alunas com interesses em comum. Ambas queriam estudar a saúde mental de alunos universitários. Organizamos uma pesquisa que desse conta do interesse de ambas. Foi realizada uma coleta de dados com quase 800 alunos da própria Rural, que nos rendeu três artigos: (1) Uma revisão sistemática sobre intervenções para o Transtorno de Adaptação, pensada sob a ótica da adaptação à vida universitária (Livio, Lameu & Souza, 2013); (2) Um trabalho resumindo dados de avaliação de saúde universitária entre seis instituições de ensino superior (Padovani et al; 2014); 3) Os resultados de uma pesquisa avaliando a prevalência de estresse entre o corpo discente da UFRRJ (Lameu, Salazar, & Souza, 2016). A pesquisa de campo realizada na Universidade gerou tantos dados que acabou servindo de base para o trabalho de outra orientada de mestrado que veio a entrar no ano seguinte. Desta vez, Luciana Nunes (Assistente Social da Universidade) debruçou-se sobre o histórico de traumas vivenciados por alunos universitários e concluiu seu mestrado com a dissertação intitulada “O impacto da violência na saúde e seus desdobramentos na vida acadêmica”.

Estas três dissertações iniciais concluíram os trabalhos de uma linha de pesquisa voltada ao estudo da saúde de estudantes universitários, o que me conduziu a, futuramente, escrever um capítulo de livro sobre depressão em universitários junto com a Professora Doutora Adriana Benevides da UERJ: “Revisão sistemática da literatura nacional sobre depressão em estudantes do ensino superior”. Esta investigação ressaltou os agravos a saúde e o estresse vivenciado pelos estudantes, assim como a importância de políticas que facilitem o transporte destes alunos as suas cidades de origem e contato com a família como forma de prevenção do estresse e promoção de saúde (Soares et al., 2020).

Paralelamente, uma outra linha de pesquisa resgatava um antigo tema de pesquisa da minha época de aluno de mestrado: Síndrome de Burnout. Com isso, uma nova linha se formou estudando o Burnout em grupos de trabalhadores dos mais variados segmentos. O primeiro trabalho, realizado por Priscila Boechat, intitulado “Síndrome de Burnout em Professores da Rede Pública de Seropédica e Itaguaí: Prevalência e Fatores Associados”, versou sobre a prevalência de Burnout em professores da rede pública de Itaguaí e Seropédica. O segundo trabalho foi conduzido pela mestranda Renata Resende com o título “Análise de Prevalência e Fatores Desencadeantes de Burnout em Equipe de Enfermagem da Atenção Básica à Saúde do Município de Volta Redonda.” e investigou a Síndrome de Burnout entre enfermeiros atuantes em Unidades Básicas de Saúde da Família na cidade de Volta Redonda. Ambas as dissertações reforçam o compromisso da pós-graduação não apenas com o espaço do Campus, mas também com o restante do interior do estado.

Ainda seguindo a linha de estudos sobre saúde mental de trabalhadores, outros dois estudos foram desenvolvidos agora avaliando sintomas de estresse pós-traumático em bombeiros militares. O primeiro trabalho intitulado “Prevalência de Estresse Pós-Traumático em Bombeiros Militares do Rio de Janeiro” foi conduzido por uma bombeira, enfermeira e funcionária da UFRRJ (Thaís Gouvea), investigando o histórico de traumas anteriores e durante o trabalho na corporação. Já o segundo trabalho, teve o título de “Prevalência do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e Avaliação da Memória de Reconhecimento em Bombeiros do Interior do Rio de Janeiro” sendo realizado por Ivan Fialho, que expandiu o trabalho anterior ao avaliar os mesmos sintomas em bombeiros do interior do estado, assim como sua associação com alterações de memória. Ivan continuou a se debruçar sobre a saúde de bombeiros ao retornar ao programa como aluno do Doutorado. Em 2017, Caroline

Hausman veio a contribuir com esta linha de pesquisa ao estudar as propriedades de algumas escalas psicométricas na avaliação da saúde de trabalhadores do setor *offshore* em seu trabalho “Estresse ocupacional em trabalhadores embarcados em plataformas *offshore* do Rio de Janeiro”.

No terceiro processo seletivo, duas alunas entraram e acabaram por desenvolver trabalhos em paralelo avaliando a qualidade de instrumentos psicológicos com dados obtidos na Academia Militar das Agulhas Negras, localizada na cidade de Resende/RJ. Bianca Janssens, psicóloga do setor de saúde do trabalhador da Rural, avaliou a “Satisfação com vida, satisfação com trabalho e engajamento em cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras”, enquanto Ellen Franklim estudou o estresse e Síndrome de Burnout nestes mesmos cadetes em sua dissertação “Estresse Percebido e Síndrome de Burnout em Cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras”.

Em 2016, tive a primeira experiência de orientar alunas no mestrado que já haviam sido minhas alunas durante a graduação na Rural. As duas primeiras foram Fernanda Calabar e Gabriela Bandeira. Mudando um pouco o perfil das pesquisas anteriores, as duas trouxeram projetos que traziam mais proximidade com suas experiências clínicas ao longo da graduação, fazendo com que eu também me reaproximasse aos temas que eu trabalhava com graduandos em psicologia. Fernanda continuou a pesquisa iniciada em seu trabalho de conclusão de curso e estudou “Habilidades sociais de crianças e adolescentes de instituições acolhedoras vítimas de violência”, enquanto Gabriela Bandeira aproveitou sua experiência na clínica em Terapia cognitivo-comportamental e estudou “*Mindfulness*: seu histórico e a percepção de estudantes universitários a uma adaptação de protocolo”. No tempo de seu mestrado, foi facilitadora de grupos de *mindfulness* dentro dos espaços da universidade. Acompanhando a trajetória das duas alunas anteriores, no ano seguinte, Patrícia Sena dá continuidade à linha de pesquisa clínica e estuda uma modalidade de psicoterapia de base cognitivo-comportamental chamada de Terapia do Esquema. Sua dissertação investigou “Esquemas desadaptativos remotos e estilos parentais em pacientes portadores de sintomas depressivos”. O estudo desta temática está tendo continuidade com a aluna Sílvia Maria, tendo previsão de terminar seu mestrado no início de 2023 com uma dissertação que tem o título provisório de “Esquemas iniciais desadaptativos em pacientes com comportamento suicida.”

Outros trabalhos com um caráter mais clínico também sugeriram a partir da interface com os estudos em psicoterapias cognitivo-comportamentais. Depois de ter realizado seu trabalho de conclusão de curso investigando intervenções voltadas para o tratamento de sintomas do transtorno de ansiedade generalizada, Ellen Mariane publicou os resultados do seu TCC em um capítulo de livro com o título: “A Terapia cognitivo-comportamental em grupo para sintomas de ansiedade generalizada: relato de experiência” (Santos, Lameu & Souza, 2020). Continuou seu interesse se aprofundando na mesma temática em uma dissertação que teve o título “Avaliação da eficácia de um protocolo de tratamento cognitivo-comportamental em grupo para o transtorno de ansiedade generalizada”. Ainda dentro da perspectiva da Terapia cognitivo-comportamental, Alexandra Pereira estudou a qualidade de vida sexual e assertividade sexual feminina a partir da ótica da Teoria Cognitiva Sexual. Depois de um estudo sobre sexualidade ainda na graduação, Alexandra terminou o mestrado com uma dissertação com o título: “Adaptação transcultural e evidências de validade de dois Instrumentos para avaliação da sexualidade da mulher brasileira”. Os estudos desenvolvidos ao longo do seu mestrado levaram a publicação de dois artigos, um deles com um aspecto mais teórico e outro de caráter mais prático. O artigo teórico trouxe uma discussão sobre o tabu do estudo da sexualidade feminina e foi intitulado “Prazer sexual feminino: a experiência do orgasmo na literatura” (Pereira & Souza, 2020). Já a pesquisa prática trouxe a adaptação de um instrumento de avaliação para ser usado na área da sexualidade feminina e recebeu o título: “Adaptação transcultural e validade do *Questionnaire on Sexual Quality of Life – Female* (SQoL-F) para o Brasil” (Pereira & Souza, 2022).

No ano de 2019, Marcus Vinícius Freitas Rodrigues, aluno originalmente do curso de graduação em Educação Física da Rural, me fez retornar as pesquisas de cunho mais biológico, que fizeram parte do início da minha trajetória como pesquisador. Sua dissertação teve o título “Música relaxante e sua relação com respostas psicofisiológicas de estresse e ansiedade em estudantes universitários”. A pesquisa avaliava o efeito da música relaxante, da música preferida e do silêncio na autopercepção de relaxamento. Um resumo dos resultados desta pesquisa foi publicado em um capítulo de livro que levou o nome “Música faz bem? Silêncio também. Os efeitos da música relaxante no estresse e na ansiedade” (Rodrigues, Silveira & Souza, 2023).

Em uma perspectiva um pouco diferente, Daiane Bocard, desenvolveu um trabalho voltado para a área da orientação profissional e defendeu seu mestrado com a dissertação “Avaliação da orientação profissional grupal em adolescentes do último ano do ensino médio com foco na maturidade e indecisão vocacional”. Em seu trabalho, mostrou como o trabalho de orientação profissional pode auxiliar na redução da indecisão e promoção da maturidade para a escolha profissional em estudantes tanto da rede particular quanto da rede pública em Seropédica.

Como pesquisador do Laboratório de Estudos do Corpo e Movimento (LECOM), sempre tive contato com projetos de alunos tanto da educação física quanto da psicologia, interessados na área da psicologia do esporte. Entretanto, de todos estes trabalhos, apenas Ana Ramires deu continuidade a estas investigações ao longo do seu mestrado. Depois de ter estudado as propriedades psicométricas de escalas de avaliação utilizadas na área do esporte em sua iniciação científica, Ana aprofundou seu interesse no mestrado com os “Aspectos da prática e da relação entre a Psicologia do Esporte e o esporte para o desenvolvimento”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do PPGPSI tem sido extremamente recompensador tendo me possibilitado a orientação e participação de trabalhos em áreas diversas. Os trabalhos transitaram pelas áreas clínica, psicometria, estudos laboratoriais, psicologia do esporte e saúde no trabalho. A vinculação ao programa também me permitiu a participação em dois grupos de trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Inicialmente no Grupo de Trabalho (GT) de Processos Avaliativos em Psicologia e futuramente no GT: Pesquisa Básica e Aplicada em uma Perspectiva Cognitivo-Comportamental. A criação do curso de Doutorado reforça o comprometimento de todos os membros do programa com a formação de pesquisadores com senso crítico, responsabilidade social e com a boa prática da psicologia no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Lameu, J.N.; Salazar, T.L.; Souza, W.F. (2016) Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. *Psicologia da Educação (Online)*, v. 42, p. 13-22.
- Padovani, R.; Neufeld, C.B.; Mantoni, J.; Barbosa, L.N.F.; Souza, W.F.; Cavalcanti, H.A.F.; Lameu, J.N. (2014) Vulnerability and psychological well-being of college student. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas (Impresso)*, v. 10, pp. 1-10.
- Pereira, A.S.; Souza, W.F. (2022) Adaptação Transcultural e Validade do Questionnaire on Sexual Quality of Life – Female (SQoL-F) para o Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria (Online)*, v. 72, p; 1-8, 2022.
- Pereira, A.S.; Souza, W.F. (2020) Prazer Sexual Feminino: A Experiência do Orgasmo na Literatura. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 30, p. 31-37, 2020.
- Rodrigues, M.V.; Silveira; A.B.; Souza, W.F. (2023) Música faz bem? Os efeitos da música relaxante no estresse e na ansiedade. *Saberes em Psicologia*, v. 1, p, 132-147.
- Santos, E.M.S.; Lameu, J.N.; Souza, W.F. (2020) A Terapia Cognitivo Comportamental em Grupo para Sintomas de Ansiedade Generalizada: Relato de Experiência. Em: Ana Cláudia Azevedo Peixoto, Carla Cristine Vicente, Luciene de Fátima Rocinholi. (Org.) *Práticas na Formação em Psicologia – Supervisão, Casos Clínicos e Atuações Diversas*. 1 Ed.
- Soares, A.B.; Monteiro, M.C.; Santos, Z.A.; Souza, W.F. (2020). Revisão sistemática da literatura nacional sobre depressão em estudantes do ensino superior. Em: Adriana Benevides Soares; Luciana Mourão; Marcia Cristina Monteiro. (Org.). *O estudante universitário brasileiro: Saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira*. 1ed. Curitiba: Appris, v. 2, p. 71-90.

Histórico sobre o Programa de Pós-graduação em Psicologia

Gestão: Coordenação / Vice-Coordenação

Ana Claudia de Azevedo Peixoto*

Emmy Uehara Pires

Lilian Maria Borges

Lilian Miranda

Luciene Alves Miguez Naiff

Ronald Clay dos Santos Ericeira*

Valéria Marques de Oliveira

Obs.: * Coordenadores atuais do curso (2024)*

Corpo Docente

Ana Claudia de Azevedo Peixoto*

Aureliano Lopes da Silva Junior*

Carla Cristine Vicente

Deborah Uhr*

Denis Giovani Monteiro Naiff*

Diana Ramos de Oliveira*

Emmy Uehara Pires*

Fernanda Canavêz*

Jaqueline Rocha Borges dos Santos*

Lilian Maria Borges*

Lilian Miranda

Luciene Alves Miguez Naiff*

Luciene de Fátima Rocinholi*

Luna Rodrigues Freitas Silva*

Marcos Aguiar de Souza*

Marcus Vinicius Câmara

Mariana Ferreira Pombo*

Nilton Sousa da Silva*

Ronald Clay dos Santos Ericeira*

Rosa Cristina Monteiro

Rosane Braga de Melo*

Silvia Maria Melo Gonçalves*

Valéria Marques de Oliveira*

Wanderson Fernandes de Souza

Obs.: * Professores atuais do curso (2024)*

SOBRE OS AUTORES:

Ana Claudia de Azevedo Peixoto - - <http://lattes.cnpq.br/8401119661754632>
Graduada, Mestre e Doutora em Psicologia.

Deborah Uhr - - <http://lattes.cnpq.br/2530831274773815>
Psicóloga, Mestre em Saúde Coletiva, Doutora em Psicologia Clínica.

Emmy Uehara Pires - <http://lattes.cnpq.br/6389610616100719>
Psicóloga, Neuropsicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, Especialista em Docência e Metodologias para o Ensino Superior, e em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD.

Fernanda Canavêz - <http://lattes.cnpq.br/6013225234718187>
Psicóloga, Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica.

Jaqueline Rocha Borges dos Santos - <http://lattes.cnpq.br/6033928296087157>
Graduada em Ciências Farmacêuticas, Especialista em Gestão em Saúde Pública e em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Mestre e Doutora em Farmacologia, Pós-doutora em Saúde.

Lilian Maria Borges - <http://lattes.cnpq.br/0531526137015076>
Graduada, Mestre e Doutora em Psicologia.

Luciene Alves Miguez Naiff - <http://lattes.cnpq.br/8033891142878879>
Psicóloga, Mestre, Doutora e Pós-doutora em Psicologia Social.

Luciene de Fátima Rocinholi - <http://lattes.cnpq.br/8939383842421721>
Psicóloga e Esquizoanalista, Neuropsicóloga, Mestre e Doutora em Psicobiologia e Pós-doutora em Clínica Médica.

Luna Rodrigues Freitas Silva - <http://lattes.cnpq.br/0506413251322538>
Psicóloga, Mestre e Doutora em Saúde Coletiva.

Marcos Aguiar de Souza - <http://lattes.cnpq.br/8330562093476420>
Graduado, Mestre e Doutor em Psicologia, Pós-doutor em Gestão, com ênfase em métodos quantitativos.

Marcus Vinicius Câmara - <http://lattes.cnpq.br/7018607911182481>
Graduado, Mestre e Doutor em Psicologia.

Mariana Ferreira Pombo - <http://lattes.cnpq.br/9328265970346299>
Graduada em Psicologia e em Comunicação Social, Mestre em Comunicação e Cultura, Doutora em Teoria Psicanalítica, Pós-doutora em Teoria Psicanalítica.

Nilton Sousa da Silva - <http://lattes.cnpq.br/3803335892269540>
Psicólogo, Mestre em Filosofia, Doutor em Psicologia, Pós-doutor em Serviço Social.

Ronald Clay dos Santos Ericeira - <http://lattes.cnpq.br/7411392702332062>

Graduado em Psicologia e em Relações Internacionais, Mestre em Ciências Sociais (Antropologia), Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural), Doutor em Psicologia Social, Pós-doutor em Psicologia.

Silvia Maria Melo Gonçalves - <http://lattes.cnpq.br/4323286140400528>
Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, Doutora em Psicologia.

Valéria Marques de Oliveira - <http://lattes.cnpq.br/5123633584695574>
Psicóloga, Pedagoga, Turismóloga, Psicopedagoga, Especialista em: Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos, em Gestalt-terapia, em Educação Especial/Pessoas com Deficiência Auditiva, em Educação a Distância, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia, Pós-doutorado em Educação.

Wanderson Fernandes de Souza - <http://lattes.cnpq.br/7822122440477341>
Psicólogo, Mestre em Ciências, Doutor em Saúde Pública.

